

Zaridadi

Nuo pada
Datu der
Biblioteka

BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N. 1238

VOL 1

DATA 8-5-97

ENSAIOS DRAMATICOS.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"

Tombo N.º 5140

1850

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY

1850

Com mão tremula venho hoje apresentar ao publico o primeiro volume dos meus ensaios dramaticos.

Quando á vez primeira affrontei os mares da publicidade, a inexperiencia dos tenros annos me não deixára vêr claramente os perigos que ia correr. E esta benevolencia sincéra e quasi unanime, que em nossa terra saúda sempre um autor novo, occultou-me tambem por muito tempo o grave compromisso que havia então contrahido.

Hoje sinto que fiquei muito áquem das esperanças que pude inspirar, e este sentimento me perturba e entristece.

Entretanto ousava acreditar que estes meus trabalhos não serião de todo perdidos.

Nosso theatro não está ainda edificado. Si fosse mistér proval-o, eu lembraria que esta é a ultima forma litteraria do bello, e que não depende, como a lyrica, só do entusiasmo do poeta ; mas como o epico, alimentando-se da vida intima e ordinaria do povo, só tóca a sua perfeição no desenvolvimento completo do espirito nacional.

E sabem todos que estas grandes obras não são a preocupação de um homem, nem

se resumem no trabalho de uma só geração. O tempo é o artista que as vai elevando suave e lentamente.

Todos os esforços nobres e conscienciosos não podem ser recusados: serão acceitos e aproveitados, por improficuos que pareçam. O proprio erro dicta lições uteis.

Depondo no altar da patria esta pobre offerta, pago o devido tributo de filho agradecido.

Ella comprehenderá, como os meus amigos comprehendem, que eu consagrara, se pudesse, duradouros monumentos á sua gloria.

Esta esperanza é a minha recompensa: outra não quero.

S. Paulo, 6 de Agosto de 1862.

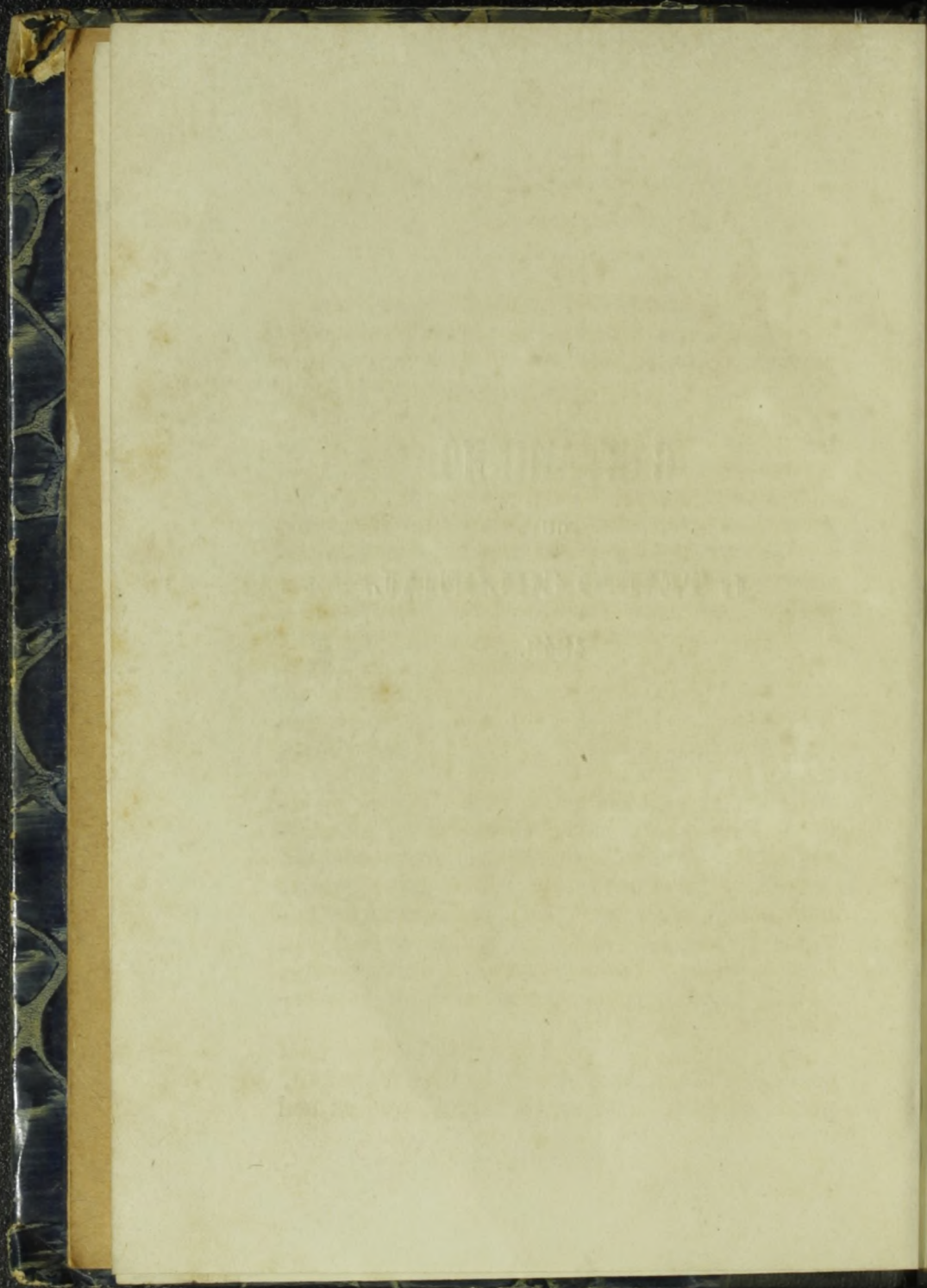
P. A. da Valle.

CAETANINHO

ou

O TEMPO COLONIAL.

1848.



PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

FOI nos ultimos dias de Julho do anno proximo passado, que tive a idéa de escrever este drama. Era então como um monumento, que eu e um dos meus amigos queriamos erguer no limite de nossa carreira academica, para attestar sempre nossa amizade, nossos estudos, nossa vida commum de tantos annos. O meu amigo achou porém simples demais este assumpto, que eu lhe offerecia, e exigio um, que desenvolvesse mais lances affectuosos, mais riscos e perigos, que fosse mais dramatico, ou emfim—uma piramide do Egypto.

Para construil-a não me achei com forças bem que contasse com as suas: separei-me pois d'elle, e vim, por distracção, fazer isso que vai por essas paginas, e que talvez pretenciosamente chame drama.

Explicar as difficuldades, com que tive de lutar, e como as transpuz, enumerar os embarços que julguei insuperaveis, e dos quaes me desviei, jamais conseguiria. Não sei o quefiz, nem para o fazer tive plano combinado de antemão; não sei tambem como meditar em cousas destas. Forão inspirações de momento, que aqui estão, como vieram, si é que inspirações posso chamal-as.

Sei sómente que segui a tradição, por mais poetica, e fiz por me possuir do meu assumpto, pondo de parte autores, e regras, que eu mal

comprehendia. No 1.º de Setembro já estava tudo escripto e acabado, com as partes tiradas para subir á scena no theatro da sociedade dramatica Constancia, d'esta Cidade.

Durante os ensaios e mesmo agora, pude com o soccorro de amigos, e litteratos (*), fazer-lhe as correccões leves ;—as maiores destruirião a obra, e era de crer que eu não a pudesse mais reconstruir.

Em a noite de 2 de Outubro teve lugar a representação. Já a natureza do assumpto tão sentimental, tão verdadeiro, e tão commemorado sempre, e já principalmente o desempenho das partes muito além de todas as minhas previsões me grangearam applausos, que certamente só pelo que no drama havia de meu não os mereceria jamais de tão numeroso e distincto auditorio. E si um testemunho de gratidão é aqui devido á todos aquelles, que só por generosa sympathia me acolherão e louvarão, eu apenas posso dizer-lhes que as lembranças da noite de 2 de Outubro de 1848—ficão indeleveis em meu coração, e hão-de ser indubitavelmente as mais doces de minha vida publica e litteraria. Deixo as lagrimas e bravos á quem pertencem. . .—só os quizera para offerecer aqui tam-

(*) Entre as pessoas que me auxiliarão neste trabalho, aconselhando-me, e animando-me, eu ousou citar o Sr. Dr. Antonio Joaquim Ribas, que não duvidou por vezes despende benignamente comigo largas horas de suas profundas meditações, para tirar-me de immensas difficuldades. Dando porém este passo tenho unicamente em vista annunciar-o aos nossos moços de letras que, necessitam mais de uma copacidade, que os dirija e acorção, do que de talentos que lhe sobraõ.

bem á uns olhos, que muito chorarão por me verem onde estou, e muito chorarão ainda vãmente por me não poderem vêr acima de todos os homens nas virtudes, e nas letras. Elles porém já tem minha vida ;—era tudo que eu podia dar-lhes em paga do mais acrysolado, do mais celeste desvello maternal...

Finalmente entregando hoje á imprensa este pequeno volume com o meu nome, não desejo lucros, nem ambiciono glorias.—Faço aos meus amigos uma dadiva em reconhecimento de quanto lhes devo.

Si tivesse algum merito por si, imprimira-o para erguer um monumentosinho para elles, e para mim mesmo—e n'uma de suas faces escrevêra o que o leitor já vio (*).

Nas outras... .

Basta:—só a consciencia cumpria fallar neste lugar, o coração já interveio demais.

Silencio pois á elle, e perdão—de tudo—ao autor.

S. Paulo, 30 de Abril de 1849.

(*) A dedicatoria do drama—feita pelo autor á Provincia, e em particular a sua Mãe D. Maria Lourença do Valle, e aos seus amigos, como premicias de suas letras.

PERSONAGENS.

CAETANINHO—Soldado da Legião de S. Paulo.
ANTONIO LOBO—Ajudante d'ordens do Governo.
MARTIM LOPES LOBO DE SALDANHA—Capitão-Ge-
neral de S. Paulo.
Dr. ESTEVÃO GOMES TEIXEIRA—Ouvidor d'esta
Comarca
Fr. ANTONIO GALVÃO—Religioso Franciscano.
PRESIDENTE. }
AUDITOR. } 2.º Conselho de Guerra.
1.º CAPITÃO. }
2.º CAPITÃO. }
MANOEL PIRAHY.
JORGE Soldado.
1.º IRMÃO. } da Misericordia.
2.º IRMÃO. }
JOANNA.
MIQUELINA.
UM ORDENANÇA.
HOMENS E MULHERES—ACTORES—MUSICOS—
UM VOGAL DO CONSELHO—SOLDADOS.

A acção começa em S. Bernardo,—e conti-
nua em S. Paulo,—no anno de 1781, entre 16
de Setembro e fins de Outubro.

ACTO I.

ANTONIO LOBO.

O terreiro da fazenda dos Frades Benedictinos em S. Caetano. No fundo a frente da casa principal vasta e grosseira, como todas as nossas construcções deste genero, e já em ruinas; o alpendre com a competente cancella de grades cahida, e bancos de madeira fixos ao longo do parapeito. Dos lados linhas de arvores e roseiras. E' de tarde, e o tempo está fixo e claro.

SCENA I.

JOANNA—*encostada ao parapeito, em attitude de meditação e tristesa preludiando distrahidamente em um violão, e dentro do alpendre, contemplando-a*—ANTONIO LOBO.

JOANNA, *cantando.*

Como o lyrio das campinas,
Que a tempestade esmagou,
E nas aguas da torrente
Impetuosa arrojou,
—Ai de mim! vivo eu no mundo
No rigor da desventura;
Morrêrão doces esp'ranças,
E eu desço á sepultura. . .
Mas, ó Deos! guarda este affecto
Do triste coração meu. . .
—Si a terra não o merece
Merece-o talvez. . . o céo!

ANTONIO LOBO *no alpendre.*

Sempre queixas, e lamentos, Joanna! sempre a mesma cantiga triste e desesperada...

JOANNA, *voltando-se assustada.*

Ah! estaveis aqui, Sr. Antonio Lobo!—não quizestes passear?

ANTONIO LOBO.

Não sabes que... Como ficaste venho fazer-te companhia.

JOANNA, *receiosa.*

Não, Senhor! eu tambem vou-me apoz delles; esperava sómente que se alongassem mais.

ANTONIO LOBO *descendo á scena.*

Bem, irei contigo, iremos juntos.

JOANNA, *o mesmo.*

Por quem sois, não tomeis tamanho incommodo... Eu irei sósinha; ide vós, que já terão estranhado... lamentado vossa ausencia.

ANTONIO LOBO *galanteando.*

Principalmente a tua...

JOANNA.

A minha, porque?—Não ha lá ninguem...

ANTONIO LOBO, *insinuante*.

Mas aqui....

JOANNA *séccamente*.

Como lá tambem. E ide-vos, que já os vejo summirem-se por entre aquellas arvores (*Apon-tando á esquerda*).

ANTONIO LOBO.

E queres mesmo ir só ?

JOANNA.

Sim, Senhor, (*Meigamente*). Demais talvez tenha logo quem me faça companhia.

ANTONIO LOBO.

Sei, Joanna! sei. . . —nem quizera para mim o que é de outro...Era sómente para disfarçares uma hora passada á sós neste ermo. . .

JOANNA.

Não, Senhor! eu gosto de estar só,—bem só.

ANTONIO LOBO.

Ides pois, ou ficais ?

JOANNA, *irresoluta*.

Ficarei... resolvo-me a ficar : não estou boa,

e a tarde me parece fresca de mais. Daqui mesmo ver-vos-hei chegar com a nossa gente.

ANTONIO LOBO.

E assim me repelles Joanna? Oh! que mal-fadado odio é este que te inspiro?!

JOANNA.

Não vos entendo...

ANTONIO LOBO.

Eu sou que me não entendo quando te vejo, e fallo, e quando assim me repelles de teu lado... ingrata!

JOANNA, *agastada.*

Eis-vos com a molina costumada!

ANTONIO LOBO, *supplicante.*

Joanna! deixa-me ficar aqui... de braços crusados, de olhos baixos, silencioso e humilde como teu escravo.

JOANNA, *sahindo pela direita.*

Ficai pois; se é do vosso gosto.

ANTONIO LOBO, *tomando-lhe o passo.*

Não, é muito! já agora ouvir-me-heis tu-

do... (*Enternecendo-se*), tudo que me suffoca dia e noite entre os homens, como no retiro, tudo que ousou conceber esta alma desgraçada...

JOANNA.

Paciencia ! ouvir-vos-hei ; mas sede breve, e lembrai-vos que...

ANTONIO LOBO.

E' inutil ! lembrar-me de que ?—Agora has-de ouvir-me tudo, e tremer !—e tremer, Joanna ! O tigre estava manso e submisso curvado aos teus pés ; pisaste-lhe o collo, elle se levanta colorido e ameaçador !...

JOANNA, *ironica*.

Assustais-me, Senhor.

ANTONIO LOBO, *brando*.

Assustas-te ! não, não te assustes ; que mal posso fazer-te ? —eu sou um miseravel... miserimo, que não posso conter estes vãos transportes. Mas, tu o vês, tuas ultimas palavras apagarão o fogo que outras accendêrão.

JOANNA.

Dissestes tudo ? posso retirar-me ?

ANTONIO LOBO.

Joanna ?... ainda te não disse nada. Digo-

te que me mates, que me... (*De joelhos*) Joanna!
em que te aborreço?—dize-me!

JONNA, *à parte.*

Quem me livrará deste homem, meu Deos!
(*Allo*) Levantai-vos, Senhor! não vos canceis
debalde, não me canceis também á mim.

ANTONIO LOBO.

Joanna! uma só palavra!

JOANNA.

Não... Já sei o que quereis, e também já
tendes a minha resposta formal, e derradeira.

ANTONIO LOBO, *levantando-se.*

Sim! fugir-te, deixar-te para sempre, não é
assim? Oh! é muito, é muito!—eu filho de
um General, eu senhor, e poderoso aqui curva-
do aos pés de uma mulher do povo, que nem
sabe o que valem os meus galanteios!... Pois
bem, Joanna... Senhora D. Joanna! eu já es-
tou arrependido do que disse (*Com gesto sinistro*).
Arripio carreira.

JONNA.

Fazeis muito bem, Senhor.

ANTONIO LOBO, *mais brando.*

De certo; fiz mal, confesso-o: vou tentar
outros meios, os meus meios.

JOANNA.

Violencia ! (*Com esmagador desprezo*).

ANTONIO LOBO, *humilhado*.

Joanna, minha Joanna ! perdôa-me ; eu sou um louco, um desgraçado. . . e mais desgraçado ainda, por que nem tu me avalias o padecer !—Eu te amo, eu te amo !—é a primeira vez que sahem de meus labios estas palavras, é a primeira vez que toco esta solemne realidade da vida, o amor, de que tanto tempo pude duvidar! . . . Joanna ! (*Supplicante*) que queres que eu faça para merecer-te ?—que queres ? falla ! serás obedecida, por mais difficil que seja o que ordenares. Ambicionas ouro, sedas, brilhantes ?—sabes que meu pai é rico ; terás palacios, jardins, opulencias, e adorações de uma princeza, serás a inveja do teu sexo, e o orgulho do meu coração. Desejas um homem que te ame como á uma esposa, que te adore como á um anjo, que te siga incansavel como a tua sombra, que pense e sinta unicamente por tuas palavras, que viva finalmente para ti, e que não duvide por tí affrontar a morte mais cruel, ou ignominiosa? . . . (*Ajoelhando-se*) Aqui me tens, aqui está esse homem, que procuras. . . —Eil-o ! satisfeito com um teu olhar, e feliz com um só dos teus sorrisos ! . .

JOANNA, *com dignidade*.

Levantai-vos, Sr. Antonio Lobo ! entrai em vós, não delireis assim, que me affligís, e cons-

ternais. Não deveis ter comigo, não posso ouvir-vos, essa linguagem: sois filho de um General, e eu sou uma engeitada; sois rico, e poderoso, eu pobre e desvalida; era impossível que vos amasse, era impossível que me ligasse á vós por qualquer modo. Mas vós sabeis tudo, eu já não tenho direito á mim mesma, já pertenço á outrem pela condição, e pelo coração. Illudir-vos não posso; nem devo trahir-vos!... Basta! cessai de me repetir que me amais, deixai-me amar á quem meu coração já escolheu, e lembrai-vos que vós promettestes solememente, não á mim, mas promettestes, proteger este amor. . . Escutai-me, fazei-me o favor, deixai-nos á todos: acabai com estes passeios, com estas festas, em que vos perdeis, como o vosso dinheiro, e ide para o vosso palacio. Lá com essas damas de fina educação, e delicado espirito vos esqueceréis em poucas horas de mim, de todos, lamentareis mesmo o tempo que entre nós tendes perdido. E estes homens, que vão para suas casas, que reconhecão que esta vida não póde ser a sua.

ANTONIO LOBO furioso.

Oh! que poder, que estranho arbitrio exerce sobre mim!—que submissão, que fraqueza no indomavel e rude Antonio Lobo! Mudança espantosa!—eu que só sabia mandar como senhor absoluto, que via impassivel á meus pés mulheres, supplicas e lagrimas, prostro-me, supplico, e uma mulher. . . mulher sem nascimento, que vive na miseria e na abjecção. . .—me repelle e expesinha! E eu tão dominado por seu

olhar, tão vencido por sua deploravel altivez !
(Resoluto) Adeos, Joanna !—tomo o teu conselho, nada mais te direi do que já ouviste de meus labios...—os factos vão fallar por mim.
 Adeos, Joanna.

JOANNA, *com enfado.*

Até logo, Sr. Antonio Lobo. *(Caminhando para o alpendre.)*

ANTONIO LOBO, *com expressão feroz.*

Serás minha ! eu t'ó juro pelo meu orgulho !
(Vai-se.)

SCENA II.

JOANNA, *só.*

Jurai. . . podeis jurar pelo que quizer-des ! . . .
(Voltando-se) Que homem, meu Deos ! persegue-me incessantemente, em toda a parte,—é o meu tormento de todos os dias. *(Triste)* Como são os homens, alguns, não todos ! este, este ! E outro que o suppõe tão seu amigo ! andão sempre juntos, chamão-se fieis e inseparaveis.. .Oh!—mas eu me levantarei entre a trahição e o trahidor, e que rogue, que ameace. A luta se travará entre nós ambos, ninguem mais hade intervir, e eu heide vencer. . . oh ! se venceré ! *(Pausa—impaciente)* E ninguem ainda da cidade ; que terá acontecido ! é já quazi noite, já tinha tempo de aqui estar. . .*(Senta-se)* Desde a madrugada que o não vejo ; foi-se ao seu amaldiçoado serviço. E quando nos separamso,

parece que não nos tornaremos mais a ver, e que tudo se acaba para mim no mundo ! (*Levanta-se*) Que demora ! — E este ajudante ! (*Observando aflicta*) quem sabe o que fará, capaz de tudo é elle ! meu Deus ! (*Como repellindo uma idéa negra*) meu santo Deus ! (*Cobre o rosto com as mãos e chora*).

SCENA III.

JOANNA, E CAETANINHO.

CAETANINHO.

Joanna, minha Joanna ! que tens ? estás doente ?

JOANNA.

Ah ! chegas enfim ! tanto te demoraste ! . . . Mas o prazer de ver-te, paga-me a anciedade de esperar-te. (*Abração-se*).

CAETANINHO.

E eu que não tive azas para voar á ti, que não me posso dividir entre ti, e estas minhas penosas occupaões ! Mas deixa que hade vir um tempo, em que nunca mais nos separaremos.

JOANNA, *desconsolada*.

Ah ! quando !

CAETANINHO.

Logo, Joanna ! logo — Deos é grande !

JOANNA.

Si elle me ouvisse !

CAETANINHO.

E hade ouvir-te ;—nem os homens poderião resistir ás suas supplicas, quanto mais elle, que é a summa bondade. Diz-me, tu me amas ?

JOANNA.

Oh ! si te amo !

CAETANINHO.

Pois bem ; Deos hade proteger nossa união.

JOANNA.

Os anjos que te fallem pela bocca ! Mas já sabes ? estou só ; fôrão-se todos de passeio por esses campos. Estiverão á mesa até agora : comerão, beberão, gritarão. . .

CAETANINHO.

Como sempre.

JOANNA.

Sim, como sempre :—loucuras todo o dia, que me martyrisarão em tua ausencia. Deixal-os... não vamos lá, fiquemos aqui ; sentemo-nos aqui. (*Sentão-se no parapeito.*)

CAETANINHO.

E onde, minha Joanna !—me acharia eu melhor do que á teu lado ?

JOANNA, *meiga*.

Onde ?... no céo...

CAETANINHO, *com expressão*.

Mas...gosto tanto de ti, e em tua presença repouso tão docemente, que devo suppor-me ao menos junto ás portas do céo. Mas dize-me, por que ficaste aqui tão triste ?

JOANNA.

Não quiz que me esperasses, e enquanto eu voltasse do passeio soffreria mais de saudade.

CAETANINHO.

Minha Joanna !

JOANNA.

Olha, Caetaninho ! eu sou muito indiscreta ; ás vezes fallo á.tôa, como uma criança...

CAETANINHO.

Oh ! queres acaso desdizer-te de tuas saudades ?

JOANNA.

Só si fosse por não ter dito quanto é pungente... Não é isso. E' que não te peço que te cases comigo para eu ser feliz, já sou...

GAETANINHO.

Tambem eu, Joanna!—amas-me, adoro-te. Quando os nossos corpos se separam, as nossas almas ficão reunidas; contemplão-se, suspirão, e gosão as delicias de uma saudade reciproca. Quando, como agora, estamos juntos, cruzão-se nossas palavras, nossos olhares; nossos corações tocão-se, communicão-se mysteriosamente... e eu bebo a felicidade no teu halito, que ávido respiro. Que mais podia trazer-nos um hymenêo? a benção celeste?—Já deve estar de á muito abençoada uma união, que tem por base o amor e a virtude. (*Pausa*).

JOANNA.

E eu agora... estou tão satisfeita de meu coração por ver-te comigo, e contente, que não sei que mais gosos haverião para mim no mundo.

CAETANINHO, *com emoção*.

Cala-te, Joanna! não digas mais, não me enlouqueças de alegria!... (*Pausa*) E que seja eu tão pobre, um pobre soldado, que só tenho de meu um soldo miseravel, sempre incerto, em paga de pesados trabalhos longe de tua vista!

Ah ! quanto sinto hoje, — eu que nunca fui ambicioso, não possuir oiro aos montes para todo te depôr aos pés, Joanna ! Nem poder ser ao menos um desses soldados de valor, e de fama, de quem se contão tantas façanhas admiraveis, que marchão ao som de hymnos e vivas, pisan-do côroas de louros por entre as multidões. Não ser eu ao menos um desses para te poder offerer, com a minha mão, um nome glorioso, que te erguesse ácima do meu nada, e te mos-trasse ao mundo qual és — bella generosa, su-blime, diviua ! (*Pausa — com ternura*). Joan-na !...

JOANNA, *violentamente commovida*.

E que vale o oiro ? — que importão as glorias, que o mundo celebra e admira ? Está nisso a felicidade ? — que maistrarião ? compensar-me-hiã o teu amor, e esta minha satisfação de amar-te ? ... (*Silencio — mudos suspiros, íntimos, e ine-faveis gosos*).

CAETANINHO.

Oh ! Joanna ! si esta esperança que tenho de ligar-me á ti para sempre, de misturar com os teus todos os meus dias, de me não separar de ti um momento, é só uma illusão, que se hade em breve desvanecer: eu peço agora á Deos, que me deixe aqui á teu lado... que me lance com-tigo no meio de um desses sertões desconhecidos, e impenetraveis, e abi nos deixe eterna-mente á par um do outro, immoveis como dois troncos, dois rochedos... — estatuas ambos, in-sensíveis e mortos para tudo, menos para o

amor; menos para estas emoções, que me transbordão agora do peito, e me compensão todos os prazeres da vida! . .

JOANNA.

Sim, Caetaninho! eu sinto, como tu; mas não sei exprimir-me. Digo-te sómente, que na minha alma antes de ti só Deos, e depois.. o tumulto!—(*Com tristesa*).

CAETANINHO.

Só Deos:—o tumulto.. levaria á ambos!— Mas escuta-me, pareceu-me entrever nas tuas palavras não sei que receios, de que estás possuída hoje, que contamos—com a protecção dos mais honrados e poderosos Paulistas, e que até o ajudante Antonio Lobo se empenha tanto em nossa união?

JOANNA, á parte.

Ah! . .(*Alto*) Não te afflijas; não te disse eu que ás vezes fallo á tôa, como uma criança?

CAETANINHO.

Não, Joanna! quanto mais me queres tranquillisar, mais me assustas, e te commoves. . .— Dize, o que temes?—tu nunca tiveste segredos. . .nunca guardamos segredos um do outro.

JOANNA, *dissimulando*.

Agora é que me estás assustando, e entriste-

cendo deveras ! Nada ha, Caetaninho !—tu tam-
bem nunca duvidaste de mim. Se porém al-
guem pretende o meu amor... que venha ; será
mais um triumpho para ti.

CAETANINHO.

Pois bem, Joanna ! eu quero convencer-me
de que me enganei, quero crêr...—Devo-o para
não morrer de zêlos—que ao pobre soldado que
não tem pai nem mãe, que nada possui no mun-
do, fica o maior thesouro, a sua Joanna, a sua
vida, o anjo da sua guarda. Tambem és pobre,
tambem tens apenas uma mãe extremosa, é ver-
dade, mas pobre como eu e enferma... Na tua
alma, oh ! ahi não ha pureza de serafim, nem
graças de anjos, que não possuas ; mas a tua al-
ma está occulta, apenas transluz nesses olhos,
que mal gaba o vulgo. Ninguem te conhece ;
vêem-te, e deixão-te passar despercebida, como
o diamante na aluvião das aguas. ..

ANTONIO LOBO, *dentro*.

Oh ! Caetaninho ! chegaste !

CAETANINHO.

Oh ! Antonio Lobo. (*Alegremente*).

SCENA IV.

OS MESMOS, E ANTONIO LOBO.

ANTONIO LOBO.

Muito tardaste, e muita falta fizeste-nos.

CAETANINHO.

Obrigado, Ajudante ! obrigado. Já vi o theatro, está bonito, e a posição é excellente : o nosso Pirahy tem mãos curiosas... (JOANNA entra no alpendre e desaparece).

SCENA V.

OS MESMOS, MENOS JOANNA.

ANTONIO LOBO.

Mas porque chegas tão tarde !

CAETANINHO.

E' verdade ; não pude vir mas cedo :—tantas forão as minhas importunas occupaões.

ANTONIO LOBO.

Ou poucas as sandades da tua Joanna.

CAETANINHO.

Sem numero, infinitas ! Por isso quem é escravo não deve amar ; que dizes ?—são dois captiveiros incompativeis. . . .

ANTONIO LOBO, *á parte.*

Optimo ensejo ! (*Alto*) Pelo que vejo não gostas da tua vida.

CAETANINHO.

Si não fosse a esperança. . .

ANTONIO LOBO.

Que esperança ?

CAETANINHO.

De uma vida melhor. . .

ANTONIO LOBO.

No outro mundo ?

CAETANINHO.

E julgas impossivel n'este ?

ANTONIO LOBO.

Facilimo!—extingue a causa, deixa de amar.

CAETANINHO.

Fôra o mesmo que deixar de existir !

ANTONIO LOBO.

Exageras muito ; não te creio.

CAETANINHO.

Crê-me, Antonio Lobo ! é como t'ô digo,

não sei si posso distinguir em mim o que é o amor e o que é a vida.

ANTONIO LOBO.

Palavras de poetas! bem sabes que não acredito n'elles. Mas... (*Como recordando-se*) á proposito de vida, quero contar-te uma cousa, em que penso as vezes quando não tenho sono. (*Tomando-lhe o braço*) E' um como sonhar acordado; mas sonho que se pôde realizar. (*Passeando*) Ponho-me as vezes á imaginar no modo de ganhar dinheiro, e faço uma sociedade, em que tu entras com a agencia, e eu com o capital.

CAETANINHO.

Que pela conversação!—tambem as vezes a suscito comigo, quando estou triste. São castellos no ar, que assim mesmo delectão. Continúa.

ANTONIO LOBO.

Castello no ar? porque? Não tenho eu dinheiro, e não tens tu saude e braços?

CAETANINHO.

Sim; mas...

ANTONIO LOBO.

Cala-te, não agoures mal o meu projecto. Então, como te dizia, passamos a negociar, por exemplo... em escravos novos!

CAETANINHO, *escrupuloso.*

Não, isso não ! é uma deshumanidade !

ANTONIO LOBO.

E tem riscos e perigos, concordo. Não nos faltão recursos; sabes que ainda se lucra muito com o ouro em pó e diamantes: os caminhos de Cuyabá ainda são mui frequentados.

CAETANINHO.

Eu sei. . . — para mim, conheces o meu genio, seria uma vida insuportavel, e pacifica de mais. Si eu pudesse desviar a corrente desses rios de Minas, ou arrasar uma montanha, o commercio de ouro e diamantes me interessaria muito. Compral-os aos mineiros. . .

ANTONIO LOBO.

Entendo ; queres uma vida activa, afanosa, que te preocupe essa robusta imaginação. . . Ainda temos recursos. Com a descoberta do caminho, que atravessa o sertão. . .

CAETANINHO, *com alegria.*

Animaes, sim, sim ! falla-me de animaes. para isso inclino-me. (*Phantasiando*) Duzentas, quatrocentas bestas, trazidas pelos sertões, e invernoando no caminho. . . — que prazer ! Demanhã saio para o campo, atiro o laço em um poldro redomão, e o vejo debater-se atado ao

morão, e debaixo dos arceios. Depois monto-o, salto com elle por cêrcas e barrancos, e consigo domal-o. Oh que viver, Antonio Lobo!—e na feira? (*Com sentimento*) Isto só, e a minha baixa é quanto peço á Deos.

ANTONIO LOBO, *regosijando-se.*

Com pouco te contentas, amigo! e eu pensar que o não quererias! Terás pois a tua baixa, e no principio do anno a quantia necessaria para as primeiras tentativas. Si formos felizes. . .

CAETANINHO.

Não o duvides; sei muito de animaes Hei de ser prudente e economico, como quem começa com sommas alheias, e seremos muito felizes.

ANTONIO LOBO.

Nesse caso, augmentaremos o capital, e é provavel que tambem meu pai se interesse n'elle.

CAETANINHO.

Certamente. E então Joanna, que tanto se afflige com a nossa pobreza hade alegrar-se muito, vendo-se quasi repentinamente rica.

ANTONIO LOBO.

E, reconhecendo a necessidade de longas viagens, não lamentará de certo a tua ausencia.

CAETANINHO.

Como? fallas de ausencia?

ANTONIO LOBO, *á parte*.

Máo! (*Alto*) Sim; será preciso que te ausente d'ella, ao menos de quando em quando.

CAETANINHO, *attonito*.

Que! ausentar-me de Joanna, Lobo! atravessar o sertão só e triste, sem a minha coragem, a minha esperança, sem Joanna! e julgaste-o possível?!!

ANTONIO LOBO, *exasperado*.

Julgo-o inevitavel;—em uma viagem tão longa uma mulher é a carga mais difficil de conduzir: nunca vai certa, aleija todos os cavallo, consumme o tempo, e gasta-nos a paciencia.

CAETANINHO.

Não tens razão, Lobo!—uma mulher amada é um pezo leve, doce, que antes equilibra as forças de nossa alma, e nos encurta o caminho entre-tendo-nos o tempo. Tu nunca amaste, Lobo! por isso não sabes o que é viajar com a mulher amada, ver com ella o panorama desta natureza do Brasil sempre em primavéra florida; ouvir sua voz, que á todo o instante nos adverte de uma nova belleza, que ella descobre; pensar, sentir com ella essa poesia das sollidões, e vel-a

depois, exausta de fadiga, repousar em nossos braços... Ah! Lobo! deves amar só por este prazer! é immenso, é inefavel!—E assim, hei de eu viajar com a minha Joanna: não receies despesas, nem perda de tempo.

ANTONIO LOBO.

Eis-te ahí com a tua Joanna!—homens haque se infelicitaõ por causa de uma mulher!

CAETANINHO.

Não, meu amigo! sem ella é que me julgára desgraçado.

ANTONIO LOBO.

E queres viver com ella á custa alheia?

CAETANINHO, *serio*.

Enganas-te: á custa alheia não, eu trabalho! —trabalharemos ambos...

ANTONIO LOBO.

Em uma palavra! acceitas, ou não a minha proposta? Vê que é para teu bem?

CAETANINHO, *ressintido*.

Não, regeito-a, é muito cara. Deixar Joanna, nem por toda riqueza dos imperios.

ANTONIO LOBO, *colerico*.

E si eu t'ò ordenar?

CAETANINHO.

Ordenarás o impossível, não te obedecerei.

ANTONIO LOBO, *o mesmo.*

E si eu te disser que preciso d'ella, que a amo ?

CAETANINHO, *fulminado.*

Entendo, entendo agora tudo, Antonio Lobo ! Era por isso, que me tentavas por todos os modos, que tanto insistias nesse projecto abominavel ! Mas, insensato ! que não sabias o que póde Joanna em um coração como este, (*Mão no peito*), e ignoravas que era inutil outra posse, que não fosse a della ! Sabe-o pois... sabe que nem o martyrio poderá abalar minha constancia .. Não ! (*Em allucinação*) oh ! não !—seria mais facil ceder-te a minha cabeça !...

ANTONIO LOBO, *em tom de mofa.*

E' minha !

CAETANINHO.

Toma-a pois.

ANTONIO LOBO, *batendo-lhe no hombro.*

Não te exasperes, Caetaninho ! pensa bem, vê que sou teu amigo. Mulheres não faltão, dinheiro é que se não encontra sem muita fadiga.

CAETANINHO, *concentrado.*

Retira-te, Lobo ! lembra-te de quem tu és e

de quem sou eu ! houve tempo, é verdade, em que nos igualamos, e ainda agora estamos frente a frente um do outro. Mas para isso foi mister que tu descesses, e eu subisse muito. Evitemos uma luta tão desigual, em que eu devo succumbir, por que sou o fraco. Em nome do céu, retira-te, não me arremeces á desesperação !...

ANTONIO LOBO, *mosfando*.

És um homem de brios ! —faltava-me esta experiencia para te conhecer profundamente !... (*Caetaninho faz um movimento convulsivo de colera, volta-se para traz, e somme-se no alpendre ; Antonio Lobo contempla-o um momento com expressão de raiva e escarneo*).

MANOEL PIRAHY, *dentro*.

Oh ! chegaste, Caetaninho ! ainda bem ! (*Bradando*) Ensaio geral ! ensaio geral ! ..

SCENA VI.

ANTONIO LOBO, *só*.

E eu aqui !... de envolta com a canalha, associado á estes homens, que só vivem do copo e do jogo n'um deboche continuo, e execravel ! —Hoje reunir-se-ha com meu pai, toda a nobresa de S. Paulo, e eu ficarei aqui, e tudo se divulgará... Mas quem ignora já estes meus costumes infames ? Por elles me repellem quantos bons me conhecem, e si não fôra o meu nome poderia ser apedrejado pelas ruas !... Mas que es-

tu eu a dizer? que reflexões são estas? oh! Joanna! és tu, que me obrigas a fallar assim; que fizeste, que encanto operaste! eu amar, Joanna?!... Esse sentimento puro, nascido dos intimos da essencia humana, tão delicioso e tão irresistivel, que faz sempre da mulher um anjo, e do homem ás vezes um deos, ou um demónio...—o amor! nunca teve entrada nem cabida nesta alma enregelada. Muitas mulheres requestei e abandonei sem recordações, sem saudades, nem remorsos;—lagrimas e lamentos ouvi eu, como um hymno aos meus triumphos!... E hoje entretanto, por esta Joanna sem familia, sem renome, e sem porvir, sinto-me commovido, e estremeço com a ideia de forçal-a aos meus desgnios! Oh!—ou o amor está mal definido, ou eu te amo, Joanna!... (*Pausa*) Será o amor, sel-o-ha! (*Com expansão*) Bem vindo sejas, amor, inspiração santa! Só tu podes cortar a carreira dos desvarios que segue o homem olvidado dos perigos; só tu podes restaurar a ordem, e a paz n'uma alma tumultuosa por paixões e crimes; só tu podes reconciliar o homem com o homem, o sexo com o sexo, e a creatura com o Creador! Bem vindo sejas a este triste coração! (*Como respondendo á si proprio*) Não, não póde haver nobresa e elevação na sociedade sem o repouso do coração; e si ha, são affectações dolorosas, artificios insupportaveis!... (*Pausa*) E como conseguir tamanha felicidade? não lhe abri meu coração? não lhe puz em custosas provas, quanto por ella sentia?—Caetaninho!—julga-se acima de mim porque é amado, zomba do meu furor, e ri-se dos meus desejos! Desgraçado, insensato! terá de chorar a sua ri-

dicula soberba, e ella, a ingrata, quando accor-
 dar, estará enredada, e para sempre perdida no
 laço que vou abrir em torno de seus pés, e no
 qual tantas outras perecerão!... (*Reflectindo*)
 Mas ah! que é de mim? onde está minha ener-
 gia? onde esse forro de bronze que me resguar-
 dava outr'ora o peito? Não tenho animo; um
 sentimento invensível de commiz-ração me prostra
 diante d'ella!... (*Pausa*) Tenho um meio; um
 só, o ultimo... (*Chamando*) Pirahy, ó Pirahy!—
 Este infame e sua cumplice forão meus socios,
 ajudarão-me sempre... Agora sua intervenção
 me repugna; mas embora:—ou Joanna, ou
 mais um crime. Conto já tantas culpas... (*Cha-
 mando*) O' Pirahy! demonio!...

SCENA VII.

ANTONIO LOBO, E MANOEL PIRAHY.

MANOEL PIRAHY, *entrando*.

Senhor! senhor! Irra! vim a correr! que
 me quereis, Ajudante? estavamos no ensayo
 geral!

ANTONIO LOBO.

Onde está Caetaninho.

MANOEL PIRAHY.

Ora, já se sabe!...

ANTONIO LOBO.

Como?—explica-te depressa, demonio!

MANOEL PIRAHY.

Oh senhor Ajudante Antonio Lobo ! que modos !

ANTONIO LOBO.

Maldicto ! responde, onde está Caetaninho ?

MANOEL PIRAHY.

Senhor, eu não sei delle !

ANTONIO LOBO.

Não o viste sahir por ali ?

MANOEL PIRAHY.

Vi, sim ; levei-o comigo até o theatrinho, e quando começamos o ensayo desapareceu. Como tambem Joanna lá não está. . .

ANTONIO LOBO.

E Miquilina ?

MANOEL PIRAHY.

Está lá. . .no ensayo.

ANTONIO LOBO.

Chama-a para aqui.

MANOEL PIRAHY.

Mas... estais zangado? fiz-vos algum mal?
—deveis perdoar-me, porque sou vosso amigo,
e vosso escravo.

ANTONIO LOBO.

Chama tua mulher.

MANOEL PIRAHY.

Miquilina, ó Miquilina! (*A' Antonio Lobo*)
Mas dizei-me, fiz-vos algum mal?

ANTONIO LOBO.

Não! chama-a outra vez.

MANOEL PIRAHY.

O' Miquilina!

MIQUILINA, *dentro*.

Lá vou; que queres, Pirahy?

SCENA VIII.

OS MESMOS, E MIQUILINA.

MANOEL PIRAHY.

E' o Sr. Ajudante quem te chama.

MIQUILINA, *com submissão.*

Ah !

ANTONIO LOBO.

Miquilina ! vê onde está Joanna, e faze que ella venha aqui ter, ou que essa casa, si ella ali está, fique deserta. (*A' Manoel Pirahy*) Tu entretém por lá Caetaninho, que nada saiba. Cuidado e discrição ! (*A' ambos*).

MIQUILINA.

Mas. . . si ella não estiver ali, e eu não achal-a cá por fóra ?

ANTONIO LOBO.

Que venha aqui, e sem saber que eu a espero.

MIQUILINA.

Mas si eu a não encontrar logo ?

ANTONIO LOBO, *terminante.*

Fico a espera.

MANOEL PIRAHY.

E si eu não achar tambem Caetaninho ?

ANTONIO LOBO.

Achal-os-hei á ambos, que em maiores empresas mostrastes astucia ou malvadez, e diligencia. E ide-vos depressa.

MANOEL PIRAHY.

Pois bem; Caetaninho não virá cá, Senhor.

MIQUILINA.

E a pedante de Joanna levará uma boa lição
(*Miquilina entra em casa, Manoel Pirahy some-se por entre as arvores da esquerda*).

SCENA IX.

ANTONIO LOBO, só.

Rico e poderoso, bastando sómente desejar para conseguir, busco agora inutilmente o coração de uma mulher! Dizem que o homem tudo póde. . . não, não póde assenhorear-se dos corações; foi esse talvez o poder que Deos reservou para si quando fez a partilha da natureza humana!. . . (*Pensativo*) Mas que importa! (*Caminhando para o fundo*) oh! minha estrella, ainda uma vez illuminaí-me! (*Somme-se no alpendre:—ouve-se do lado esquerdo, e á alguma distancia, uma musica suavemente melancolica, que continúa até o começo da scena seguinte.*)

SCENA X.

JOANNA, ANTONIO LOBO.

ANTONIO LOBO, perseguindo-a.

Joanna! um momento pelo céu!

JOANNA.

Ide-vos, que vos aborreço e detesto para sempre !

ANTONIO LOBO, *segurando-a.*

Fugir! Mas estás em meus braços como dentro de um circulo de ferro ; a pomba debate-se em vão nas garras do açor!... Heide lograr-te, Joanna! heide abater tua noventa altivez, e depois arremeçar-te-hei á infamia d'onde provêns, e ver-te-hei apodrecer n'um lupanar com todas as tuas vaidades insolentes. Eu tudo preveni, estamos sós (*Movimento de Joanna*) e de quantas mulheres aqui estão nada receio, que todas te aborrecem. Os homens são meus escravos...

JOANNA, *com despeito.*

Menos um !

ANTONIO LOBO.

Tambem esse, tambem ; e é o mais vil de todos porque não reconhece nem se humilha ao captiveiro. Mas não tentes fugir, seria em vão ; não murmures tambem, que te não ouvem!...

JOANNA, *com espantosa friesa.*

Não, eu nada temo!—estou defendida de vós, de todos ; (*Com a firmeza de um sentimento profundo*) por que... eu amo, senhor!...

ANTONIO LOBO.

Amas, amas, e dizes-m'ó!... Joanna! reconhece o teu poder: estou de novo submisso e prostrado (*Ajoelhando-se*).—Faze de mim um homem feliz, como já me fizeste brando, e flexível, como já me adormeceste as iras no fundo deste coração, que só palpita por ti, que só póde sentir as impressões do teu olhar, das tuas palavras, deste amor verdadeiro e infinito!... Joanna! que me não alevante daqui senão para os teus braços, esmaga-me debaixo de teus pés! (*Erguendo-se hallucinado*) Estou louco, enlouqueço se não és minha! olha, não te violento; já o fiz, é certo; mas á ti... não posso!

JOANNA.

Ah! ..

ANTONIO LOBO.

Suspiros!... Oh! Caetaninho! és meu rival! obscuro e miseravel és preferido ao rico e nobre... Pois bem! Joanna! (*Apascentando uma idea sinistra*) quizeste o, decretaste-o sem exitar! Eu te amei, vi sorrir-me o coração com o teu sorriso, e no meu horisonte scintillou um raio de esperança; mas agora trevas, trevas profundas ergues do abysmo por toda a parte, e me enlutas para sempre! Sim, Joanna! os demonios todos me inspirão;—agora é que eu conheço que é só trama infernal o que julgáva obra do céo...

JOANNA, *atturdida*.

Senhor!...

ANTONIO LOBO.

Amanhã o teu Caetaninho irá caminho do desterro; não morre, mas desaparece para sempre! Este amor que não quizeste converter em doce orvalho matutino, vai pesar sobre ti como um anathema, e hade anniquilar-te como o raio.

JOANNA.

Não, tenho confiança em Deos!

ANTONIO LOBO.

Deos, Deos!—como si Lucifer tambem não governasse o mundo! Sim! é o rochedo, que desaba da montanha, é Antonio Lobo, o tigre, que se arremessa á presa, que lhe escapa!...

JOANNA.

Perdão, senhor!... (*De joelhos*).

ANTONIO LOBO.

(*Recúa attonito, dá signaes de afflicção e abatimento*). Pois que o queres, mulher omnipotente!—... viva contigo o teu Caetaninho; (*Em desespero*) mas não me mates, dá-me tambem a vida, (*Joanna ergue-se*) vem, vem aos meus braços!

JOANNA.

Nunca, malvado! Sahi, desaparecei de minha vista, ide fazer o que quizerdes... matai-o,

matai-me, faltava-vos isso, deveis... Mas esta mulher...

ANTONIO LOBO.

Malvado, louco, assassino, Antonio Lobo, ou satanaz, e tudo que quizeres! mas primeiro serás minha!. . (Arremeça-se á ella furioso; *Caetaninho colloca-se entre ambos ameaçador, e terrível*).

SCENA XI.

OS MESMOS, E CAETANINHO.

CAETANINHO.

Ainda não!...

ANTONIO LOBO.

Caetaninho!

CAETANINHO.

Antonio Lobo!

JOANNA.

Meu Deus! (*Caetaninho e Antonio Lobo contemplão-se um momento com gesto feroz;—Joanna corre em desespero pela scena*).

JOANNA, clamando com força.

Socorro, socorro!... Ah!... (*Cae desmaiada: vão ambos acudil-a pressurosos, e antes de tocal-a suspendem-se ao mesmo tempo, com o mesmo olhar e rancor. Caetaninho traz Antonio Lobo arrebatadamente para a frente da scena, como para esmagal-o*).

ANTONIO LOBO, *com exprobração.*

Que me queres ? . . .

CAETANINHO.

O que eu quero ? Lobo !—quizéra agora ter nos labios as chammas infernaes para devorar-te ! . . .

ANTONIO LOBO, *colerico.*

Cala-ta ! (*Dá-lhe uma bofetada.*)

CAETANINHO.

Morre ! . . . (*Vai cego, treme-lhe a mão, e mal chega a feril-o.*)

ANTONIO LOBO.

Feriste-me, Caetaninho ! ? . . . (*Indo para o fundo com a mão no braço esquerdo.*)

SCENA XII.

OS MESMOS, MANOEL PIRAHY, MIQUILINA. *Homens, mulheres, musicos com instrumentos, e actores phantasticamente vestidos para a representação.*

MANOEL PIRAHY.

Ferido o filho do General ! . . . (*Os circumstantes rodeão Antonio Lobo com solicitude.*)

TODOS, *aterrados.*

Estamos perdidos!.. (*Ha grandetumulto e confusão; as fallas succedem-se com rapidez.*)

MIQUILINA.

Joanna em desmaios! (*Vai erguel-a com outras mulheres.*)

UMA MULHER.

Coitada!

MANOEL PIRAHY.

Que fizeste, Caetaninho?!

CAETANINHO.

Só me pesa que este ferro lhe não levasse ao coração o veneno que me escalda as veias! Feri!—era defesa de Joanna! fôra El-Rei que o feria com a mesma calma!... Vê agora, Lobo! si te posso ceder a minha Joanna, e si a podes tambem levar á força! ..

ALGUMAS VOZES.

Preso ás ordens do General!...

CAETANINHO.

Nem um só passo, que encontrareis a morte!
(*Pondo-se em defesa.*)

ANTONIO LOBO.

Prendei-o, matai-o!

CAETANINHO.

Sim, chegai, este é o meu dia!... (*Alguns vão por detraz e o desarmão e prendem*). Trahição? traidores e covardes!...

Cahe o panno.



ACTO II.

MARTIM LOPES.

A sala das audiencias do General no seu palacio em S. Paulo—mobiada com o gosto e luxo da época. No centro mesa grande de jacarandá com escrevaninha e diversos papeis, Portas lateraes, e no fundo com reposteiro de panno azul com o escudo das armas de Portugal.

SCENA I.

MARTIM LOPES, só.

(Ao levantar-se o panno passeia agitado pela scena). Asolvido, absolvido!—e assim ludibriada a minha pessoa e familia! Tudo está nullo, completamente nullo: um novo conselho se reunirá aqui, e julgará á final conforme as leis e os meus desejos; e estes enfatuados Paulistas hão de ver castigado á vez primeira um militar desobediente. Estão dadas as ordens, tenho confiança nos officiaes, que chamei, abundão as provas, e o crime é daquelles que irremissivelmente condemnão á morte. Oh! levantar a mão contra o meu filho, ainda que não fosse um soldado, fosse um official do mais alto posto do exercito, que seria barbaramente castigado!

SCENA II.

MARTIM LOPES, E JORGE.

JORGE.

V. Exc. dá licença?

MARTIM LOPES.

Que queres, Jorge?

JORGE.

Um officio para V. Ex. (*Entregando-lhe um papel dobrado*).

MARTIM LOPES.

Não o deveis receber, sabes que não despacho. Manda-o ao Secretario, que o leia e responda:—si demandar a minha assignatura... que guarde-o para tempo mais opportuno.

JORGE.

Sim, Senhor! Ahi está tambem o Sr. Ouvidor que deseja fallar a V. Ex. com muita instancia.

MARTIM LOPES, *á parte*.

Insolente! e ousa apparecer-me! (*A' Jorge*)
Faze-o entrar.

JORGE.

Sim, Senhor. (*Vai-se*).

SCENA III.

MARTIM LOPES, só.

Ouvidor inepto! dizer que o scelerado não merecia a morte!—que virá fazer?—sem duvida implorar-me o perdão. Illude-se; porque já o accuzei á Rainha.

SCENA IV.

MARTIM LOPES, E O OUVIDOR.

OUVIDOR, á parte.

V. Ex. permite?...

MARTIM LOPES.

Oh! pois não, Sr. Ouvidor! podeis entrar que muita honra me fazeis.

OUVIDOR.

Venho participar á V. Ex. que o conselho de guerra absolveu ao soldado Caetaninho.

MARTIM LOPES.

Eu já o sabia... já estava inteirado do vosso comportamento. . .

OUVIDOR.

Sim... Senhor...

MARTIM LOPES.

Já estou informado da defesa que tomastes sobre os vossos hombros.

OUVIDOR.

Pesa-me muito que falsos boatos tenham-me compromettido com V. Ex.

MARTIM LOPES, *ironico*.

Não, Senhor! não estais compromettido... porque?...

OUVIDOR.

Sei que o estou: das maneiras de V. Ex. o deduzo; mas em tudo só fiz o meu dever.

MARTIM LOPES

Eis ahí! como posso estar mal comvosco? De mais, eu não estou obrigado a cingir-me ás liberações de um conselho coacto.

OUVIDOR.

Como V. Ex. quizer. Mas o conselho não tinha a menor coacção... que eu saiba.

MARTIM LOPES.

E nullidades!

OUVIDOR.

Nem uma tambem ; cumprirão-se á risca, es-
crupulosamente, as leis militares.

MARTIM LOPES.

Em que sois muito sabido. . .

OUVIDOR.

Pouco ;—quanto basta para julgar um cri-
me militar.

MARTIM LOPES, *concentrado*.

E vindes com a maldita distincção de crimes
militares ! Sr. Ouvidor, entendamo-nos : viestes
aqui mandado pelo Bispo, ou pelos Padres para
zombardes de mim ?

OUVIDOR.

Não, Senhor ; si aqui venho é sómente por . . .
deferencia, á vista do que em nome de V. Ex. se
me recommendou.

MARTIM LOPES.

Muito obrigado, Sr. Doutor !

OUVIDOR.

Nada tem que me agradecer. Mas si V. Ex.
suppõe que eu me resinto de alheios odios. . .

MARTIM LOPES.

Odios, dizeis!—Então o Exm. Prelado me odeia devéras? (*Em tom de mofa*) O meu pastor sagrado odeiar á uma pobre ovelhinha do seu rebanho, e desamparal-a! o discipulo do Divino Mestre da caridade odeiar!—que infelicidade!—Dizei-lhe. . . fazei-me o favor de dizer-lhe de minha parte que. . . sua alma sua palma. (*Rancoroso*) Misero D. Manoel da Ressurreição! querer levantar seu cajado de pastor contra a minha espada de Capitão General! Já lhe mostrei por vezes que o throno está sobre o altar, a politica superior á religião, e elle e seus Padres sugeitos ao meu dominio absoluto; já sentio, já sabe que os golpes da minha espada ferem mais que os do seu baculo. . . e quer despedaçal-o! Pois bem! tarde, já tarde para o arrependimento se hade convencer de que é meu vassallo! Foi elle sim, foi elle. . . forão os Padres que peitarão os vogaes, para ainda uma vez me contrariarem. Mas insensatos, que não sabem quem eu sou. Ouvidor! Ficai bem certo disto: a minha satisfação hade ser completa; contar-se-ha sempre o que me succedeu, mas hãode contar tambem que a minha vingança foi espantosa! . . .

OUVIDOR.

V. Ex. interpretou mal as minhas palavras. Eu não fiz allusão; não sei que alguém odeie á V. Vx.; e muito menos o Exm. Bispo Diocesano. O que eu sei sómente é que. . . por muitos motivos devo respeito e consideração ao Governador Geral d'esta Capitania.

MARTIM LOPES.

Sois um digno Ouvidor!

OUVIDOR.

Ao menos os meus esforços...

MARTIM LOPES.

São bem aproveitados: hoje ganhastes um re-
nome eterno; ereis juiz e advogastes a causa da
innocencia. Que belleza!.. .Estais afamado.

OUVIDOR.

Por ser justo!

MARTIM LOPES.

Que mais? Agora ide para o reino do céu,
que é a vossa recompensa! (*Reflectindo*) Por
ser justo! e porque estou eu encerrado n'este
palacio, corando de vergonha até na presença
dos meus mais fieis amigos? porque é que está
meu filho enfermo e triste? Ouvidor! dizei: é
porque elle era innocente, e vós sois justo?

OUVIDOR.

Como Auditor eu só devia attender ás provas
do facto, e como homem agora...

MARTIM LOPES.

Que provas?

OUVIDOR.

O depoimento das testemunhas, as quaes disserão que o Sr. Ajudante vosso filho não tratava ao Caetaninho como á um soldado, e que erão intimos e inseparaveis amigos : o que é tambem voz publica. Disserão que vosso filho agredic-o atrozmente, e que o soldado mal o tocou, ferio-o apenas levemente no braço esquerdo.

MARTIM LOPES, *furioso*.

E o auto de corpo de delicto?. . . Basta, Sr. Ouvidor! não fallemos mais n'isso; fizestes o vosso dever, eu farei o meu. Enganei-me com-vosco; pensei que creis portuguez, e vejo agora que. . .

OUVIDOR, *com severidade*.

Que sou magistrado antes de tudo, e que havia de fazer justiça ao christão como ao mouro.

MARTIM LOPES.

E não vos arrependeis?

OUVIDOR.

Não, de certo. E saiba V. Ex. que não vim aqui para estas altercações que são, para não dizer mais, muito improprias. . .

MARTIM LOPES.

O que?—dais-me regras, Doutor? ora, guar-

dai a vossa malfadada sabedoria . . Um conselho de guerra absolver, achar sem culpa de morte á um malvado, que alardeou seus crimes! Como se esquecerão esses damnados officiaes das leis que os regem? como não attentarão n'um tal exemplo de insubordinação e rebeldia? (*Em brado*) Desgraçados! chorarão seus erros com lagrimas de sangue! . . . Quanto á vós Sr. Ouvidor. . .

OUVIDOR.

Eu estou tranquillo na minha consciencia, e em paz com a lei.

MARTIM LOPES.

Com a Rainha nossa senhora . . veremos!

OUVIDOR, *com raiva mal reprimida.*

Sim, Sr., veremos! E si então algum ajuste de contas houver, V. Ex. ha de ser muito lembrado. (*Fazendo explosão*) Não duvideis, General?—vós não cumprís os preceitos da Rainha, que são maternas; vós impondes á todos uma vassallagem, que eu devia chamar escravidão, maltratais. perseguís á todos, dizendo-vos absoluto. Não, não o sois, vós tendes leis, as santas leis da humanidade, e as ordens, que recebestes. Agora S. Paulo inteiro lamenta esta perseguição que fazeis á um desgraçado, e amaldiçoa o vosso nome. Direis que são vossos inimigos? Não, não o são, vós é que sois um tyranno!

MARTIM LOPES.

Não sei porque não te esmago debaixo dos meus pés, miseravel! . . .

OUVIDOR, *com valor e dignidade.*

Tentai fazel-o. Mas nem por temel-o fôra mais comedido. Sei que vos desgosto e agonio, mas tenho o dever de fazer e prégar justiça: os magistrados, penso-o eu, devem ser uns apóstolos da justiça praticando-a, e ensinando-a. . . devião ser tambem entusiastas resignados, e impassiveis ao furor dos despotas, como os martyres! Si assim fossem todos a sociedade seria mais feliz; si assim praticasseis vós, não vos chamaria eu agora de traidor á sua Magestade, de tyranno, e de despota! (*Vai-se.*)

SCENA V.

MARTIM LOPES, E JORGE.

MARTIM LOPES, *desorientado.*

Preso, preso! . . . O' Jorge!

JORGE.

Senhor?

MARTIM LOPES, *suspendendo-se.*

Porém não! este homem é doudo; se não o fosse não me fallava d'este modo: todos como tal o reconhecem. Que importão arengas de

louco?... Entretanto se continuar mandarei pol-o em custodia. Por agora vou escrever ao Secretario para que o espie, e si andar por essas logeas a desacreditar-me, a desacreditar o Governo, que o prenda á minha ordem. Jorge! deixa-te ficar aqui, e quando chegarem os officiaes, corre avisar-me. Achar-me-has no meu gabinete. (*Vai-se*).

SCENA VI.

JORGE, DEPOIS ANTONIO LOBO.

JORGE.

Que vida, que attribuição á tantos dias!— parece que o demonio entrou nesta casa. O Sr. General sempre aos gritos... E o Sr. Ajudante fechado lá no quarto, e o camarada no calabouço, incommunicavel, comendo de vinte quatro em vinte e quatro horas... Jesus! E aquella procissão de fogaréos, aquella vinda de S. Bernardo, de noite, fóra de horas: que visão de dia e em sonhos!...

ANTONIO LOBO, *entrando*.

Jorge; que é de meu pai?

JORGE.

Está no seu gabinete.

ANTONIO LOBO.

Dize-lhe que aqui o espero, que faça o favor...

JORGE.

Sim, Senhor; mas o Sr. Ajudante acha-se melhor?

ANTONIO LOBO.

Melhor... de que? Jorge.

JORGE.

De seus incommodos.

ANTONIO LOBO.

Melhor... melhor...

JORGE.

Deos o queira! O Sr. Ajudante sabe quanto o estima o velho Jorge, e quanto o penalisa tudo isto.

ANTONIO LOBO.

Sei, bom Jorge! sei que és meu amigo.

JORGE.

Amigo! é verdade: quanta amisade pôde sentir o peito de um soldado, e a alma de um portuguez. Foi só pela amisade, que desejei vir em sua companhia. Mas então as terras do Brazil se nos atolhãõ, como as da promissão, ferteis e ditosas...

ANTONIO LOBO, *impaciente*.

Sim, sim; chama meu pai, ouviste?—vai chamar-o.

JORGE.

Vou já, sim, Senhor. (*Vai-se*).

SCENA VII.

ANTONIO LOBO, *só*.

(*Senta-se junto á mesa pensativo e triste—pausa*). Silencio, retiro!—não posso mais viver n'esta clausura! quero a minha vida activa e laboriosa de outr'ora entre os homens, e nas praças... (*Com mágoa*) Mas como e para que?—como rasgar este denso véo, que me envolve todo o coração? como fertilisar esta alma, que o remorso esterilisa?... (*Pausa*) Caetaninho, Joanna! vingastes-vos....— n'esses tribunaes, n'essas ruas, por onde te arrastra, pobre amigo trahido! a colera indomavel de meu pai, encontras ao menos consolações e lagrimas, e eu aqui (*Mão no peito*) só tenho tratos crueis e horriveis!.. (*Com profunda tristesa*) E' justo! elle era um miseravel, feliz em sua miseria, e ella uma alma angelica, o lyrio das campinas, como dizia a sua malfadada cantiga, e fui eu a tempestade, que o esmagou!.. (*Longa pausa*) Amar eu! amar o insensivel Antonio Lobo, e acolherse-lhe no coração um amor tão funesto, que o queima e despedaça, como um veneno ardente, que á todos vecha e mata como um contagio de peste!... (*Em explosão*) Oh! castigo, vingança

atroz das minhas victimas!... (*Succumbe, e cobre o rosto com as mãos*) Que fiz eu? onde estava a minha rasão?... não fui eu o criminoso?... E como agora reparar os meus erros? como salvá-lo? como justificar-me aos olhos d'ella?... Meu pai é inflexivel: entregue ao seu desejo insaciavel de vingança, esquece-se de mim que soffro, que morro!... (*Pausa*).

SCENA VIII.

ANTONIO LOBO, E MARTIM LOPES.

MARTIM LOPES.

Estás ahi, filho?

ANTONIO LOBO.

Oh! meu pai, a vossa benção. (*Beija-lhe a mão*) Porque evitaes minha presença?

MARTIM LOPES.

Não te evito por querer; a dôr de te vêr triste...

ANTONIO LOBO.

Triste, mais do que vedes, e podeis imaginar. E vos peço perdão d'estes momentos de dissabor, que estais passando por minhas devassidões e loucuras.

MARTIM LOPES.

Antonio!

ANTONIO LOBO.

Não o duvideis, Senhor! andava perdido, olvidado de vossos paternaes conselhos, e fui castigado... por Deos, que deve sem duvida tomar o partido dos pais contra os máos filhos!

MARTIM LOPES.

Desarrasôas?!

ANTONIO LOBO.

Não, é a minha consciencia, que vós estais ouvindo, e que me falla sempre. Eu sou castigado, Senhor! e, ainda mal! este castigo será perpetuo e eterno, si vós...

MARTIM LOPES.

Escrupulos de teu docil coração. A perversidade d'esse insubordinado Caetaninho...

ANTONIO LOBO.

Não digais tal, é um innocente: pouco menos de que o são á esse respeito todos os homens. Eu vos conto a historia...

MARTIM LOPES.

Não! sabel-a-ha o conselho?

ANTONIO LOBO, *confuso*.

Que conselho?...

MARTIM LOPES.

O conselho que se reune novamente para julgal-o.

ANTONIO LOBO, *queixosamente*.

Meu pai!

MARTIM LOPES.

Assim é preciso.

ANTONIO LOBO.

Que pretendeis fazer!

MARTIM LOPES.

Vingar-me, vingar-te.

ANTONIO LOBO, *supplicante*.

Não, não meu Pai! não o fareis; não vos atrevereis si me amais, si não é de sobra quanto soffreis e me vedes padecer!

MARTIM LOPES.

O amor que te consagro, o prestigio de minha pessoa, e principalmente o respeito devido ao Governo, o reclamão imperiosamente. E tu te deves curvar diante d'esta necessidade.

ANTONIO LOBO.

Não, não o posso, nem o devo. Porque vos

quereis vingar por tal modo! quereis uma satisfação ao vosso orgulho? não vos satisfaz o que elle soffreo até hoje?

MARTIM LOPES.

Não, não; mudemos de assumpto.

ANTONIO LOBO.

Si quereis praticar comigo não me acharais outras idéas. (*Brandamente*) sim, meu Pai! é como vol-o digo; si quereis o vosso filho satisfeito, alegre, feliz, como d'antes, dai-me a liberdade do pobre Caetaninho. Si quereis filho apressai-vos, eu vol-o supplico de joelhos por vós, por tudo que vos possa mover á piedade, e só com o perdão d'elle, dado por vós, perdoar-me-ha Deos este meu peccado!...

MARTIM LOPES.

Alevanta-te! (*Erguendo-o*).

ANTONIO LOBO.

Não, não me levantarei sem que tenhais perdoado. Sim, Senhor! si quereis vingança calcai-me aos pés, que o crime foi por mim sómente perpetrado.

MARTIM LOPES.

Meu filho! (*Erguendo-o*) coração generoso, e compadecido!...

ANTONIO LOBO.

Não prescindais, Senhor! não ha compaixão em mim, ha só remorso. Dizei, dizei que perdoais ao infeliz Caetaninho.

MARTIM LOPES.

Impossivel! agora não é só a offensa que me fez que o accusa, é o meu brio, o meu orgulho, o Bispo de S. Paulo, e o seu povo abençoado. Por mim não cê-lo, elles não cederão igualmente.

ANTONIO LOBO.

O povo, disse-me Jorge, lamenta o que fazeis.

MARTIM LOPES.

E' verdade!

ANTONIO LOBO.

Só vós permaneceis inexoravel.

MARTIM LOPES.

Não, Antonio, não! E' impossivel perdoar ao scicario; é preciso dar ao Governo seu verdadeiro esplendor...

ANTONIO LOBO, *irado*.

Do sangue?!

MARTIM LOPES:

Da virtude...

ANTONIO LOBO, *ameaçador.*

Senhor! . . . (*Mysterio*) Meditai antes, meu Pai! pensai bem no que vos digo, e no que pretendeis fazer. Vede que eu estou n'uma situação terrível; não me arrasteis ao abysmo! . . . (*Sahe por onde entrou triste, e abatido*).

SCENA IX.

MARTIM LOPES, JORGE, E OS OFFICIAES.

JORGE.

Chegarão os Srs. Officiaes.

MARTIM LOPES.

Que entrem. (*Jorge abre o reposteiro do fundo e entrão o Presidente, Auditor, 1.º e 2.º Capitães, e mais um vogal*).

PRESIDENTE.

Bons dias, Exm. Sr. !—não sei se chegamos cedo.

MARTIM LOPES.

Sois pontuaes.

AUDITOR.

E queira V. Ex. aceitar os nossos justos sentimentos pelos motivos que aqui nos conduzem.

MARTIM LOPES.

Obrigado. Creio muito no que me dizeis, e tendes a prova na confiança que depositei em vós para corrigirdes os erros d'esse Ouvidor inepto, e desses Officiaes desobedientes

1.º CAPITÃO, *á parte e em meia voz.*

E esta?!

2.º CAPITÃO, *o mesmo.*

Que quer elle dizer?!

PRESIDENTE.

Nós faremos justiça, senhor.

MARTIM LOPES.

Eu a espero. Cumpre que me retire, e vos deixe em liberdade: fica Jorge para vos servir. Estais em vossa casa, ou no vosso quartel. (*Vai-se pela porta do fundo e colloca-se por detrás do reposteiro de modo que o espectador lhe vê os pés distinctamente*).

SCENA X.

OS MESMOS, MENOS MARTIM LOPES.

(*O Presidente, Auditor, e um Vogal sentão-se em torno da mesa, lêem, escrevem, e conversão em voz baixa:—na frente da scena passeião os 1.º e 2.º Capitães*).

1.º CAPITÃO.

Faremos justiça?!

2.º CAPITÃO.

Quem sabe? ainda nada podemos dizer.

1.º CAPITÃO.

Podemos, são da *confiança*; por tanto desesperamos.

2.º CAPITÃO.

Mas...

1.º CAPITÃO.

Qual! vós o vereis. Mas pela minha parte engana-se Martim Lopes: não sou da *confiança*...

2.º CAPITÃO.

Nem eu!

1.º CAPITÃO.

Sou Brasileiro, e Paulista; votarei conforme a minha consciencia, embora seja elle General e despota, e eu um simples e desvalido Capitão. Não, nem pensal-o!... Si nestes desgraçados tempos já não ha mais Paulistas que intinem ao Governo a vontade do povo; e si já não temos um Amador Bueno, um Fernando de Gamargo, um Miguel Garcia Carrasco, e tantos outros, que em 1841 forão ao collegio dos Padres da Comnhia dizer-lhes, ordenar-lhes que no prazo de seis dias evacuassem a Capitania, á esses Padres que servindo-se da religião avassalavão, e oppri-

mião; si já não temos esses Paulistas heroicos, que decretem a expulsão e banimento deste tyranno, como aquelles fizeram aos tantos despotas da Companhia; meu Capitão! aqui estou eu, fraco, e só, é verdade; mas cheio dos mesmos sentimentos, e disposto á tudo soffrer por amor desta nossa Patria, que tanto custou á esses varões respeitaveis. Aqui estamos nós sós; mas é agora que nos cumpre ser Paulistas, pagar o devido tributo áquelles que se vivessem hoje estarião agora com o povo á porta d'este palacio, n'este lugar, como n'essa época gloriosa de 1641, na casa do Conselho da Camara, dizendo, como dizião então á Governança: « *Se não accedeis ao que requeremos vos tiraremos a vara, pois que ella é feita pelo povo...* »

2.º CAPITÃO.

Podeis contar comigo; sou tambem Paulista, e detesto igualmente o inimigo commum. Mas que havemos de fazer em favor do pobre Caetaninho?

1.º CAPITÃO.

Deixai por minha conta. Eu quero vêr como procede o Presidente, e em que elle fundamenta a accusação.

AUDITOR á parte.

Muito fallão aquelles dous!—cuidado com elles!

2.º CAPITÃO.

Julgo que nem ha testemunhas, é só o julgamento.

1.º CAPITÃO.

Testemunhas? já depozerão o que virão, que Antonio Lobo é um devasso, que suas excursões contínuas pelos arrebaldes e aldêas são sempre crapulosas, e que o soldado Caetaninho só tem o crime de acompanhá-lo, e conservar ainda um resto de moralidade.

2.º CAPITÃO.

E' publico e notorio.

1.º CAPITÃO.

Sempre o foi, e d'esta viagem de S. Caetano, não ha quem ignore as menores circumstancias.

2.º CAPITÃO.

E a tal Joanna é uma moça bem séria com effeito?

1.º CAPITÃO.

Muito, a mãe é que a arrastava aos seus vicios. Ouvi dizer que está gravemente enferma do susto que teve lá em S. Bernardo, onde a deixáráo.

2.º CAPITÃO.

E vos recordais d'aquella noite?

PRESIDENTE, *chamando.*

Meus Senhores?

1.º CAPITÃO.

De tudo me recordo, Capitão! e vós também não vos esqueçais de nada, que vamos travar o combate. Esta campanha é a peor de todas; porque a arma aqui é a intriga e a trahição, que nunca soube manejar. (*Chegão-se a mesa, e sentão-se*).

PRESIDENTE, á *Jorge*.

Trazei o preso. (*Jorge sáhe*). Senhores! são as ordens de S. Ex., são meus desejos, e serão indubitavelmente os vossos... que nós compenetrados da causa...

1.º CAPITÃO, *impaciente*.

Sim, Senhor! façamos justiça.

PRESIDENTE, *perturbado*.

Façamos justiça... imparcial e severa.

SCENA XI.

OS MESMOS, CAETANINHO, JORGE, E SOLDADOS.

CAETANINHO.

Ainda um conselho... que importa!..

1.º CAPITÃO.

Vem para aqui. (*Aos soldados*) Tirai-lhe as algemas; compareça livre de toda coacção para

responder. (*Os soldados desprendem Caetaninho, que vem para a frente junto a mesa, e ao lado do 1.º Capitão*). Qual teu nome, e que idade tens?

CAETANINHO.

Caetano José Costa, vinte e seis annos.

AUDITOR.

Como, Sr. Capitão?

1.º CAPITÃO.

Sim; pois não é isto?

AUDITOR.

Leiamos primeiramente o processo verbal do 1.º conselho.

1.º CAPITÃO, *dissimulando*.

Não, Senhor. Nós estamos scientes; o réo tudo ouviu... Além de que hoje só tratamos do julgamento.

AUDITOR.

Isso é verdade!

1.º CAPITÃO.

Alguns esclarecimentos com tudo...

AUDITOR.

Do réo... é justo.

2.º CAPITÃO, *ao 1.º, baixo.*

E' solícito!

1.º CAPITÃO, *á parte.*

Muito! Mas tens (*Para Caetaninho*) vinte e seis annos. Donde és natural?

CAETANINHO.

D'esta Cidade.

1.º CAPITÃO.

Tua praça?

CAETANINHO.

Sou da cavallaria de Voluntarios Reaes, em que sirvo á cinco annos.

1.º CAPITÃO.

Sabes porque compareces diante de um conselho de guerra?

CAETANINHO.

Sei! é porque... amáva, amo ainda, á uma moça sem nome, como sem mancha. E' Joanna tão fallada por seu apego á sua mãe, por seu horror á deshonra... E' Joanna que se conserva pura na miseria, que morre de trabalho para viver... (*Enthusiasmando-se*) que ama no seio da depravação!... Eu a vi, a amei... nos amamos

ambos, como por força de predestinação, com esse amor que é sempre grato confessar em toda a parte, diante dos homens, como de Deos; amor que não se esconde da sociedade, porque quer ser abençoado pela religião... Amor, em fim, que em todas as recordações de sua já longa existencia até este momento, surgiu sempre na minha alma entre perfumes, pureza e suavidade... (*Pausa—profunda attenção dos 1.º e 2.º Capitães—visível impaciencia dos outros*). Assim viviamos como no paraiso; olvidados de tudo, esquecidos de que n'este mundo não persiste o que é bom! A amisade que me votou o Sr. Ajudante Antonio Lobo, e o reconhecimento que me fez seu escravo, forão a minha perdição, e o infortunio da misera Joanna. Seducções, supplicas, ameaças, e violencias, não abalão aquelle anjo da constancia! Eu disse ao Sr. Ajudante que... a deferencia, que me collocaria entre elle e essa flôr candida para que a não crestasse o seu halito... Elle insistio, tentou minha fraquesa, e ameaçou-me com todo o seu poder... Joanna estava em perigo, e eu não pude ser indifferente;—arremecei-me á elle, que me castigava com um desprezo insuportavel! ia defender Joanna, fazer o que não é um crime, o que o coração manda, e o que Deos de certo não condemna... (*Cançado e afflicto—pausa*) Prenderão-me; estou preso! (*Com raiva concentrada*).

1.º CAPITÃO.

E nada mais tens que allegar?

CAETANINHO.

Por ventura já não vos disse tudo?—deverei ainda lamentar-me e chorar como uma criança? (*Com impassibilidade*). Não! não é esta a vez, em que as faces do soldado se hão de lavar em lagrimas! De que se trata aqui? dos meus dias?—para que os quero? Por muitos que sejam, não me servirão para mais do que os que já se passarão:—faça d'elles este Conselho o que quizer e dever fazer. Que importa?—não tinhamos guerra no sul? podião tambem para lá mandar-me, podião collocar-me no lugar, em que mais se cruzassem as balas. Senhores! estou em vosso poder, fizei de mim o que fôr o meu merecimento! (*Transição*) Mas que disse?—ai de mim! e Joanna! .. como a deixaria eu n'este mundo só e abandonada? como se defenderia ella da deshonra!... (*Supplicante*) Ah Senhores! tende compaixão da orphã desvalida, não lhe roubeis o fragil e derradeiro apoio, não a assassineis! Sim; ella não vive sem mim. acreditai-o, uma mesma existencia alenta á ambos: sêde compassivos; é por não matal-a que desejo viver!—não sou culpado, não. .. eu vol-o juro! (*Com inefavel tristeza*)—sou sómente infeliz muito infeliz!... Não sei d'ella! no retiro de meu carcere, nos sonhos de minhas noites vejo-a sempre triste, perseguida, gemendo. ..—será verdade! não me dizeis!... Que incerteza! que torturas! (*Em desespero*) Senhores! matai-me, si o quizerdes, mas á seu lado, ao lado de seu cadaver, matai-me com ella!... (*De joelhos, em soluços.*— *O Conselho parece profundamente commovido*).

PRESIDENTE, *aos soldados.*

Levai o preso.

SCENA XII.

OS MESMOS, MENOS CAETANINHO, E SOLDADOS.

AUDITOR.

O Conselho está sufficientemente esclarecido?
(*Gesto affirmativo*) Eu passo a lèr a culpa e defesa do réo.

1.º CAPITÃO.

E' desnecessario, Sr. Auditor!—eu creio que o conselho a dispensa.

PRESIDENTE.

Podemos votar, Senhores! (*Levantão-se todos*).

1.º CAPITÃO, *á parte.*

E condemnar-se este homem! (*Fica pensativo—Pausa*).

2.º CAPITÃO.

Em que pensais! (*Ao 1.º Capitão, e ambos á parte*).

1.º CAPITÃO.

Estava eu pensando agora no infortunio dos povos opprimidos, pensava na sorte do Brazil e dos Brasileiros, no que está se passando diante

de nós, e nos juizos que farão os vindouros de mim, de vós, de quantos representamos n'esta scena de barbaridade, e de sangue!...

2.º CAPITÃO.

Desesperais ?

1.º CAPITÃO.

Nunca esperei, amigo? aquelles são Portuguezes. . .

2.º CAPITÃO.

E' verdade! Si Caetaninho tambem fosse Portuguez...

1.º CAPITÃO.

Mas (*Concentrado*) Caetaninho é Brasileiro, e como nós, Paulista! Capitão, que importão as iras de Martim Lopes?... (*Caminhando para a mesa*). Votemos!

2.º CAPITÃO, *resolutamente*.

Votemos. . . (*Escrevem com desembaraço os seus votos:—raiva mal disfarçada dos outros*).

1.º CAPITÃO.

A posteridade julgará!

2.º CAPITÃO.

E fará justiça á todos!...

AUDITOR, *em triumpho*.

O soldado Caetaninho foi condemnado á morte... (*Em voz tremula*) por tres votos!

1.º E 2.º CAPITÃES, *alto*.

Condemnado á morte! ..

AUDITOR.

Admirais-vos? (*Aos 1.º e 2.º Capitães*).

1.º CAPITÃO.

Tendes razão!—eu não devia admirar-me do que previa e esperava... (*Pausa*) Um conselho adrede, illegal e sem formulas, e condemnar a morte o innocente! O tribunal de Pilatos...

PRESIDENTE, *com respidez*.

Sr. Capitão!

AUDITOR.

Censurais-nos?

1.º CAPITÃO, *imperturbavel*.

Censuro, sim; e nesta hora cruel, em que são postergados e aniquilados todos os direitos do homem, e todas as garantias do cidadão, eu ouzo fazer diante de vós um protesto solemne e uma supplica fervorosa. Protesto á posteridade contra vós, e contra o autor de nossas miserias presentes, e supplico á Deos para que nos de-

pare no futuro um governo digno da minha Pátria.

AUDITOR.

Muito bem ! continuai.

1.º CAPITÃO.

Sim, continuarei dizendo que vos odeio e aborreço, como ao vosso senhor. (*Muito despeitosamente*).

PRESIDENTE.

Moderai vossos transportes, Sr. Capitão! reflecti bem no que estais dizendo.

1.º CAPITÃO.

Estou de sangue frio, Sr. Major! peso bem minhas palavras; e já que me ligo por fatalidade á este espantoso attentado contra as leis, e os costumes, deixai-me na tristesa do presente entrever uma esperança por entre os longes do futuro: deixai-me esperar que hade vir um dia, em que—um Governo Nacional e Sabio, reunirá os Brasileiros, e os protegerá e felicitará, como um pai á seus filhos! (*Em extase*) Oh! salve! glorioso dia da liberdade de minha Pátria! Deos te salve!. . . (*Com o maior enthusiasmo*) Oh! e não raiará em meus dias essa aurora de vida e liberdade?

MARTIM LOPES, rasgando o reposteiro.

Não, nunca!. . . (*Suspendendo-se*) Cumpristes a vossa missão, podeis retirar-vos.

SCENA XIII.

OS MESMOS E MARTIM LOPES.

1.º CAPITÃO, *impassivel.*

Sim, e talvez não esteja muito longe! Eu apello para essas crianças que dormem agora em seus berços, ou no regaço materno, ellas que nos respondão no porvir. O demonio de Portugal hade acabar-se para sempre!... (*Sahe arbatadamente seguido do 2.º Capitão.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, MENOS OS 1.º E 2.º CAPITÃES.

PRESIDENTE.

O Conselho...

MARTIM LOPES.

Sim. Dai-me os votos.

PRESIDENTE.

V. Ex. ouviu tudo?

MARTIM LOPES.

Podeis retirar-vos. (*O Auditor lhe entrega um maço de papeis.*)

PRESIDENTE.

A's ordens de V. Ex. ! (*Martim Lopes corteja-os de leve, e os Officiaes sahem em silencio*).

JORGE, á parte,

E eu vou avisar o Sr. Ajudante. (*Sahe pela direita — Martim Lopes retira se pelo fuado*).

SCENA XV.

ANTONIO LOBO, E DEPOIS MARTIM LOPES.

ANTONIO LOBO.

Oh!... (*Rasgando freneticamente todos os papeis que estão sobre a mesa*). Retirar-me e deixal-os!... Martim Lopes! á que extremo me arremeção vossas iras! Sicarios! mas eu vou vingar o innocente. Oh! minha espada! terás hoje um banho de sangue! (*Ao sahir abalrôa-se com o General:—estupefação de ambos*).

MARTIM LOPES.

Onde vás?

ANTONIO LOBO.

Soltar o preso Caetaninho.

MARTIM LOPES.

Meu filho?!

ANTONIO LOBO.

Vosso filho, não, já o não sou. Vós quebras-tes os laços de sangue que nos ligavão; viste-me submergido na tristeza e no desconsólo, e ficastes impassível!—vós que me d'estes o ser, e que tinheis por isso obrigação sagrada de me dardes a paz e a felicidade que pudesseis!... Ah! (*Com asco, e despeito*) eu já não sou vosso filho, sou um engeitado á vossa porta, que acolhes-tes por vaidade!... Sou hoje apenas o Ajudante d'Ordens do General de S. Paulo, e selo-hei máo grado vosso, bem o sei; mas tenho muito que fazer.. (*Vai a sahir, Martim Lopes o detem*).

MARTIM LOPES.

Não, não sahirás, estás preso!

ANTONIO LOBO.

Bem vedes, que vos não posso obdecer! Accusei ao infeliz Caetaninho, quero corrigir o meu erro, não consentirei que elle morra! defendel-o-hei ainda á custa do meu sangue!...

MARTIM LOPES.

Imbecil, que não sabes o nada que és e o muito que eu sou!

ANTONIO LOBO.

Oh! sei muito o que vós sois:—o que não é o tigre nas florestas?.. Mas um dia, quando

ainda saboréa o sangue da ultima victima, trocã-se as scenas, os viandantes são os algozes, e o tigre...

MARTIM LOPES.

Mas eu sou o Capitão General de S. Paulo.

ANTONIO LOBO.

Melhor!—os homens temem mais as feras, que os assassinos! Sim! acreditai-me: a tyrannia tenta em vão segurar-se... a razão acordará, e ao seu brado espantoso os povos se alevantarão triumphantes sobre os cadaveres dos tyrannos!...

MARTIM LOPES.

Desgraçado! que pretendes contra teu pai?

ANTONIO LOBO.

Contra elle nada, eu já não tenho pai; mas contra vós; Senhor! contra o General de S. Paulo—sublevarei o povo.

MARTIM LOPES:

Sim! começaste a tua carreira pelo galanteio, proseguiste impávido pelo copo, e pelo jogo; deves acabar por chefe de revoltas, e não sei por onde mais.

ANTONIO LOBO.

Não vos esqueçais de que o povo murmura.

MARTIM LOPES.

Eu o farei calar-se.

ANTONIO LOBO.

E si elle resistir?

MARTIM LOPES.

Mandarei cortar-lhe a cabeça!

ANTONIO LOBO.

Senhor!. . . (*Em tom de reprehensão e ameaça*).

MARTIM LOPES.

Basta, retira-te, que enfastio-me de ouvir-te.

ANTONIO LOBO.

Pois bem, Senhor!—eu me retiro, e buscai outra victima, si puderdes. Esta já está sob a minha guarda! (*Sahe arrebatadamente com a espada desembainhada*).

SCENA XVI.

MARTIM LOPES, DEPOIS JOANNA.

MARTIM LOPES

Louco! balda furores e ameaças. (*Vendo os papeis despedaçados*). Pensava achar aqui mais do que papeis inuteis. . . (*Senta-se e lê os votos que trazia nas mãos*). Condemnado por tres votos! e os dois capitães. . .

JOANNA, *dentro*.

Porque me tratão assim? que mal fiz eu? como são cruéis!... (*Apparece, e ainda vê-se o soldado que lhe interceptava a entrada*).

MARTIM LOPES, *levantando-se*.

Que mulher é esta? que quer aqui? porque a deixarão entrar!... (*Joanna, com a vista e palavras de Martim Lopes, assusta-se, quer sahir e desorienta-se—Martim Lopes igualmente se perturba, e ambos dão alguns passos pelo theatro*).

JOANNA.

Eu quem sou?... Ninguem! nem sei mesmo como aqui vim... Quem me déra morrer já!—a dôr da morte ha de ser menos pungente que a angustia desta saudade, que me não acaba de uma vez...—Para onde o levirão?... Senhor! (*De joelhos*) matai-me!—de que serve a minha vida?... —mas elle... (*Suffocada pelas lagrimas*) deixai-o viver!... (*Os soluços lhe abafão a voz*).

MARTIM LOPES.

(*Exclamando com força como para apoderar-se da energia que já lhe falta*). Está condemnado, e hade soffrer a pena!...

JOANNA, *levantando-se em desespero*.

Morto, morto... ah!... (*Cáhe desmaiada*).

Desce o panno.

ACTO III.

FREI GALVÃO.

O oratorio da cadeia de S. Paulo. No fundo uma cama simples. A' esquerda um altar com o crucifixo, e seis vellas accesas já gastas. A' direita uma mesa com diversos objectos occultos debaixo de uma toalha; e tres cadeiras de couro. E' dia.

SCENA I.

CAETANINHO, — *deitado e dormindo*; — *uma sentinella á vista na porta da entrada*; 1.º E 2.º
IRMÃOS DA MISERICORDIA.

1.º IRMÃO, *á scena.*

Está dormindo: talvez seja a primeira vez á quarenta dias que assim descança. Tão socegadoamente respira, seu rosto pallido e descarnado está tão sereno, que parece nada temer n'este mundo.

2.º IRMÃO.

Fosse ao menos eterno este somno; porque o acordar deve ser horrivel, meu Deus!

1.º IRMÃO.

Não, elle agora está resignado. Hontem sim;

parecia louco, fazia desesperar... Mas depois dos conselhos do Sr. Fr. Galvão, que á pouco se retirou, geme, e chora apenas. E se visseis, e ouvisseis, Irmão, aquelle homem como fallava!—eu mesmo tive vontade de morrer. Tal era a sua eloquencia, e unção!

2.º IRMÃO.

Oh! é um santo, não se póde duvidar! Aquella alegria, que elle ostenta ainda mesmo com as suas dôres, aquella doçura de sua linguagem, aquelle amor do proximo tão depurado, tudo, tudo n'elle revella que é um santo, e não um peccador como nós.

1.º IRMÃO.

Eu até não posso encaral-o: não é de terror, elle é o cordeiro da humildade; é de vergonha e remorso dos meus peccados.

2.º IRMÃO.

Si elle fallasse ao General talvez...

1.º IRMÃO.

Sem duvida perdoaria! E foi de certo por isso que o enchotárão da porta do palacio, como á um lazarento.

2.º IRMÃO.

Devéras!—pois atreverão-se?

1.º IRMÃO.

Ainda ignorais?

2.º IRMÃO.

Eu soube que elle lá foi, mas ignorava essa circumstancia.

1.º IRMÃO.

Não sei si foi o General que o mandou sahir; mas o caso é que elle não attendeu ás supplicas do Sr. Bispo, e dos mais respeitaveis sacerdotes, que lá forão antes do Sr. Fr. Galvão.

2.º IRMÃO.

Sim, ouvi dizer isso... ão pedir em nome do povo o perdão de Caetaninho.

1.º IRMÃO.

Exatamente!—tudo se tentou debalde; o General está tomado de uma paixão espantosa! Nem ás lagrimas e ameaças do filho attendeu elle!

2.º IRMÃO.

Aquelle moço é precipitado! dizem tambem que veio á cadêa para soltal-c...

1.º IRMÃO.

E' tambem verdade; mas os soldados resistirão até o extremo; de modo que o Ajudante

retirou-se desacoroçoado, e cançado de dar pranchadas nas sentinellas.

2.º IRMÃO.

A causa foi esse segundo conselho, malditos vogaes! e esse conselho é nullo, todo nullo; não achaes?

1.º IRMÃO.

Si é!... no fundo e na fórma nullissimo! E condemnar á morte, e ser Caetaninho enforcado!...

2.º IRMÃO.

Vogaes amaldiçoados!...

1.º IRMÃO.

Não sei que vos diga, Irmão! Elles não podião proceder de outro modo: o General queria que Caetaninho fosse condemnado á morte; impoz essa ordem, os Officiaes a cumprirão.

2.º IRMÃO.

E a apparição dessa moça em palacio?

1.º IRMÃO.

Ia de certo pedir por seu amante:—loucuras de mulher! pensava que embora o General não attendesse á ninguem, nem ao proprio filho, não resistiria com tudo ao seu amor. O mais é que essa pobresinha está a morrer: accordando em

casa do desmaio que tivêra em palacio entrou em delirio, e até agora ainda não voltou ao juizo. Coitada! era uma boa moça.

2.º IRMÃO.

Ah! meu Irmão! como me intristecem estas coisas! e quando poderei esquecel-as!

1.º IRMÃO.

Esquecel-as, dizeis? o infortunio de Caetaninho hade ser lembrado, e chorado sempre!... Vêde esse povo que enche a rua, vêde-o em lagrimas e desalento. Dir-se-hia que a cidade toda vai morrer!

SCENA II.

OS SOLDADOS *vem render o quarto da sentinella da prisão, e trocando-se, a que fica descança a espingarda com força; Caetaninho estremece com o estrondo*).

1.º IRMÃO.

Pcio! (*A' sentinella, que fica immovel como estatua*).

CAETANINHO.

Ai! (*Despertando, e movendo-se no leito*).

1.º IRMÃO.

Accordou, e foi a sentinella!

CAETANINHO, *abatido.*

Que sede!

1.º IRMÃO.

Caetaninho, queres agua?

CAETANINHO, *pausadamente.*

Sim, quero. . . mas que seja a que me costumais dar.

1.º IRMÃO.

Sim; é a do Tamandoatchy: está fresca, veio á pouco. (*Vai á mesa e tira debaixo da toalha um copo com agua que dá á Caetaninho*).

CAETANINHO, *calmo e tristemente.*

Deos vos pague, Irmão, estava dulcissima! Trouxe-me lembranças desses tempos, que não volverão mais, em que eu com Joanna. . . pobre Joanna!—passeava por essa varzea tão linda, volvendo olhares amplos por esse vasto horisonte, e interrogando entusiasta o nosso futuro, que parecia dever ser tão bello! Quem diria que se havia de converter neste presente! . .

1.º IRMÃO.

Não te lembres de nada Caetaninho.

2.º IRMÃO.

Como te achas agora?

CAETANINHO, *o mesmo.*

Melhor, estou melhor! o tumulto de minha alma vai já serenando. Agora dormia eu socegradamente, como n'esses tempos de outr'ora, que não devo recordar, e sonhava... Ah! era já o céo que se entreabria no horisonte de meus curtos, e desvairados dias!—Mas sonhava eu que uma força superior me arredava da terra, e me despegava do coração todas estas angustias, infundindo n'elle uma alegria infavel. Eu via Joanna, trajando roupas brancas e longas, e deslizando-se no espaço com azas também brancas e longas... Tinha na cabeça uma grinalda de jasmims e perpetuas... estava como em extasi divino, com o olhar fixo no firmamento estrelado! Eu ia após d'ella entre perfumes, e ao som de musica suavissima... Oh! quem me accordou? porque não me deixarão sonhar assim eternamente?!... (*Tem-se erguido, e solta então uma perna fóra do leito.*)

1.º IRMÃO.

Tem paciencia, Caetaninho!—foi a sentinella.

CAETANINHO.

A sentivella?...—que horas são?

1.º IRMÃO.

Nove.

CAETANINHO, *lentumeate e succumbindo.*

São pois nove horas?... d'aqui á pouco...

adeos, ó vida...Camarada! Camarada! que fizeste?... Porem não; não me fizeste nada, perdoa. Accordei, como o soldado ao brado heroico das armas; devia accoradar assim, devia tambem morrer como o soldado ao som das trombetas, e ao estrondo de uma descarga; morro porem como querem que eu morra! seja... a agonia é a mesma!... (*Ao vêr o soldado chorar e esconder o rosto no braço descansado sobre a bocca da espingarda*) Camarada! tens dó do teu companheiro d'armas?—és um verdadeiro soldado! no campo matar com friesa, aqui chorar de vêr morrer! Camarada! dá-me essas lagrimas, são minhas! vem, quero cerrarte em meus braços... (*Abraça a sentinella*). Oh! eu nunca fiz mal aos meus camaradas, fui sempre seu amigo... o mais infeliz é verdade; mas o que me aconteceu podia succeder á qualquer outro!... Adeos! este abraço é fraternal, transmite-o aos nossos bravos irmãos d'armas, e dize-lhes que não sou indigno de seus pesares, e lamentos!... (*O soldado retira-se para o seu posto e Caetaninho fica pensativo*). São os ultimos arreboés do pensamento e da vida que se extinguem!—sinto já as trevas do sepulchro invadirem-me o espirito, já de tudo me vou esquecendo, só falta-me esquecer a minha Joanna! Amor (*Mal contida explosão*), causa fatal das dôres de ambos! mas que importa? não é isto tudo um crysol por onde passa este amor para depurar-se das misérias da terra, e poder entrar no céo? Sim, não era possivel que a virtude deste triste coração, e a pureza, e innocencia daquelle anjo? fossem tão cruelmente espesinhadas pelos homens,

e se anniquilassem para sempre... (*Pausa*).

SCENA II.

OS MESMOS, E FR. GALVÃO.

FR. GALVÃO, *entrando*.

O Senhor seja convôsko!

CAETANINHO.

Viste-a, viste-a? (*Com anxiedade*).

FR. GALVÃO.

Vi-a sim, e consolei-a.

CAETANINHO.

E que me dizeis? meu pai!

FR. GALVÃO.

Que a misericordia de Deos é grande, meu filho!

CAETANINHO.

Como assim! tenho o cerebro confuso.

FR. GALVÃO.

Em breve as vossas almas se encontrarão no céo.

CAETANINHO.

Morrer! morrer!... (*Succumbindo*). O' meu pai! a morte me segue! está aqui, não a vêdes?—vejo-a eu accenar-me com todos os extortores e angustias, com que ella despega a alma do corpo! (*Em delirio*) Eil-a! sim! já vou... nunca fugi... não tenho medo... por maiores que fossem meus crimes, estarião já agora purgados! não te receio, não! mas pesame, pesa-me tão cedo ainda... e ella tambem moça, tambem cheia de amor, e de esperança!... Está morta! já só tem do que foi a palidez do rosto, para signal de quanto padeceu!... oh! morte! não ouviste? minha hora extrema soou, foi seu derradeiro suspiro! Vem, chegaste mais... não vêes que eu não tremo? Fere!... Sim... já sinto a neve coar-se-me pelas veias... adeos... ah! (*Vai a desfallecer, o 1.º Irmão o sustenta*).

FR. GALVÃO.

Meu filho!

CAETANINHO.

Meu pai!—é morta a minha Joanna! .. (*Em pranto*).

FR. GALVÃO, *exclamando*.

Deos dos carcereiros e das fogueiras! visitai esta mansão, e trazei á esta alma atribulada a santa resignação de tantos martyres, que espiarão a impiedade dos tirannos! Não desmereça a fé nos labios do vosso servo indigno, ó Meu Divino Mestre!...

CAETANINHO.

Perdão, perdão, meu pai! afflijo-vos, mas não posso... não posso conformar-me com a morte de Joanna!.. .

FR. GALVÃO.

Mas ah! não sabes, Caetaninho! que esta vida é transitoria? que ha outra em que se vive eternamente? oh! venturoso o homem que isto sabe, porque saudará contente a derradeira hora das lagrimas, e o primeiro momento das alegrias eternas! A misericordia divina é immensa; estende-se e cobre á todos, ao rico como ao pobre, ao grande como ao pequeno, ao rei como ao vassallo, ao justo como ao peccador! Meu filho! que esperavas tu do mundo?—não vês que a semente, que vinga nesta terra de proscripção, é sómente a do mal? não vês a desolação e os vicios em todas as acções humanas? querias viver com a tua Joanna em uma união abençoada, para realisardes quanto sonhastes ambos na meninice?—engano! a nossa imaginação nos pinta a vida com côres seductoras, mas fantasticas! Entra nesses palacios que o orgulho e a vaidade dos despotas cimentarão com o suor dos pobres, e indaga se ha um prazer sem affinidade com a dôr, e dir-te-hão, que não existe em todo o mundo; porque abi se reunio tudo, o maior poder e a maior fortuna, e não o conseguirão!... Imperfeita acharias a tua felicidade com Joanna: descerias do altar, e descerias do leito com uma familia, e mil cuidados incessantes e penosos; a doença e as paixões dos homens, com que lutaste, e com que

teus filhos lutarão também, farte-hião menos feliz; farte-hião conhecer, que neste mundo nem socego pode haver, e que a esperança é um suspiro da creatura exhalado ao seu creador, uma filha do céo, que só lá pôde refugiar-se! Não te conformas com a morte de Joanna! porque querias que ella te sobrevivesse? para morrer cem vezes cada hora pensando no que perdeu? Caetaninho, meu filho! morre, morra também Joanna; a morte é rápida passagem das lagrimas para o prazer, do mundo para Deos! Feliz quem como tu morre padecendo, e vai ropousar no Senhor! Ai de mim porem, que nada soffro e não sei quando acabarei minha missão!... (*Chora*).

CAETANINHO.

Não, não, meu pai! como ficarião os infelizes?

FR. GALVÃO.

Eis-ahi o refrigerio de todas as miserias humanas! (*Apontando o altar*) Que sou eu? pobre peccador que só sei chorar sobre ellas.

CAETANINHO, *ouvindo a campã*.

Escutai, é o signal da partida!

FR. GALVÃO.

Em boa hora o seja... para o céo!

SCENA IV.

OS MESMOS E UM ORDENANÇA DO GENERAL.

ORDENANÇA.

Senhores, tudo está prestes, só falta o pade-cente.

FR. GALVÃO, *ao Ordenança.*

Não hade ser esperado. (*A' Caetaninho.*)
Aguarda-me, filho, em breve estarei de volta,
(*Sahindo.*) Nem uma mortalha para o condem-nado!

SCENA V.

OS MESMOS, MENOS FR. GALVÃO, E O ORDENANÇA.

CAETANINHO.

Sim, meu Pai! trouxe-me uma alva, que me cubra estes vestigios cruéis, e já me separe do mundo nos poucos passos que nelle ainda me cumpre caminhar! . . . (*Pausa*) Meos Irmãos! a companhia do condemnado é bem triste e terri-vel!—eu me arrepio de mim mesmo! Se não fosse a vossa caridade sem limites! . . . Emfim, tereis uma historia bem lastimosa, para contar-des aos vossos filhos e netos!

1.º IRMÃO.

E todos chorarão tua memoria, Caetaninho.

CAETANINHO.

Ah ! esta infelicidade que me succede é sem limites : o Sr. Fr. Galvão a explica não sei como. . . — são palavras de um santo, devo acreditar! . . .

1.º IRMÃO.

Lembra-te do céu, Caetaninho.

CAETANINHO.

Nos extremos da vida, no lumiar da eternidade, não posso, não devo pensar em outra coisa. . . Joanna é morta ! (*Em soluços*).

1.º IRMÃO.

Caetaninho ! a oração é sempre um alívio !

CAETANINHO.

Sim ; mas eu estou tão afflicto ! ao aproximar-se o momento terrível reconheço-me tão fraco ! Ah ! por que me deixou Fr. Galvão ? (*Impaciente*). Oh ! chamai-o, dizei que me não abandone neste transe perigoso ! (*Chamando*) Fr. Galvão !

SCENA VI.

OS MESMOS E ANTONIO LOBO.

ANTONIO LOBO.

Chamaste um anjo, e apparece-te satanaz !

CAETANINHO.

Lobo ! ...

ANTONIO LOBO.

E não me voltas o rosto, e não me amaldiçoas ? !

CAETANINHO.

Amaldiçoar-te ? eu ? . . .

ANTONIO LOBO.

Oh ! por toda a parte, a paciência, e a resignação, mais terríveis que o anathema de Deus que me acabrunha ! . . . Lá . . . somente lagrimas silenciosas, que me cahirão no coração, ardentes como gotas de fogo ! e aqui tu tranquillo, Caetaninho ! . . .

CAETANINHO.

Que dizes, Lobo ? não te comprehendo ! Falas do meu supplicio, ou da morte de Joanna ?

ANTONIO LOBO.

Fallo dos meus crimes e remorsos, Caetaninho ! dos meus crimes que te arremeção ao patibulo, e dos meus remorsos que me não levão ao inferno ! Sim ; é impossivel no inferno padecer tanto ! . . . Quarenta dias, e quarenta noites se hão passado até hoje, sempre com as mesmas associações despedaçadoras, sempre com os mesmos sonhos ! E agora, agora que eu vinha para que me arremeçasses ás furias dos demonios da vingança, encontro-te placido, compassivo ! . . .

Oh! caridade christã! oh! religião terrivel! o teu perdão fulmina ás vezes como os raios da colera divina! Caetaninho! quero a tua vingança... ser-me-ha menos insupportavel que o teu perdão!...

CAETANINHO.

Vingar-me! e eu não necessito de perdão? Sempre arrebatado: misero Antonio Lobo!— sempre frenetico em todos os teus pensamentos e acções!—mas não sabes! desgraçado! que o mundo se acabou ali (*Apontando a porta*) para mim, e deve terminar tambem para ti, em quanto aqui estás?—Por que fallas pois de vingança? Dicastes que tinhas remorsos... pois bem; olha: (*Apontando o altar*). aquelle nunca se queixou de seus algozes, pelo contrario perdoou. Eu quero e devo ser como o Padecente da Cruz: eu te perdoo, Antonio Lobo, este meu supplicio, e Deos te perdõe o infortunio de Joanna!...

ANTONIO LOBO, *no auge da desesperação.*

Não, não! jámais, jámais!... trahidor, assassino, blasfemo, perdoado por todos!—matando sem ao menos ouvir os gemidos, e as imprecações das minhas victimas... com este horror n'alma, sem ser conjurado como o demonio!... Oh! que existir, que mão de ferro a estortegarme o cerebro!... E eu tão cobarde, tão sem coragem, para abrir meu peito, e derramar meu sangue!... Caetaninho! perdôa-me, mas mata-me... (*Para um dos irmãos*). mata-me tu, irmão!—é tambem uma caridade que me fazes, livra-me de mim mesmo!... E todos immoveis,

surdos á este padecer horroroso!—Maldição, maldição sobre mim! condemnado pelo céo, execrado pelos homens, e repudiado pelo inferno! maldição, maldição!...

CAETANINHO.

Meu Deos! compadecei-vos d'elle!

ANTONIO LOBO.

Caetaninho? (*Como acudindo á uma idéa súbita*). é impossivel o esquecimento! Tu ainda te lembrarás do tempo, em que andavas contente, e alegre com a tua Joana!

CAETANINHO, *supplicante*.

Lobo!

ANTONIO LOBO.

Oh! estás lembrado?—Tinhas então um amigo, Antonio Lobo, eu! que cioso da felicidade em que vivias, quiz trocar-me contigo, e collocar-me no teu lugar. . . Ambos vos separastes, e hoje um desce á sepultura, e outro sóbe á forca! . . . Caetaninho! eis aqui teu verdugo, o verdugo da tua Joana! e dize agora que estás esquecido, e que perdôas!

CAETANINHO.

Oh! estou lembrado! estou vendo tudo, e vejo sempre! (*Travando da mão de Lobo*). Antonio Lobo! . . .

ANTONIO LOBO.

Sim, deves de te lembrar, bem o dizia, e deves te vingar ; por que este crime nem Deos pôde perdoar ; Deos é de inexoravel justiça !. . .

SCENA VII.

FR. GALVÃO, E OS MESMOS.

FR. GALVÃO, *entrando*.

E de infinita misericordia ! (*Em tom solemne*).

ANTONIO LOBO.

Tambem vós, Padre!—tambem vós!—vêde que eu vascillo !

FR. GALVÃO.

Vascilla, vascilla, filho ! e depois olha para ti mesmo, e pergunta á tua consciencia se tens razão !

ANTONIO LOBO.

A minha consciencia, Padre ! é um abutre que me devora as entranhas, uma idéa de sangue, que me nodôou para sempre a alma ! Não appelleis para ella, não me falleis de mim, fallai-me antes dos reprobos !. . .

FR. GALVÃO.

Fallar-te-hei só dos bemaventurados que estão

no paraizo .. dos justos que peccarão gravemente e gravemente se arrependem, e com lagrimas copiosas, com supplicas ardentes alluem as portas do céo, e alcanção o perdão, que Deos não nega ao que devéras o pede incessantemente ! fallar-te-hei de ti, pobre mancebo desvairado, que tão cego te perdeste na carreira dos vicios, e agora aqui não vês o quadro da vida humana, pintado com côres tão sombrias e funestas ; fallar-te-hei de ti, que serás castigado, se te não arreperderes ! Sim, filho ! vê que o tempo vóa, e a morte, que vem subita, te deve achar disposto.

ANTONIO LOBO.

A morte? eu a quero, eu a estava implorando...

FR. GALVÃO.

E sabes quando o christão deve morrer ?

ANTONIO LOBO.

Sim, é quando a vida se torna um gravame insoffrivel ?

FR. GALVÃO.

Não ; é quando o fogo do arrependimento tem consumido os ultimos vestigios do peccado.

ANTONIO LOBO.

Arrependimento, remorso! oh! eu o sinto aqui retalhando-me de continuo o coração, como um

punhal de chammas !... Padre ! Se soubesses o que é um remorso !..

FR. GALVÃO.

E' a salvação eterna, é a semente da virtude, que rebenta no sólo revolvido pelos crimes, é tudo... E' a mão do Eterno que comprime o coração, para pô-lo no lugar, donde o arrancou o furacão do mal !..

ANTONIO LOBO, *impaciente.*

Dizei antes—é a condemnação eterna ! Ah ! Padre, não quero ouvir-vos mais, vossa linguagem é uma irrisão ás minhas dôres.

FR. GALVÃO.

Deliras, desgraçado !

ANTONIO LOBO, *refreando a raiva.*

Deliro?—e tudo isto que sinto e vejo ? Ah ! não escarneçais de mim (*Com explosão*). Fugi, Padre ! fugi, que a minha luz se apaga, e eu começo a sentir não sei o que mais sombrio que a loucura, e mais sinistro que a desesperação !..

FR. GALVÃO, *screno e complacente.*

Não : agora, é que eu devo aproximar-me mais de ti, alentar a tua fé extincta, ou morrer ás tuas mãos ! (*Animando-se*). Sim ; tu deliras, misera creatura, com o excesso de padecer !.. Bem-

aventurados os que têm olhos e vêem!—escuta-me meu filho. Jesus, o Redemptor da desditosa familia de Adão, expirava no patibulo da cruz, entre os sarcasmos de seus barbaros algozes: á seu lado expiravão tambem dous bandidos, como para se confundirem com elle. Um olhou e vio o que essa geração cêga não queria vêr, e a luz da fé penetrou por entre as trevas do seu espirito:—o bandido orou, e salvou-se. O outro nada quiz vêr, suas trevas se prolongarão por toda eternidade!... Meu filho! não te assemelhes á este! Tu dizes, que o teu soffrimento é sem limites n'este mundo escasso em tudo! no outro... no outro será infinito, eterno. Soffres muito?—e quanto padece esta victima innocente? (*Apontando Caetaninho*). que agonia tão travada de angustias, e desespero, não é a d'essa moça?... Ah! si o remorso não fosse a repercução fiel, e até exagerada dos tratos causados pelos crimes, de nada valeria. Tu desesperras, filho! porque te julgas isolado, e sem amparo? por que não te abraças com este rochedo? (*Apontando o altar*). aqui não chegão as tempestades da vida, e se chegão vem mais brandas, e não fazem estragos. Sim, meu filho! a religião é sempre um dever sagrado, mas agora para ti é uma necessidade, e é preciso que acredites que Deos vêla sobre nós, e não abandona o mais cêgo peccador!... (*Como inspirado*). Sim, é mister que Deos multiplique as suas visitas á terra, porque ha resgates, que só Elle pôde effectuar!... (*Em tom mystico e sobre natural*). Sim, Deos está aqui, eu sinto a Sua presença incomparavel! (*Cahindo de joelhos*). Santo!... Santo!... Santo!... (*Todos se ajoelhão—pausa*).

ANTONIO LOBO, *em soluços.*

Padre ! Padre ! as lagrimas me suffocão. . . já posso chorar. . . já posso ser perdoado, e viver! . . . (*Fr. Galvão junta as mãos e eleva o rosto para o céu com a expressão inesfavel de uma gratidão beatifica*).

CAETANINHO.

Antonio Lobo ! meu amigo ! . . .

ANTONIO LOBO, *levantando-se ainda choroso, mas resolutu e firme.*

Adeos, Caetaninho ! estas lagrimas correrão sempre ; e possão ellas, com as supplicas do santo, que nos salvou á ambos, ganhar o lugar, que eu perdi á teu lado, e entre os homens ! Que queres de mim, que devo eu fazer ? (*Ajoe-lhando-se*).

CAETANINHO.

Viver melhor do que has vivido ! (*Abraçando-o*)

ANTONIO LOBO.

Sim, sim ; já me sinto outro ! . . . Oh Padre ! perdoai-me as blasphemias que proferi . . . — Duvidei para crêr profundamente, pequei para poder ser virtuoso ! Ah ! dizei que me perdoais, vós que sois o meu santo redemptor ! . . .

FR. GALVÃO.

Deos vos perdôe, meu filho ! e reconhecamos e adoremos a sua clemencia infinita !

ANTONIO LOBO.

Adeos, meu Padre !—adeos por alguns momentos ; porque, nunca mais me separarei de vós. . . Caetaninho. . .

CAETANINHO.

Adeos até o céu ! (*Com abatimento e saudade*).

ANTONIO LOBO.

Não, por que não o poderá ser na terra ? . . . Eu vou, sim, vou tentar. . . é o recurso extremo. Mas desta vez o conseguirei :—não é assim, meu Padre ?—levo o perdão de Deos, e a vossa benção, Caetaninho, espera !—Padre, orai por mim ! . . . (*Sahindo*). Posso agora invocar-vos, anjos do céu ! Sêde comigo. (*Vai-se—e os Irmãos da misericordia o seguem*).

SCENA VIII.

OS MESMOS, MENOS ANTONIO LOBO.

FR. GALVÃO.

Deos é omnipotente ! seja feita a Sua vontade !

CAETANINHO, *perplexo.*

Será possível, meu Pai? Joanna ainda não expirou, não é verdade? (*Fr. Galvão aponta solennemente o céu*). Oh! eu quero o céu... abirão-se suas aureas portas, resoem as harpas eternas; (*Queixoso*). mas depois, depois de um momento de soccego... com Joanna... de repouso d'estas angustias todas de ambos! . . .

FR. GALVÃO.

Caetaninho!—já t'ó disse, e antes o devias saber; a vida é sempre uma angustia—o mais é vaidade de nossa fraqueza! Repouso só encontrarás no tumulto... felicidade lá (*Apontando o céu*). somente.

JOANNA, *dentro.*

Quero vê-lo, e morrer... só morrer.

CAETANINHO, *com alvoroço.*

Não ouvistes?—é ella, é Joanna!

SCENA IX.

JOANNA, E OS MESMOS.

JOANNA.. *entra em completa allucinação, pallida, e arquejante.*

Caetaninho! meu amigo! (*Atirando-se-lhe nos braços*).

CAETANINHO.

Meu anjo, anjo da minha salvação ! Vens buscar-me ?

JOANNA, *tristemente.*

Não ; vim morrer contigo, á teu lado, por que lá era impossivel ! sem vêr-te, a minha agonia fôra eterna. Vim tambem morrer aqui. . . para tambem mostrar-te que tudo se acabou para ti neste mundo ; até a tua Joanna ! (*Chora*). Sim ! o que aqui vês só tem daquella que tanto amaste um resto de coração para sentir ! o mais é já um cadaver, é o aspecto da morte repulsivo e funebre ! . . . Que é da minha alegria ? que é do meu riso, com que te saudava sempre ? os meus labios estão murchos ; creitou-os a febre, ou queimarão-os os mais ardentes suspiros !—a palidez da campa me envolve todo o rosto, e já me arrastro apenas ! Ah ! (*Em explosão*). como foi tudo isto ? quem praguejou nossos amores ? ! —elles erão tão bellos, e tão santos ! . . .

CAETANINHO, *em pranto.*

Joanna ! matei-te !

JOANNA, *attonita.*

Que dizes ? tu matares-me ? como ? não !—E' verdade que muito soffri d'alma e corpo ; mas que queres ? és tu a causa ? Não ! aqui sinto não sei que refrigerio com a tua vista. . . fiz bem em vir. . . não me querião deixar. . . fugi sem que o pensassem, Caetaninho, e estou contigo ! Tanto

pedi, nas minhas orações, vêr-te uma vez ao menos antes de morrer!... Ah! foi Nossa Senhora quem aqui me trouxe!...

CAETANINHO.

Pobre Joanna!

FR. GALVÃO.

Filha abençoada!

JOANNA.

Sim; bem mereço eu vossa compaixão e bençãos—a minha resignação é tamanha, é igual ás minhas dôres. (*Em delirio*). Mas como estás triste, Caetaninho! em que afflicção te vejo! oh! como padeces, que tyrannia! Tens frio?—que pallidez, que maceração! nem comes, nem dormes; matão-te pouco á pouco... ah! Mas eu não o consentirei, já agora estou aqui! Meu Padre! vêde alguma cousa que elle cõma. Caetaninho! vem sentar-te, vem repousar um pouco: (*Levando-o para o leito*). eu vellarei em teu somno, e o Sr. Padre orará por nós no altar!

CAETANINHO.

Parte-se-me o coração, meu Pai!

JOANNA, *suspendendo-se*.

Porque? não estou eu aqui? não estás com a tua Joanna? que mais te falta? Eu dou por bem

soffridas tantas mágoas, só pela alegria que me innunda agora a alma. (*Caetaninho faz gesto de fallar*). Calla-te, não teus que dizer, estou eu aqui para advinhar-te os pensamentos.

SCENA X.

O 1.º IRMÃO E OS MESMOS.

1.º IRMÃO.

São horas, não vos podeis demorar mais: um ordenança do General traz ordens terminantes.

JOANNA, *ainda fóra de si*.

O que diz, Senhor! horas de que?

1.º IRMÃO, *á parte á Fr. Galvão*.

Sr. Padre...

FR. GALVÃO, *ao 1.º Irmão*.

Esperemos...

JOANNA, *com aspereza*.

Cala-te, Caetaninho! eu só fallo aqui! O que quer, Senhor?

CAETANINHO.

E' a morte, Joanna... a minha morte! (*Com explosão*).

JOANNA, *fulminada.*

Ah! querem matar-te? Não estão contentes com o que soffres? (*Colerica*). Malvados! não hão de conseguil-o! Arremear-me-hei entre elles, e venhão seus soldados, firão-me suas bayonetas, me dilacerem, (*Cançada*). Querem sangue? o teu sangue, Caetaninho?... Tigres!—mais que tigres! demonios!... (*Para um dos irmãos*). Ide! ide—Dizei ao vosso desapiedado General, que eu, Joanna, a despozada de Caetaninho, lhe ordeno em nome do Sr. Frei Galvão, em nome de Deos, que deixe de perseguir-nos, que aqui ao menos nos deixe em paz para sempre.

CAETANINHO, *angustiado.*

Joanna!... Meu Pai!...

JOANNA, *vivamente, mas já com esforço.*

Não, não irás Caetaninho! Sr. Frei Galvão, fallai vós também! Sim; não ha leis que o permittão, que o tolerem... arrancar-se um marido dos braços de sua mulher agonisante! (*Perdendo as forças*). Ah!—não! estou fraca; mas vou provar-lhes que são uns monstros... (*Vai a sahir, seus passos são tremulos, convulsos;—quer fallar, a voz lhe falla, e, no ultimo passo que tenta, perde o equilibrio, e cahe redondamente.*

FR. GALVÃO.

Alma remida, vóa ao paraizo! (*Curva-se e er-*

gue-a á meio sobre os joelhos : Caetaninho corre desesperado pela scena).

CAETANINHO, *em desatino, e convulso batendo com a mão na testa.*

Padre ! depressa . . . a minha alma que se perde ! . . .

FR. GALVÃO, *magentosamente,*

De joelhos ! são as nupcias eternas ! . . . *(Caetaninho cáhe de joelhos, como ferido por essas palavras, e fica immovel, e catatico). Deos ! recebe-la-heis das minhas mãos ! . . . (Estende o corpo de Joanna, levanta-se). Irmãos, já vos seguimos ! . . . Cataninho, levanta-te ! (Tocando-lhe no hombro). levanta-te, e segue-me.*

CAETANINHO.

Estou tão fraco . . .

FR. GALVÃO.

Levanta-te ! *(Erguendo-o).*

CAETANINHO, *em lagrimas.*

Oh ! eu quero morrer !

FR. GALVÃO.

Pois bem ; expirarás um passo acima da terra, e mais proximo do céo . . .

CAETANINHO.

Quero, sim ! quero as nupcias eternas que me promottestes!...*(Pausa)*. Morte, morte ! quem te deu tanto poder ! quem te alenta na luta que travas com o amor ! quem te outorgou o cypreste do teu funebre triumpho ! *(Escutando)*. Meu Pai ! Joanna me chama, pareceu-me ouvir-lhe um suspiro... vamos, vamos depressa !... *(Em despedida)*. Adeos, corpo adorador ! tive tantos zelos de ti, e não posso levar-te comigo... — nem roubar-te aos vermes do sepulchro !... Meu Pai ! que é de tantas palavras dolorosas que ella aqui proferio ? que é de tantas angustias ? — não fique neste ar cruel sua respiração tão do peito... Ah ! leve-as eu contigo, ao menos — esses gosos... ultimos e derradeiros de tamanho amor !... Meu Pai ! que fizeste de sua agonia ?

FR. GALVÃO.

Está aqui, *(Mão no peito)*. pertence á Deos...

CAETANINHO, *succumbindo*.

Ah !... *(Com voz quasi extincta e em lagrimas)*. cubri-me com a vossa capa ; foi tambem sua mortalha, e é a tunica de um santo !...

FR. GALVÃO.

Vamos. *(E em quanto sahem, Frei Galvão com voz pausada e melancolica declama)* :

Salve! do justo extrema hora propicia,
Salve! tumulto feliz, doce repouzo,
Onde sombras não ha, mas surge a aurora
Do céo, que se abre ante elle... Salve Salve!

(Sahem.—Ouvem-se os sons da campa da Irmandade, os dobres dos sinos da Misericordia, e a musica funebre da guarda. A scena fica assim até que o espectador bem comprehenda essa harmonia descompassada e lugubre).

SCENA ULTIMA.

ANTONIO LOBO, só.

(No auge da desesperação e da loucura). Meu Deus, meu Deus!—não quizestes salva-lo com toda a vossa Omnipotencia!... (Deparando com o cadaver). Joanna! tambem ella?!... Ah!... (Gemido longo e profundo. Eleva o rosto contra-hido ao céo, cerra os braços convulsivamente sobre o peito, e cáhe de joelhos. . . Ouvem-se ainda os dobres da Misericordia, e, de quando em quando, ao longe um som amortecido da campa da Irmandade, uma ou outra nota de instrumento musico já desvanecida;—e desce lentamente o panno).

FIM DO DRAMA.

THE HISTORY OF THE

AMERICAN PEOPLE
FROM THE FIRST SETTLEMENTS
TO THE PRESENT TIME
BY
J. O. SMITH

AMERICA

BY
J. O. SMITH

THE HISTORY OF THE
AMERICAN PEOPLE
FROM THE FIRST SETTLEMENTS
TO THE PRESENT TIME
BY
J. O. SMITH

O CAPITÃO LEME
OU
A PALAVRA DE HONRA.

1850.

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Os applausos, exaggerados, com que saudarão o meu primeiro esforço litterario, me fizeram crêr que eu devia proseguir no caminho encetado.

Tomei pois um factó não menos verdadeiro da historia dos nossos antepassados—o fanatismo da palavra—para *estudar* ainda dois caracteres principalmente—Amador Bueno, e Fernando de Camargo, cujos nomes andão na bocca de todos, e cuja vida de bem poucos é conhecida.

Pintaria tambem a familia daquelles bons tempos, em que um Capitão Leme era o oraculo que todos consultavão e seguião com respeito. No ultimo plano collocaria Fernando de Camargo, e o Abbade de S. Bento, resumindo os vicios, e as virtudes de sua época; e deixaria entrever-se ao longe Amador Bueno, maravilhoso como um Cid, e poetico como um mytho.

Mas, como o pintor que receioso do successo abandona o quadro apenas delineado, e mal acaba o rosto deste ou daquelle personagem para dál-o de presente á algum amigo entusiasta (*), abandonei minha obra difficil, deixando apenas o

(*) O presente drama foi dedicado em primeira edição ao Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

Capitão Leme no seu primeiro e mais grosseiro esboço.


Faltarão-me as tintas;—nem eu as saberia mesclar para produzir o colorido proprio e original dos factos, á que alludia.

Desanimar então não era tanto um dever, como imperiosa necessidade.

Resigno-me pois:—a minha resignação é ao menos uma virtude...

S. Paulo, Setembro de 1850.

PERSONAGENS.



CAPITÃO LEME.

AMADOR BUENO.

FERNANDO DE CAMARGO.


ABBADE DE S. BENTO.

ANTONIO.


MARIA.

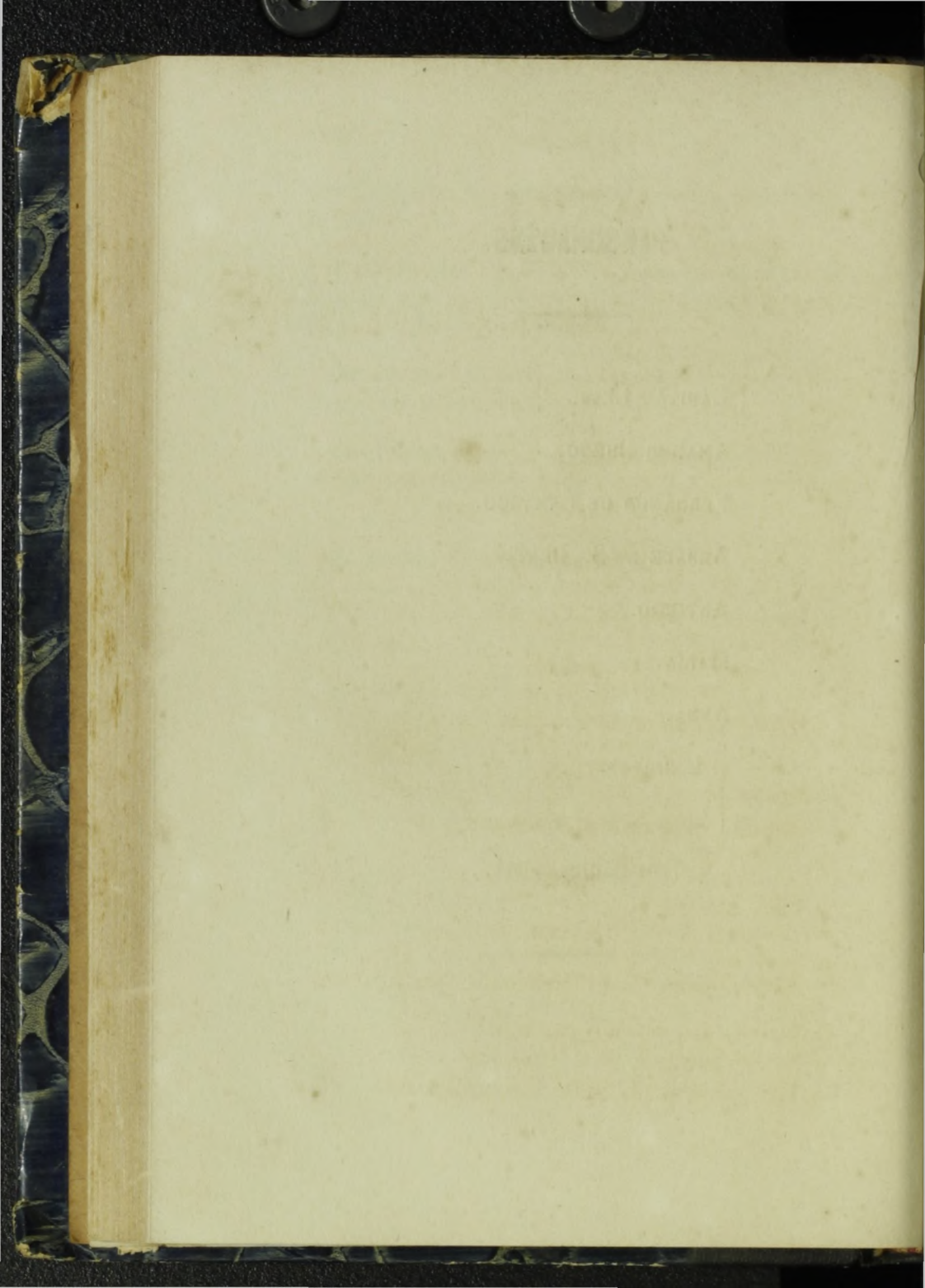
ANNA.

—Escravos.



São Paulo.—164...





ACTO I.

Uma sala da casa do Capitão Leme : porta larga no fundo, portas lateraes, e mobilia de jacaranda ao gosto da epocha.—E' dia.

SCENA I.

ANNA E MARIA, *entrando*.

MARIA.

Imos hoje para o sitio, minha mãe?

ANNA.

Se Deos quizer, minha filha.

MARIA.

Antonio tambem vai comnosco ?

ANNA.

Não, não vai.

MARIA.

Ah!... como elle costumava acompanhar-nos...

ANNA.

Teu pai é quem hade acompanhar-nos.

MARIA.

Sim, Senhora, mas elle. . . (*Timidamente*) diverte-se tanto lá. . .

ANNA.

Paciencia, não póde ser. . .

MARIA.

Mas meu pai de certo o deixa ir comnosco.

ANNA.

Não, teu pai é que o não quer lá.

MARIA.

Meu pai ? porque? (*Ingenualmente*).

ANNA.

Elle o sabe. . . Teu pai é um verdadeiro paulista—o que dice uma vez, está dito.

MARIA.

Elle vos fallou nisso, minha mãe ?

ANNA.

Fallou, fallou-me nisso. (*Maria fica pensativa*). Não quiz, nem devia, contrarial-o, nunca o faço, quanto mais neste caso.

MARIA.

Como assim, minha mãe? explicai-vos: estais com uns modos, que já me dão vontade de chorar.

ANNA.

Maria! (*Severamente*).

MARIA.

De chorar, sim; (*Em pranto*) porque nesta casa já ninguém quer bem ao pobre Antonio, só eu...

ANNA.

E eu, e teu pai também, que lhe queremos como á um filho.

MARIA.

Vós, vós não lhe quereis bem; não, minha mãe.

ANNA.

Maria!—dizes loucuras, filha! Vê que teu pai já anda desconfiado...

MARIA.

Como? meu pai anda desconfiado com elle, com Antonio?

ANNA.

Sim, e contigo também, Maria.

MARIA.

Comigo?! meu Deos! porque motivo?

ANNA.

Eu te digo, filha! devia dizer-t'ó, Maria; por que teu pai já por vezes me disse: «Senhora, este Antonio, e esta Maria tirão-me o socego de dia e o somno de noite...»

MARIA.

Ah! mas porque motivo?

ANNA.

Porque?...—por causa d'esta intimidade tão grande de Antonio contigo. Teu pai quizera que o tratasses, que te tratasse elle, com mais reserva e seriedade... E' bom que o faças. Pela minha parte tenho procurado convencel-o, e é o que eu penso, que entre ti e Antonio só ha amizade, e nada mais. Agora faço-te esta advertencia para que saibas as coisas.

MARIA.

Nunca pensei que... meu pai desconfiasse...

ANNA.

Não é de ti, e nem de Antonio que elle desconfia, é... da natureza...

MARIA.

Como! da natureza!

ANNA.

Sim! que significa essa intimidade, essa confiança que existe entre ti e Antonio? Nem é teu parente...

MARIA.

Não é meu irmão, minha mãe?

ANNA.

Não é nada teu, Maria! é apenas um engeitado em nossa casa.

MARIA, *com magoa.*

Elle o sabe, minha mãe! elle não ignora que não tem pai nem mãe, nem amigos sobre a terra, que é só como um engeitado, e desgraçado quasi como esses que ahí andão pedindo esmolas pelas ruas.

ANNA.

Não, elle tem pai, e mãe; não é desgraçado como dizes; nunca faltarão-lhes carinhos maternos, nem cuidados paternaes. Deos o sabe, Maria! e o previu quando o mandou em boa hora á porta de nossa casa. Quando digo estas coisas, não debes pensar que aborreço ao pobre Antonio: eu não maltrato a ninguem, e menos á elle que é tão bom... coitado! Mas tu já estás

moça, minha filha!—já tens desessete annos...
deves tratar a Antonio de outro modo... depois,
Maria, talvez o queiras, e não o possas. E
quem sabe si teu pai já tem algum casamento
contractado para ti?

MARIA.

Esquecel-o, casar-me! — acaso incommodo
tanto á meus pais que me queirão despedir já
de sua casa?

ANNA.

Não, Maria; os bons filhos nunca incommo-
dão aos pais, nem lhes enchem a casa por muí-
tos que sejam. Mas o que nós queremos, eu e
teu pai, é assegurar a tua felicidade.

MARIA.

E o casamento será felicidade?

ANNA.

E' a unica que podemos conseguir nós mu-
lheres, minha filha! O que ha neste mundo
para nós que se compare com um bom marido?
Belleza, fortuna, virtudes, se estragarião inutil-
mente, ou farião a nossa perdição se não as
protegesse o homem que nos ama, como nós o
amamos. Sim,—porque nós amamos, Maria!
porque neste mundo só sabemos amar... e de
bom grado trocamos o melhor dos pais, a mais
terna das mãis, a familia, e tudo pelo peor dos
homens, só porque o amamos e suppomos que

elle tambem nos ama...—Quantas mulheres se enganão! Mas Deos assim quiz...por isso sanc-tificou com a sua benção o casamento. Ah! elle te conceda tambem um marido que te adore, como teu pai me estima...—Eu não o merecia de certo...Mas Deos te dê um bom e virtuoso marido, que te faça venturosa.

MARIA.

Venturosa—já o sou... Antonio...

ANNA.

Mas não sabes, Maria, que grande distancia te separa d'elle?—Antonio é um engeitado, e tu és nobre. Teu pai tão aferrado ás suas idéas de nobresa de familia... Por isso se afflige elle com essa intimidade... Nunca o poderias desposar... Eu, minha filha...

MARIA, *em lagrimas.*

Basta, basta! não dilacereis mais meu coração:—já sei tudo, a realidade é esta, o mais—um sonho apenas.—Mas não! não consentireis, (*Supplicante*) haveis de valer-me, de amparar-me contra essas pretensões de meu pai. Eu... posso, devo dizer-vos, minha terna mãe!—não esquecerei mais á Antonio... amo-o deveras... (*Abraçando a mãe*) amo como dizeis que amamos nós mulheres, como vós amais meu pai... Perdoai-me, sois tão boa;—se me faltar o vosso auxilio morrerei... morro certamente.

ANNA.

Oh! meu Deos!—como te poderei valer, filha?—O Sr. capitão Leme fará o que fôr melhor.. .E quem hade contradizel-o?

MARIA.

Vós, vós; sim, haveis de valer-me, de salvar-nos de tudo: vós que sois a nossa Santa milagrosa, minha e de Antonio, vosso filho, mãe!—vosso filho tambem.

CAPITÃO LEME, *fóra.*

Podeis entrar, Senhor Padre-Mestre.

ANNA.

E' teu pai, Maria! concerta as tuas feições... Retira-te que elle é desconfiado.

MARIA.

Oh! valei-me, valei-me pelo amor de Deos.
(*Vai-se*).

SCENA II.

ANNA, CAPITÃO LEME, ABBADE, E ANTONIO.

CAPITÃO LEME.

Entrai em vossa casa.

ANNA.

Oh! Sr. Padre! (*Beijando-lhe o habito*).

ABBADE.

Soube que ieis hoje para o sitio, venho receber as vossas ordens.

ANNA.

Deos vos pague.

ABBADE.

Deos nos ajude á todos, e nos tenha de sua mão. Mas que é da D. Maria?

CAPITÃO LEME.

Maria, ó Maria.

MARIA, *dentro.*

Senhor!

ABBADE.

Então á que horas. . . (*Ao Capitão Leme.*)

CAPITÃO LEME.

Às tres. Que mais falta, Senhora?

ANNA.

Nada;—quando vós quizerdes.

ABBADE.

Já sei que minha filha está muito triste. (*Em*

quanto Maria lhe beija o habito) Mas eu heide resar para que a volta seja breve.

CAPITÃO LEME.

Sim, hade ser logo... até o Espirito Santo.

ABBADE.

Bem, só oito dias.

CAPITÃO LEME.

E' verdade, Reverendissimo, haveis de permittir ainda esta vez que Antonio fique comvosco. Deixar os estudos por tão pouco tempo...

ABBADE.

E' verdade;—com muito gosto.

ANTONIO.

Sim, Senhor.

CAPITÃO LEME.

E como vai elle, Reverendissimo? ha tempo que não vol-o pergunto.

ABBADE.

Optimamente; com tanto engenho hade vir á ser um grande homem. E' pena não pertencer á nossa ordem.

CAPITÃO LEME.

E porque não?

ANTONIO.

O mosteiro de S. Bento é demasiado tranquillo e silencioso para habitação de um moço estouvado como eu.

ABBADE.

Ouvis, Capitão! elle que é tão virtuoso...

CAPITÃO LEME.

Quando tratarmos do seu estado conto com o vosso conselho, e com a obediencia d'elle. Vá entretanto o discipulo imitando ao mestre em tudo que hade ser feliz por força.

ANNA.

O jantar deve estar na mesa, Senhores.

CAPITÃO LEME.

Sim, vamos, meu Padre!

ABBADE.

Não, obrigado; eu e o meu discipulo já jantamos. Aqui vos esperaremos.

CAPITÃO LEME.

Pois com vossa licença, até logo. (*Indo-se*).

ABBADE.

Até logo.

SCENA III.

ABBADE E ANTONIO.

ANTONIO.

Os meus presentimentos não serão infundados como vos parecerão, Senhor; acabais de ouvir algumas palavras que vos bastão para julgardes impossivel, o que dizieis ser mui provavel. O Sr. Capitão Leme nem se quer prevê este acontecimento que está tão imminente sobre nós! Maria ama-me quanto eu a adoro:—foi um amor concebido com a vida, que já agora não poderá ter fim senão comnosco. Ha predestações, me dicestes vós um dia; eu acredito; sou um exemplo dessa verdade. A minha porém é bem cruel... Amar a filha de um nobre, e ser um engeitado sem nome, e sem fortuna...—o opprobrio e o desespero é sómente o que me aguarda.

ABBADE.

Eis-te ahí!—quem te disse, quem te affirma essas coisas? Sabes, mil vezes t'ó hei dito,—que o capitão Leme é um homem diverso dos outros, com todas as virtudes do paulista, sem os seus defeitos.

ANTONIO.

Mas neste ponto duvido que elle não pense como os mais.

ABBADE

Conheço-o ha vinte annos, e em todo este tempo uma intimidade de verdadeiros amigos me ha feito reconhecer quanto é elevado o seu character. Fallarei com elle, sei que te estima como filho, e pois espero desmentir-te.

ANTONIO.

O Sr. Capitão Leme esteve ha pouco em casa do Sr. Fernando de Camargo, e diz-me o coração que contractarão esponsaes entre seus filhos.

ABBADE.

Como?

ANTONIO.

O coração não sabe como alevinha. Acredita-o, sim, o meu mal é irremediavel:—minha mãe engeitou-me, podem os homens repellir-me:—que mais é isso? nem sei porque Maria me ama... Em breve, quando lhe explicarem o que eu sou, talvez me repilla tambem, e se envergonhe de me haver amado...—Oh! que culpa tenho eu de não possuir nobres avós!... Mas eu sou nobre, Senhor, tenho aqui (*Mão no peito*) nobresa...sou grande tambem (*Com orgulho*) nesta fronte... (*Com tristesa*)—Perdoai-me, Senhor, esta ridicula vaidade... preciso provar ao menos que não sou um cão das ruas.

ABBADE.

D'aquí á pouco te darei a resposta.

ANTONIO.

Não, não! eu vol-o supplico. Sois meu mestre, guiais meus passos, mas não posso consentir que lanceis meu nome ao ludibrio e ao escarneo. Amanhã, hoje mesmo, se fordes mal succedido, todos se rirão de mim na villa de S. Paulo. Não, Senhor—hontem illudia-me, é certo, agora estou em mim, reconheço-me, e resigno-me... o desespero é inutil. Ceda o Sr. Capitão Leme sua filha á quem lhe approuver, seja ella feliz, estou satisfeito. Quanto ao meu amor subsistirá, e me alimentará sempre: que importa que a não possua, que viva ella com outrem? Aqui á tenho! (*Mão no peito*) têt-a-hei sempre no coração! Assim é que eu a amo, Senhor,—assim como vos digo á face do Céu. Vêde pois se necessito de desposal-a!...

FERNANDO DE CAMARGO, *fóra*.

O Sr. Capitão Leme dá licença?

ANTONIO.

Fernando de Camargo!—duvidai ainda! (*Vai-se*).

SCENA IV.

O ABBADE E FERNANDO DE CAMARGO.

ABBADE.

Podeis entrar... com o favor do Sr. Capitão Leme...

CAMARGO.

Oh? vossa Reverendissima!

ABBADE.

Que surpresa agradável, Sr. Fernando!

CAMARGO.

E que vergonha para mim que ainda não fui beijar vosso habito! hontem cheguei, e hoje tencionava ir cumprir a minha obrigação.

ABBADE.

Saciar saudades, que as do Sr. Capitão Leme não hão de ser maiores.

CAMARGO.

Sempre bom e generoso como um Santo.

ABBADE.

Sómente muito vosso amigo.

CAMARGO.

De certo, eu o reconheço, e por isso espero que me façais um serviço que só de um amigo como vós posso esperar.

ABBADE.

Dizei:—mandais em todo o convento; d'a-

quellas portas á dentro todos estimão e venerão ao Sr. Fernando de Camargo, e aos seus filhos e irmãos. Mas que succedeo?—algun novo desastre entre vós e os Pires?...

CAMARGO, *rancoroso*.

Não, nada disso; os Pires não temo eu, nem para combatel-os demandára a vossa intervenção de paz; porque já agora entre os Pires e os Camargos só póde haver sangue e morte... (*N'outro tom*).—Um de meus filhos pretende a mão da filha do nosso amigo Capitão Leme, e para conclusão pacifica e honrosa deste negocio é que invoco o vosso auxilio poderoso. Sempre foste dedicado ao bem do proximo, e protector incansavel das causas legitimas; por isso conto comvosco.

ABBADE.

Senhor... eu... (*Com embaraço*).

CAMARGO, *continuando*.

O Capitão já me deu a sua palavra. Sua filha porém nada me dice, nem me dirá sem duvida. Ella hade em todo o caso obedecer á vontade de seu pai; mas eu quizéra que o fizesse sem constrangimento. Vós que tendes aqui toda a intimidade, e que sois até o confessor d'ella, podeis persuadil-a a desposar meu filho de boa vontade.

ABBADE.

Muito me pedis, Sr. Fernando de Camargo!

Não posso, nem devo intervir como vós que-
reis... esse casamento é um mal.

CAMARGO.

Como? o que é que dizéis!

ABBADE.

Digo-vos; e deveis sabel-o. que a filha do Ca-
pitão Leme recusará sem duvida esse consorcio
que projectais; porque ella ama á Antonio,—e
espera um dia casar-se com elle.

CAMARGO.

Que! pois o engeitado atreveo-se?!...

ABBADE.

São coisas que acontecem, Sr. Fernando.

CAMARGO.

Oh! mas é uma insolencia não conhecer esse
miseravel o seu baixo nascimento, e querer as-
sim competir com o filho de um nobre. Como
vós que o sabeis, Sr. Padre, não o castigastes com
a vossa autoridade?

ABBADE.

Porque a minha caridade lhe havia perdoado.
E de mais, não sei que differença haja entre vós
e elle:—Jesus Christo, o Divino Mestre da mo-

ral, pregon incançavel a igualdade, e morreu na Cruz por todos igualmente.

CAMARGO.

Sim, na mesa da communhão somos todos iguais e irmãos; mas cá fóra. . .

ABBADE, *sevéro*.

Cá fóra dizeis! e o que é a mesa da communhão sinão um exemplo d'essa doutrina santa da fraternidade social? e o que significa ella sinão a vida e a sociedade?—(*Animando-se*). Filhos do mesmo pai, com as mesmas promessas do céo, lá se reúnem, como uma só familia, os grandes, e os pequenos, os fidalgos e os plebeos . .

CAMARGO, *seccamente*.

Em fim não sou capaz de contestar-vos; mas lembrai-vos que já estais fallando do céo, e nós ainda estamos no mundo. Não está em casa o nosso Capitão Leme?

ABBADE.

Está, ide por aqui (*Apontando-lhe a porta*).

CAMARGO.

Ficais?—Até logo.

ABBADE.

Até logo.

SCENA V.

ABBADE, *só*.

Desagradei-vos, bem sei, Fernando de Camargo; mas tende paciência, e Deos vos abra os olhos, e tambem me abra os meus! (*Pausa e senta-se*), Mas que farei em favor do pobre Antonio? Exigir da honra a retratação de suas promessas fôra zombar dos Paulistas, e escarnecer do severo Capitão Leme. Deixar Antonio entregue ao mais cruel desespero... Quanto daria eu por não me vêr assim rogado inutilmente! —Se fosse um peccado para absolver, repetiria as palavras do Divino Mestre da caridade, e tudo estaria perdoado, e esquecido para sempre!... —Fernando de Camargo! este só nome me quebra o animo, e me arrefece a esperança! Elle apraz-se deste consorcio, é impossivel dobrar sua altivez inflexivel! —Meu Deos, meu Deos! em vossas mãos deponho a afflicção d'esta familia; fazei o que fôr melhor para elles, o que fôr a Vossa Vontade Divina!

SCENA VI.

ABBADE E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME, *afflicto*.

Padre! sacrifiquei minha filha!

ABBADE.

Como?

CAPITÃO LEME.

Cedi-a á um filho de Fernando de Camargo, que pedio-me a sua mão.

ABBADE.

Pois julgais que não fizestes bem?

CAPITÃO LEME.

Fiz mal padre. fiz; sacrifiquei-a. Fernando de Camargo hoje a pedio solemnemente para um de seus filhos, eu prometti-a, dei a minha palavra de honra. Agora porém diz-me Anna que Antonio, e Maria amão-se, que meus cuidados são reaes, que serão inuteis, e baldadas tantas advertencias minhas; porque eu não queria ver-me forçado a fazer uma aliança tão obscura para minha familia...

ABBADE.

Não... não desesperéis ainda, meu amigo. Deos é grande, o mal não prevalecerá contra vosso casa.

CAPITÃO LEME.

Deos o queria, e falle pelas vossas palavras. Mas vós não sabieis, padre? Antonio nada vos disse?

ABBADE.

Eu o soube, é certo; mas hoje, e já depois

de haverdes sellado com a vossa palavra esse contracto.

CAPITÃO LEME.

Oh! talvez ainda fosse tempo! E que me importava que dicessem depois que minha filha estava casada com um engeitado, que eu tinha um genro sem nome e sem familia, filho do nada, ou das ruas? Que me importavão estas vaidades banaes do mundo, com tanto que meu genro vivesse honradamente, e minha filha fosse feliz!—Ah! padre talvez deva queixar-me de vós...

ABBADE.

Eu o soube, como já vos disse, depois de haverdes dado a vossa palavra em penhor d'esse contracto... Nem fostes precipitado, vós tudo ignoraveis. Eutre tanto eu tenho esperanças; vós sois virtuoso, vossa filha é uma virgem sem mancha, vossa mulher é uma santa matrona. A virtude não póde soffrer as penas do vicio:—a sua recompensa começa sempre cá em baixo. Esperai, meu amigo, esperai só em Deos.

CAPITÃO.

Deos o permitta!—Só um milagre poderá fazel-a feliz com um homem que ella não ama, nem amará jámais.

ABBADE.

Hade ser feliz e amada por seu marido.

CAPITÃO LEME.

Um milagre, só um milagre...

ABBADE.

Não é preciso milagre, basta um pouco de fé em Deos...

CAPITÃO LEME.

Fé tenho eu, padre!—ainda que fosse um malvado nesta hora de tamanha afflicção, por força me lembraria de Deos! Mas não basta a fé, era preciso um passo unico, decisivo, fatal.. .E eu não o dou, não devo dar—a minha honra, este dever sagrado, esta virtude cruel que tanto se admira e bem diz, já me impoz silencio, já me fez curvar a cabeça e receber o golpe!... —Ah! (*Com resentimento*) dizem que a honra vale mais que a vida, que tudo.. .quizêra que me dicessem si vale mais do que uma pobre e innocente filha como a minha Maria!

SCENA VII.

OS MESMOS E FERNANDO DE CAMARGO.

CAMARGO.

Vascillais, Capitão?—Vêde que já me déstes vossa palavra...

CAPITÃO LEME, *dissimulando*.

Cumpril-a-hei, Sr. Fernando! Cuidava que fa-

ria a felicidade de minha filha; ignorava esse amor occulto, que nascêra e crescia ao pé de mim, entre estes dois irmãos. Não previ logo que as graças de Maria havião de avassalar por força aquella alma nobre e generosa.

CAMARGO.

Pareceis-me arrependido!

ABBADE.

Não, nem pensal-o!

CAPITÃO LEME.

Oh! não!—que importão estas vãs murmuracões do coração, a honra está muda e firme, cumprirei minha palavra... com todo o gosto. (*Constrangendo-se*) A aliança da minha com a vossa famtlia é tão vantajosa e lisongeira para mim, que eu não podia hezitar um momento em dar ao vosso filho a mão de minha filha.

CAMARGO.

Tambem não podeis duvidar da minha satisfação neste negocio. Logo que soube que um de meus filhos pretendia a vossa filha, vos propuz uma aliança de familia. Não quero portanto que acheis esta minha proposta menos digna.

CAPITÃO LEME.

Não, nunca, Sr. Fernando! Vós sois uma das

principaes pessoas da republiaca, um dos paulistas de maior conceito e valimento, e por isso não deveis suppor que eu não acceitasse de bom grado o que me propuzestes. Antonio, como o sabeis, é quasi meu filho;—sou á respeito delle tão parcial como todos os pais á respeito de seus filhos.

CAMARGO.

Oh! eu tambem não queria offendel-o; pois bem!—Agora, visto que fazeis gosto, ajustemos o resto. . .

CAPITÃO LEME.

Eu vou hoje para o sitio, e volto para a festa.

CAMARGO.

Concluiremos então tudo, bem. O Sr. Padre nos arranjará os papeis.

ABBADE.

Não hade haver falta.

CAMARGO

E adeos,—tenho ainda muito que fazer. Até á volta, Senhor. . .—meu parente e amigo Capitão Leme, que assim nos devemos chamar d'ora em diante.

CAPITÃO LEME.

Sim, Senhor, meu. . . amigo e parente.

ABBADE.

Até logo tambem, Capitão. (*Dispondo-se á partir*).

CAPITÃO LEME.

Não, ficai, não tendes negocios que tratar...

CAMARGO.

Pois fiquem-se em paz, e adeos. (*Vai-se*).

SCENA VIII.

CAPITÃO LEME, ABBADE, E DEPOIS ANTONIO.

CAPITÃO LEME.

Vêde, meu padre!—se é possível conceber-se uma esperança na minha situação! Converti, sem o pensar, a minha casa tão alegre e festiva n'um azylo de tristesa e luto para sempre!...

ABBADE.

Temos ainda oito dias, que talvez nos corraõ em bem ajudados de Deos.

CAPITÃO LEME.

Duvido, duvido muito.

ANTONIO, *entrando*.

Perdoai-me, Senhor, se venho interromper-

vos; mas cumpre-me não perder um instante. Sabeis que vos lanção em rosto, como uma injúria, a caridade com que me acolheis em vossa casa, e me distinguís em vosso coração. Não posso, pois, consentir que assim vos desconheça e vos macule este povo ignobil: deixo vossa casa, amanhã estarei em S. Vicente, d'onde me transportarei ao Rio de Janeiro ou á Bahia para alistar-me entre os bravos que disputão palmo á palmo a nossa terra ao estrangeiro cubiçoso. Se eu voltar vos trarei um nome honrado pela victoria ganha á preço de sangue e risco de vida... Se eu morrer porém...—lavo ao menos com o sangue, derramado na santa defesa da pátria, essa affronta que vos cobre por haverdes chamado de filho—á um engeitado.

CAPITÃO LEME, *consternado.*

Oh! Antonio! bem conheço o motivo dessa resolução desesperada! bem comprehendo o alcance de tantas coisas tristes que me diceste! Mas não te queixes de mim, não me tires meu derradeiro consolo,—a certeza de que reconheces o meu infinito desgosto. Este padre é testemunha... pergunta-lhe se podes queixar-te de mim.

ABBADE.

Não, certamente!

ANTONIO.

Eu queixar-me de vós, Senhor!—posso acaso queixar-me de Deos?—Não, só ao destino in-

crépo os meus pesares e os vossos. Quem mais será culpado?

CAPITÃO LEME.

Eu, só eu; porque não tive bastante perspicacia para prever o futuro, e acautelar-me. Mas eu te peço, não me abandones. . . já agora estou velho, poucos dias me restão. . . depois irás para onde te approuver. . . olha estou triste e commovido! Serão lagrimas? . . . (*Apalpando os olhos*) são, e doídas que são; choro, pois, como uma mulher, como uma criança! . . . Que mais queres, Antonio?—ainda queres abandonar-me, filho?! Sim, (*Abraçando-o*) tu és meu filho, como se fôras o meu sangue e a minha vida! (*Suffocado*).

SCENA IX.

OS MESMOS E MARIA.

MARIA, *em pranto*.

Meu pai, meu pai! não me caseis com esse homem. . . não deveis casar-me com elle! Perdoai-me, estou afflicta e desesperada, perdoai-me pelo amor de Deos, se vos desobedeço. . .

CAPITÃO LEME, *em desatino*.

Todos pois contra mim?! . . .

Todos.

Ah! não! . . .

ABBADE.

Capitão! a dôr vos allucina!

ANTONIO.

Eu confessei-me vosso filho, e pedi-vos licença para ir aos campos da batalha, onde os homens vulgares, como eu, renascem grandes, e heróes, —buscar um louro com que cobrisse esta nodoa de minha frente, para vos poder chamar de pai, sem vos fazer corar de vergonha... Agora se quereis mais provas, exigí minha cabeça!...

MARIA.

Eu, meu pai!... (*Vascillante*) Ah! mas casada com outro...

CAPITÃO LEME.

Que farei em tamanha desventura? Minha filha! queres que eu retire a palavra dada, e que depois quando passar por essas ruas, me digão os paulistas:— «Eis ali um traïdor, um falsario, um mentiroso, indigno filho dos Lemes, e vergonha de nossa terra?» Queres que digão isto de teu pai, Maria?

MARIA.

Desgraçada... para sempre!

ABBADE.

Minha filha!—não ha desgraça senão no pec-

cado, ou no crime:—a virtude tem o seu maior encanto no martyrio. O amor que nasce dos sentidos é uma paixão funesta;—precario e contingente, como elles, engana e desvaira. O verdadeiro amor, que faz o bem supremo deste mundo, tem uma origem mais nobre, é o culto da virtude, bello sentimento de um coração generoso... Assim amarás e serás amada.

CAPITÃO LEME.

Sim, Maria! tu serás feliz, se ha felicidade sobre a terra. Aceita a mão do filho de Fernando de Camargo: bem sabes que este homem é rude e tenaz... (*Com emphase*) rude e tenaz, ouviste, minha filha? Pois bem; já lhe dei minha palavra, escravisei-me... Eu te peço, Maria! ajoelho-me para pedir-te...

MARIA.

Meu pai!... (*Recuando*).

ANTONIO.

Senhor!... (*Com estupefacção*).

ABBADE.

Homem honrado!

CAPITÃO LEME.

Sim,—um pai aos pés de sua filha pedindo que lhe salve a honra?

ANTONIO E MARIA, *á parte.*

Ah!

CAPITÃO LEME, *supplicante.*

Maria!. ..

MARIA.

Casada, perdida, ah!. .. (*Cae desmaiada.*)

CAPITÃO LEME.

Minha filha! minha palavra honra. ..

(*Cae o panno.*)



ACTO II.

Terras do sitio do Capitão Leme : — grammado extenso, ao longe capoeiras e montanhas com vestigios de derrubada e plantação ; — a esquerda o alpendre da casa, e outros edificios. E' alto dia.

SCENA I.

*Ao levantar-se o panno alguns escravos atravessão o fundo com machados e fouce;—depois o—*CAPITÃO LEME, só.

CANTO DOS ESCRAVOS.

1.º CÔRO.

Ah! nem bem desponta o dia
Já o pobre escravo se ergue,
E sem que ainda enxergue
Vai a tarefa encetar.

2.º CÔRO.

Enxada, machado, e fouce,
Córta, derruba ligeiro ;
—Meu senhor interesseiro
Não quer descanso e vagar.

1.º CÔRO.

Arda o sol, allague a chuva,
A tarefa continúa,
Em quanto não vier a lua,
Em quanto o dia brilhar.

2.º CÔRO.

Enxada, maxado, e fouce,
Córta, derruba ligeiro:
—Meu senhor interesseiro
Não quer descanso e vagar.

1.º CÔRO.

Alta noite sobre á terra
Deite-se o escravo arquejando,
E não durma se lembrando
Que nasceu p'ra trabalhar.

2.º CÔRO.

Enxada, maxado, e fouce,
Córta, derruba ligeiro:
—Meu senhor interesseiro.
Não quer descanso e vagar.

CAPITÃO LEME.

Oh! quanto eu daria, com tudo, por uma enxada e por um coração como o vosso, minha pobre gente!—Tendes razão de queixar-vos;—mal haja o homem que primeiro se lembrou de tirar-vos de vossas brenhas felizes, para vos

vender á barbaridade de outros canibaes! . . . Vender seus irmãos: trahir por preço vil a consciencia, Deos e a natureza! Amaldiçoados serão para sempre os traficantes, principalmente esses que vão aos mares d'África pescar homens, como se iscão os peixes, oh! maldição eterna sobre esses mais que ladrões, que assassinos, que anniquilárão a liberdade do Africano, e o atárão a dura braga do captiveiro! . . .—Queixai-vos sim, não de mim que sou mais vosso amigo, que vosso senhor;—queixai-vos do captiveiro, lançai vosso brado lugubre e choroso ás ultimas gerações até o fim do mundo, até o dia do juizo inexoravel de Deos! (*Pausa, profundo recolhimento, e tristeza*). Mas que maguas também as do homem livre!—captiveiro da honra, a opinião o julga desapiedadamente, e muitas vezes lhe é forçoso deixar de ser homem para ser honrado. O meu estado, o infortunio que prostrou-me hontem desabrido como um raio, prova assaz o martyrio do homem, que a sociedade fez escravo da palavra! (*Senta-se sobre um tronco de arvore*) que supplicio nestes sete dias para um pobre velho, e que esponsaes para minha filha!—Ella está resignada, hostia pacifica vota-se ao sacrificio sem ao menos exhalar um suspiro! . . .—O' Fernando de Camargo! ó rocha impedernida, que não sentes a minima parte deste fogo que accendeste aqui dentro (*Mão no peito*), e me devora! . . . Se fôras homem arrojára-me aos teus pés, e supplicára-te a vida para mim, e a felicidade para minha filha; mas tu és. . .—O tigre, como te chamão, e nas tuas garras despedaças toda a minha familia! . . . (*Cobre o resto com as mãos—pausa*).

SCENA II.

ANNA.

Senhor! procuro-vos por toda a parte.

CAPITÃO LEME.

Aqui me tens, Anna. Nossos filhos... que é d'elles?

ANNA.

Maria está em casa; Antonio sahio pouco depois de vós, e ainda não voltou.

CAPITÃO LEME.

Foi de certo procurar refrigerio por esses campos... coitado; hade encontrar o mesmo que eu obtive.

ANNA.

Mas vinde, Senhor! tomar algum descanso e alimento; tão atribulado passastes a noite, e tão enfasiado vos vi hoje, que deveis ter cuidado...

CAPITÃO LEME.

Não, Anna, deixa-me, não tenho fome, não tenho nada, estou bom. O que eu padeço não me alivia a comida, nem o descanso e o somno; Deos sim o podia, mas não o quer; seja feita a sua vontade.

ANNA.

Ah! dizeis coisas... Senhor... (*Afflicta*).

CAPITÃO LEME.

Pois que! — Devo accusar a providencia? Muito o temia eu, Anna, e bem t'ó disse, estás lembrada; mas illudio-me tua cegueira.. Se soubesse não soffreria, como soffro; com prazer os abençoára á ambos. Sim, cheguei a pensar nisso, não te minto, a vêl-os com satisfação passarem de irmãos á esposos, transfigurados pela felicidade de uma união perpetua. Pensei nisto devéras, confesso-o... Julga se não tenho agora razões de sobra para morrer...

ANNA.

Ah! Senhor... Mas bem vêdes quem é Antonio:—Nunca poderia ser nosso genro.

CAPITÃO LEME, *rindo tristemente.*

Professas para consolar-me uma opinião que tu nunca tiveste! obrigado, Anna, agradecido. Mas não creias que me basta essa vã consideração para meu consolo. O que é a familia?—suas crenças e costumes; o nascimento não deve jámais entrar em conta. Livre ou escravo, nobre ou plebeo pôde o homem ser honrado, virtuoso, e até illustre...—o que illustra são sómente acções brilhantes. Quantos cavalheiros e fidalgos ahí andão despresados por seus costumes vis?—Na minha opinião, Anna, An-

tonio é tão nobre como eu: se elle me tivesse revellado, se tu não me occultasses a verdade. . . Mas agora tudo está acabado e extinto, cumprirei minha palavra. . . (*Com tristesa*). Meus filhos estão criados, deixo com que viverem todos commodamente, é desnecessario a minha vida—só á minha honra cumpre sobreviver-me . . . !

ANNA.

• Meu Deos!—que vos vejo tão triste, e lastimado, Senhor! Tomai ao menos cuidado com a vossa saude, vêde que adoceis. . .

CAPITÃO LEME, *pensativo*.

E heide morrer disto, Anna! Sinto que este golpe me fere de morte! Era mesmo preciso um desgosto profundo e mortal para estragar esta minha robustez! Assim succede á todos. . . Ao menos este desgosto me mata e me incanta: morro por meus filhos, morro por minha honra! . . . (*Pausa, soluços e lagrimas*).

ANNA.

Como está triste desta vez o sitio! . . . Nem sei para que aqui viemos.

CAPITÃO LEME.

Foi bom, Anna; foi para podermos chorar em liberdade:—na villa ha olhos curiosos e linguas malevolas, que tudo calumnião. Aqui espero resignar-me para lá apparecer com o coração

tranquillo, e o rosto satisfeito. Assim o querem os homens; assim Deos permitta. Que horas serão, Anna!

ANNA.

Mais de tres horas, Senhor.

CAPITÃO LEME.

Oh! (*Observando o céu*) é verdade, o sol vai já declinando... Não fazia que fosse tão tarde... nem sei mais de mim! (*Formalisando-se*). Que fizerão hoje? que serviço está feito, Senhora?

MARIA.

Hoje... pouco se fez; como vós andaveis por fóra, sahirão os carros para o mato...

CAPITÃO LEME.

E farinha?—tão pouca havia hontem...

ANNA.

Estão fazendo,—já não ha mandioca.

CAPITÃO LEME.

Sim, sim havemos de renovar e augmentar a plantação neste anno... (*Tristemente*) os que viverem, não eu...

ANNA, *pressurosamente*.

Vós, vós mesmo! haveis de viver muito, Deos

é grande. E vinde para casa, vamos jantar, que é tarde.

CAPITÃO LEME, *admirado*.

Pois tu?!...

ANNA.

Estavamos á vossa espera.

CAPITÃO LEME, *consternado*.

Queres adoecer, Anna! e Maria, a coitada de Maria até as tres horas... seja tudo pelo amor de Deos! (*Olhando ao longe*). Oh! lá vem tambem Antonio;—como anda cabisbaixo e melancolico! (*Chamando*). Antonio, Antonio! levanta a cabeça; é para o céo que deves olhar, meu filho.

ANNA.

Está caçando, Senhor! não vêdes que elle traz a arma?

CAPITÃO LEME.

Traz, sim:—eu tambem levava o meu podão, e só agora me lembrei de que o tinha.

SCENA III.

OS MESMOS E ANTONIO.

ANTONIO.

Chamastes-me, Senhor?

CAPITÃO LEME.

Chamei-te, sim, que andas fazendo, meu filho, sem jantares até esta hora? Vamos, hasde alimentar-te, é preciso; e de mais, não tens razão para fastio. és moço, rico... Olha: metade disto que vês é teu, vou fazer o meu testamento...

ANNA, *em desespero.*

Ah! Senhor, fallais em testamento?!

CAPITÃO LEME.

Que tem isso? não é já a morte; todos devem dispôr seus negocios, porque essa hora as vezes suprehende. (*A' Antonio*). Mas como te dizia, Antonio, vou deixar-te no meu testamento metade dos meus bens.

ANTONIO.

Não, Senhor; se tive ambições, se n'um momento de allucinação pude crêr na bondade dos homens, na sua commiseração para com aquelles que lutão com a baixesa do seu nascimento para se elevarem acima do seu nada sob o prestigio de uma vida sem macula, de uma virtude gerada e cultivada com inauditos sacrificios... se pude esperar esta commiseração para quem, nada sendo em seu berço, estudava bellas acções para enobrecer-se... Se pude conceber isto, Senhor, desculpai-me porque eu amava, e com a força do meu amor subia até ás aspirações dos homens predestinados! Hoje, cahindo dessas re-

giões sublimes com o meu amor na realidade do mundo, confesso o meu nada, e só me pesa haver-o um momento esquecido. Vós, Senhor, sois grande, tendes uma ascendência illustre, a reputação de que gozaes não é sómente vossa. O meu nascimento é baixo: o meu nome deve passar sempre obscuro e ignorado.

CAPITÃO LEME.

Não, Antonio,—tu tens engenho, e és virtuosa; illustrarás teu nome.

ANTONIO.

Só na vossa opinião; a sociedade pensa de outro modo. Mas que importa?—nada lhe devo, nada espero merecer-lhe. A fatalidade atirou-me talvez por escarneo no mundo, só, e isolado, como um homem de mais, como uma superfluidade da criação. Não sei d'onde vim, seria loucura querer saber para onde vou...—Na minha senda mysteriosa—não serci eu que me detenha com saudades do passado, nem apprehensões do futuro. Ensinarão-me a crer, tinha necessidade... creio n'um fim:—mas como esses rios caudalosos que rolão descuidadosamente as suas aguas, viverei sem indagar á que mares desconhecidos levo a corrente dos meus dias. Agora entranhando-me nesses embrenhados sertões achei amena a sua sombra, grato o seu silencio, e sublime o seu retiro:—tive desejos de ali ficar, só como nasci, aguardando o meu fim, como os giquitibás e os rochedos. Mas

aqui estou errante e triste, o meu lugar não existe; debalde o buscaria sobre a terra.

ANNA.

Sim; Antonio!—porque o teu lugar é aqui, meu filho! (*Abraçando-o*).

CAPITÃO LEME.

Antonio! conheço teu character, e avalio o teu soffrimento; não te exprobarei essa linguagem com que me fallas. Mas escuta-me: estás no albor da vida, esta ligeira nuvem em breve se dissipará para deixar ao teu porvir todo o seu esplendor. A minha honra te rouba a infeliz Maria:—o que pôde consolar-te? Eu não recuarei ante o maior sacrificio para reparar essa perda, com tanto que não me exijas a retratação de minha palavra, porque eu...—o homem deve morrer honrado. Mas dize-me: ha por ventura ainda alguma Paulista que te possa merecer?—irei pedil-a, empenharei tudo que tenho e valho para alcançal-a. Dize, falla com franquesa, é teu pai que te provoca: ha alguma Paulista á quem possas ainda amar?

ANTONIO.

Viverei eu outra vida?—Senhor! a minha alma está soçobrada de todo. Nada exigi de vós, senão a vossa benção com o perdão das vossas dôres... nada mais apeteço de quanto existe; as minhas ambições se esvaccêrão ao sopro da desgraça...—Não lutarei com ella, não darei

aos homens o espectáculo de uma resignação forçada, ou de um martyrio ridiculo. Sim, Senhor! eu estou perdido, para vós, para mim mesmo, e talvez tambem para a eternidade... No meu espirito fragil despontou uma crença á qual as outras se filiarão: aquella desapareceu, estas se extinguirão pouco á pouco totalmente. No meio de tantas decepções que sou eu já? para que posso servir-vos, Senhor?

CAPITÃO LEME.

Para me fechar os olhos, Antonio! e não está longe esse praso.

ANNA.

Ah! Senhor! não falleis assim, que matais a todos que vos ouvem!

CAPITÃO LEME.

Porque, minha Anna?—julgas que este dia não hade vir? crês que ainda possa estar longe com tudo isto que soffro actualmente? Ainda que fosse immortal, enlutando com as minhas proprias mãos a minha familia, fazendo a desgraça de dois filhos que eu amava sobre tudo, e dizerem elles no auge de seu padecimento:—«Meu pai é a causa!...» Ah! nem sei como estou vivo ainda!...

ANNA.

Não, Senhor! elles não vos culparão, porque sabem que fui eu quem vos occultou toda a verdade.

ANTONIO.

Foi sómente um acaso! E quantas vezes circumstancias fortuitas produzem grandes acontecimentos! Vêde:—uma casualidade me trouxe á luz do dia, outra me lançou na vossa porta, em vez de outro qualquer lugar, me fez conhecer vossa filha, e esquecer por ella tudo. Se não fosse este concurso de circumstancias isoladas que um simples acaso reunio, nem eu era nascido, ou talvez podesseis evitar o vosso inutil infortunio. Dai pois ao acaso o que lhe é devido, e reconhecereis que não tendes de que arguir-vos.

ANNA.

E' verdade, são desgraças que acontecem.

CAPITÃO LEME.

Entremos em casa, filho! Vem alimentar-te, é preciso!... (*Entrão no alpendre*).

SCENA IV.

CANTO DOS ESCRAVOS.

1.º CÔRO.

Por detraz d'aquella serra
Já vai o sol se escondendo,
E a amiga noite escura
O silencio vem trazendo.

MARIA.

Vós sois um desses, eu o sei, e prevejo pelo que também se passa em mim.

ANTONIO.

Vós, Senhora D. Maria Leme de Camargo?!

MARIA.

Antonio! serás também injusto, e vulgar como os outros?

ANTONIO.

Não, Senhora!—dou-vos apenas o vosso verdadeiro nome, faço o meu dever. E dissei-me; ha no vosso passado mais do que flôres da innocencia e risos da infancia? O vosso presente é uma doce esperanza, que em breves dias se converterá n'um futuro de delicias:—sois uma noiva, estais na quadra mais risonha da vida de uma mulher... Oh! não anciais?—dizei-me:—não se arrastão vagarosos estes dias? Vosso coração não palpita discorde e atropellado? não sentís profundas e desconhecidas emoções?...

MARIA.

Agora as sinto mais profundas e dolorosas;—porque buscava refrigerio na tua presença e consolação nas tuas palavras, e me recebes com o enfado no rosto e o despeito nos labios...—á mim que sou tua?!... Antonio!...—Ah! con-

sente que eu te chame o meu Antonio; se não és meu, a ninguem mais pertences no mundo! Mas o que querias tu?—meu pai tudo ignorava.

ANTONIO.

Senhora! eu não vos accusei:—no excesso de minhas dôres á ninguem increpei o meu destino. Filha do Sr. Capitão Leme só vos podia merecer um Camargo, ou um Bueno. Fôra insania e loucura no engeitado...

MARIA.

Antonio! quem tambem vos engeitou?

ANTONIO.

Quem? feliz de mim se pudesse responder-vos!

MARIA.

Não eu, que vos julguei sempre mais bello e mais nobre do que esses que ahi se chamão nobres senhores, e como um grande e poderoso rei—te amava cheia de admiracão e respeito. Nunca tive um pensamento, nem dice uma palavra, á que te não associasses como principio, ou como consequencia:—tu eras a minha vida! Se te via alegre, sorria, se estavas triste chorava... Negal-o-has tu?

ANTONIO.

Que ventura teria em confessal-o?

MARIA.

Ah! mas é verdade;—digão-o estas arvores, estas montanhas, á cuja sombra amena tantas vezes gozamos da ventura de nosso amor de infancia tão puro, tão terno, e por isso tão passageiro e desditoso...—Antonio! chamaste-me de noiva... melhor dirias—a irrisão de um noivado: levão-me para o altar, como me conduzirião ao sepulchro... O meu vestido branco será uma mortalha de virgem que envolverá um cadaver inanimado e frio para elle!

ANTONIO.

Oh! sim, morreremos ambos, aniquilados n'um abraço, primeiro e verdadeiro de nossos curtos amores!... dormirmos o somno das nupcias no thalamo do sepulchro, e despertarmos já no céo, onde não ha grandes nem pequenos, mas sómente a eterna bemaventurança! (*Com fogo*). Anjos, anjos de Deos! (*Serenando-se*). Porém não! nem na morte podemos unir-nos!... Era um delyrio apenas o futuro que soñhávamos nessas horas de suave enlevo ao suspirar, da brisa tepida e perfumada de uma bella tarde, ou de uma manhã serena. Perdôa, Maria! mas esta natureza toda nessas horas de delicias que só uma alma como a minha podia bem comprehender, falla-me uma linguagem... Oh! muitas vezes ouvia-a na minha contemplação dizer-me—*ama!*—E á quem amaria eu senão a ti?—á quem renderia essa homenagem senão á ti que eras a rainha da natureza!

MARIA.

Foi destino, Antonio!—eu o bem digo ao menos por esses momentos de prazer e de gloria que me bastarão, se eu pudesse livremente dispor de minha vida. Mas meu pai. . .—Devo, devemos submeter-nos á sua vontade, ou antes á sua honra; basta o desgosto de que é victima.

ANTONIO.

Sim! cumpre-nos abaixar a cabeça, nem eu tentei resistir ao golpe que me fere. Era muito, era de mais para mim uma familia, uma esposa, um anjo, um céu comtigo na terra. Agora separemo-nos: vóa aos braços de teu esposo, leve-lhe comtigo a minha alegria, a minha esperança, o meu futuro, a minha vida. . .Eu. . .que farei eu de mim?! . . .

MARIA.

Tu?! . . . Ainda não, Antonio!—estas horas ainda são nossas; podemos ao menos recordar o passado e armar-nos de coragem para a tremenda despedida.

ANTONIO.

Não, separemo-nos.—Já um abysmo nos separa. . . Teu esposo te occultará ás minhas vistas, mas d'aqui (*Mão no peito*) não te arrancará elle nunca! Precisava de uma imagem de mulher para bem dizer e adorar, será a tua! . . .
(*Pausa, soluços e lagrimas*).

ABBADE, *fóra.*

O' de casa!

ANTONIO.

O Abbade! sua presença aqui...

MARIA.

Céos! se uma esperança...

SCENA VI.

OS MESMOS E O ABBADE.

ABBADE.

Adeos, meus filhos!—certo que me não espereveis nestas alturas. (*Em quanto Antonio e Maria lhe beijão o habito*).

ANTONIO.

Não nos dicestes nada.

ABBADE.

Tentei debalde dissuadir ao filho de Fernando de Camargo; inflexivel como seu pai persiste no que primeiro resolvêra. Fernando de Camargo, com quem tambem fallei, escreve ao Capitão pedindo-lhe que se conclua esse negocio amanhã, porque elle tem de retirar-se quanto antes para Pernahiba. Assim pois, meus filhos, coragem, ou antes, esperança em Deos!

ANTONIO.

Esperança, Padre! para que me recomen-
dais essa fria palavra?—vêdes o abysmo debaixo
dos nossos pés, e dizeis—esperança!

SCENA VII.

OS MESMOS E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME.

O' meu amigo! fizestes bem de vir; termos
no infortunio um homem como vós á nosso lado
é estarmos mais proximos de Deos. (*Abração-
se*).

ABBADE.

Trago-vos uma carta de Fernando de Ca-
margo.

CAPITÃO LEME.

Dai-m'a;—que mais exige elle de mim?

ABBADE.

Pede-vos, é só isso, que seja amanhã... (*Si-
lencio, em quanto o Capitão Leme lê em voz
baixa a carta que lhe deu o Abbade*).

SCENA VIII.

OS MESMOS E ANNA.

ANNA.

Senhor Padre! (*Beijando-lhe o habito*) o que succedeu?

CAPITÃO LEME, *com severidade.*

Senhora! amanhã á tarde receber-se-ha em matrimonio a nossa filha Maria com um filho do Sr. Fernando de Camargo. Vamos já para a villa!

ANTONIO E MARIA.

Ah! (*A' parte.*)

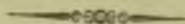
ANNA.

Seja tudo pelo amor de Deos.

ABBADE.

Deos faça o que fôr sua vontade?

(*Cahe o panno.*)



ACTO III.

A mesma decoração do primeiro acto, de tarde.

SCENA I.

ANTONIO, só.

Mais uma hora, e depois... a benção do sacerdote que lhes dê a vida e a felicidade me trará á mim tambem... mais do que a morte... —o desengano eterno!... Ah! se eu pudesse morrer! se eu cahisse agora aqui, como ferido do raio!... mas estou tão robusto! parece que as dôres me avigorarão mais... Ah! se eu pudesse enlouquecer! se pudesse rir-me doudamente das minhas proprias dôres!... que será de mim amanhã, hoje mesmo!... Deos, Deos! de que vos serve a minha razão?!... porque quereis o meu martyrio?! Eu soffro, soffro o que ainda ninguem soffreu, nem vós padecestes desde o Horto até o Calvario, e desde a Cruz até o céo! O odio dos homens vos cubrio o corpo de ulceras e sangue; mas o seu desprezo dilacerou esta alma innocente, e já não ha conforto para mim na terra!... A loucura, só quero a loucura!—a dôr infinita, insupportavel, que desvaira, que endoucece! (*Cabe sobre a cadeira e aperta a cabeça sobre as mãos convulsivamente— pausa*). Eil-a que para aqui se encaminha, a miseranda! não quero vê-la mais, não tenho ani-

mo!... A loucura, (*Sahindo*) a loucura, para não soffrer mais; para ficar frio e impassivel como estas quatro paredes!...

SCENA II.

ANNA E MARIA.

ANNA.

Coragem, Maria!—senta-te aqui, e espera um pouco que teu pai não tarda.

MARIA.

Sim, (*Sentando-se*) eu estou resignada; ainda que fosse preciso provar com a vida a minha obediencia eu o faria, minha mãe. Muito me pesa aquella hezitação .. mas não estava em mim...

ANNA.

Ah! teu pai desculpa-te; conhece a tua bondade.

MARIA.

Bondade?!—e qual é o dever de uma filha se não obedecer até os caprichos de seu pai? (*Com altivez*). Eu me orgulho de sacrificar-me por elle!

ANNA.

Não, filha! tu não te sacrificas: o Sr. Camargo hade estimar-te muito.

MARIA.

Se elle fôr bom ao menos... —hade compadecer-se de uma pobre, que vai entregar-lhe sua vida sem murmurar, nem queixar-se.

ANNA.

Elle te ama, sei que te ama.

MARIA.

Ah! a maior prova que elle me podia dar de seu amor fôra deixar-me. Oh! minha mãe! perdoai estas palavras; preciso de desabafar-me comvosco. Mas vós não sabeis o que é amar um homem, e desposar outro... Vós só amastes meu pai, e só vistes no vosso casamento vossos unicos desejos realisados. Ai de mim, que me vou para a companhia d'elle, como para um sertão arido e feio, saudosa do passado e desesperada do futuro.

ANNA.

Deos nos dê muita saude para vêrmos o teu futuro, que hade ser prospero:—o casamento é uma segunda vida, em que até se perde a lembrança da outra.

MARIA.

Para vós assim devia parecer;—vós trouxestes aqui tenues lembranças da meninice, que mais sérios cuidados e maiores prazeres logo apagarão. E eu, eu levo profundas impressões, que

nem o amor, nem o odio de meu marido, poderá extinguir. Quanto mais me esforço para esquecer-as, mais vivas e mais pungentes se tornão. E dissei-me, minha mãe! como me farei eu alegre e satisfeita se a desgraça móra aqui dentro?—como explicarei minha tristeza continua e meus suspiros incessantes? Até de vós viverei isolada, só, entre as quatro paredes de uma casa, que nunca poderei chamar minha, porque apenas conterà meu corpo!...

ANNA.

Não ficarás isolada, filha! eu estarei sempre contigo. O Sr. Camargo aqui esteve á pouco, tu o viste; nada te póde fazer desconfiar de sua bondade.

MARIA.

E' de mim mesma que desconfio: receio não ser uma boa e sincera consorte. Mas não penseis que recuo ante os deveres rigorosos desse meu novo estado; não, eu heide ser fiel e exacta, como vós. Mas meu passado é todo de Antonio. . . se o meu marido vier a saber. . .

ANNA.

Já sabe. . .

MARIA.

Quem me assegura pois que elle não terá zelos do meu silencio, das minhas lagrimas, e que deixará em paz ao desgraçado? Meu Deos, meu Deos, Virgem Santa, minha advogada!...

ANNA.

Pois bem, entrega-te á ella, e não chores.

MARIA.

Sim, eu me entrego toda ao céo; porque já não ha mais esperança para mim. Quero pedir-vos um favor, é coisa que o fareis certamente, porque sois boa e caridosa; mas quero pedir-vos. . . Consoái-o (*Em lagrimas*) sêde verdadeiramente sua mãe! (*Suffocada*) dizei-lhe que eu. . . Mas que lhe direis de mim á elle? . . . Nada lhe digais senão que eu morri! . . .

ANNA.

Morta porque?—elle hade ir á tua casa, hade estar sempre contigo.

MARIA.

Não, minha mãe! não o quero, e nem devo consentir. . . De amanhã em diante pertenço ao meu marido, e não quero outro amigo. . . E por que iria mais á minha casa? . . . nem elle poderá. . . . Para ser tractado com a indifferença e friesa com que uma mulher casada recebe os homens de quem seu marido não gosta? Nem sei se eu teria forças para dissimular as emoções de sua vista com uma fria urbanidade. . . Não, minha mãe! evitai que nos encontremos mais sobre a terra. . . (*Afflita*). Mas que é d'elle? se eu pudesse ainda dizer-lhe um adeos. . . (*Suffocada*) um só. . . o ultimo. . .

ANNA, *à porta.*

Antonio, ó Antonio. Elle vem, minha filha; mas nota que teu pai não pode demorar-se.

ANTONIO.

Senhora!

ANNA.

Deixa-te aqui ficar, meu filho, em quanto eu vou lá dentro um pouco.

ANTONIO.

Sim, Senhora!

ANNA.

Eu já volto. (*Vai-se:—silencio longo.*)

SCENA III.

MARIA E ANTONIO.

ANTONIO.

Bella estás como um anjo prestes a vôar para o céu!... Semelhante á essas virgens christãs que as chammas do martyrio parecião transfigurar em seraphins, as lagrimas abrihantão mais teu bello rosto de desessete annos, de virgindade, de amor!... Oh! apaguem-se estes meus olhos...—o que haverá mais na terra para elles vêrem com este encanto com que agora te estou vendo! Assim devia ser tambem minha

mã!...—desessete annos, virgindade, puresa!.. Assim triste, chorosa, com as lagrimas da resignação ainda humidas nas palpebras, tyrannizada no coração, mas serena em suas feições, apresentou-se ante esse mundo estúpido e insensível, para o qual o sentimento é fraqueza, e o infortunio ás vezes um opprobrio ou um crime!.. (Aproximando-se). Maria! não conheci minha mã, sei comtudo a historia do engeitado, que é a mesma por toda a parte. Mas não é d'agora que o meu triste coração encontra em ti essa grata parecença. Muitas vezes, quando me sorrias com essa ineffavel doçura da mulher que ama, eu dizia comigo:—« Não tive mã, mas Deos me supprio esta companheira dos meus primeiros annos com amor deste anjo!» Cheguei até á pensar que fôra melhor nascer o homem com sua existencia assim dividida, como estava a minha com a tua!... Pois bem, Maria!—já que não posso amar-te como uma esposa que nunca mais heide ter, adorar-te-hei como uma mã que nunca tive. Todos os homens tem uma imagem de mulher para adorar, a minha será a tua.. Não me recusarás, Maria!—esta derradeira consolação?...

MARIA.

O que poderei recusar-te, Antonio!

ANTONIO.

Sim!—o que pôde recusar uma mulher ao homem que a ama verdadeiramente, como eu te amo?... Oh! muito te amei, é verdade, mais

do que te digo e podes presumir. Tu eras para mim a existencia e o mundo, os anjos e o mesmo Deos: um sentimento profundo, infrene e delirante me despegava de tudo para ligar-me á ti sómente. Quando me ensinarão a fallar mandarão-me chamar-te irmã, e assim pude apenas exprimir a bondade de teus pais, que no excesso de sua piedade igualarão o plebeu com a nobre. . . Mas o meu amor não tinha nome inventado, nem eu soube creal-o. Não era só um sentimento—vigoroso como a juventude, e brilhante como o seu phantasiar de esperanças, era uma omnipotencia no querer, uma divindade a realisar portentos e milagres. E, amado por ti, guiado por um seraphim como tu, que não seria eu, que não faria na terra! ? . . . Mas agora, onde está tudo isso? . . . —Cábio de cima de minhas nuvens de oiro no abysmo do meu nada primitivo!—novo Lucifer, resvalando do cume de minha soberba criminosa, só me falta blasphemar do meu Deos! . . .

MARIA.

Oh! serás ainda grande, Antonio! muito grande!

ANTONIO.

Sem ti, Maria?

MARIA.

Acharás talvez uma esposa. . .

ANTONIO.

Só a morte, só ella! Oh! que bella esposa me

aguarda, fiel e zelosa para estreitar-me em seus braços! (*Sombriamente*).

MARIA.

Antonio, Antonio! vê que te matas, que me matas, á mim tambem! Não sabes que serei tua eternamente?

ANTONIO.

Perdôa... oh! perdôa-me!—não sei o que digo, este pensamento já desvaira... assim fique elle sempre... Perdão, Maria! não quero affligir-te... não te afflijas por minha causa. Que importância estas palavras? Não te lembres mais de Antonio, não fallemos mais em mim. Foi por certo uma desgraça inaudita... ambos curtimos acerbas dôres, bebemos lagrimas amargas; mas já tudo terminou. Ainda bem que para ti foi facil o remedio e prompta cura:—em breve começará tua felicidade.

MARIA.

E julgas que eu possa ser feliz sem que tambem tu o sejas?... Oh! acredita-me, Antonio!—de tal sorte nos unimos que é impossivel entre nós uma separação verdadeira... Em todas as minhas idéas deixaste impresso o teu nome e o teu amor de um modo extranho e indelevel. Para que eu possa respirar, ah! ser-me-ha preciso, como o ar, a certeza de que vives; e para que se estanquem minhas lagrimas será mister que eu saiba que folgas contente e alegre n'al-

gum recanto da terra... Sim, necessito de tua vida, peço-te que vivas, que te consoles... (*Em lagrimas*). Nossa Senhora, com quem já me apeguei, hade indemnizar-te do bem que perdes...

ANTONIO.

Oh! Maria! (*Com emoção*).

MARIA.

Sim; Nossa Senhora que não permittio que eu morresse quando recebi o fatal golpe, que quer que eu viva ainda, hade conservar teus dias, adital-os e conceder-te uma mulher que te ame... —Ah! mas quem te amará como eu?...

ANTONIO.

Maria! o estrago da tempestade, que trôa sobre nossas cabeças, se estenderá até o meu ultimo instante... o desgosto que ora me ennuvia o rosto cubrirá para mim de hoje em diante toda a natureza, como o véo de escura noite denso e impenetravel! —Basta-me que tu te consoles, que sejas ditosa... Não devo queixar-me, não devo chamar-te cruel, tu eras livre, teu pai podia ceder-te á quem lhe approuvesse... Mas ah! que se teu marido te não amar, como eu te amo,—céos, e inferno!... a minha vingança... Sim! para isso quero a vida; para proteger-te, Maria! para vingar-te!...

MARIA.

Ah! (*Assustada*).

ANTONIO.

Tranquillisa-te eu sei que não posso ter zelos de ti. . . nem os tenho; com pezar infinito, sim, mas sem azedume de colera vejo-te passar aos braços do meu rival. . . Ditoso seja elle, tanto como fôra eu, como ao menos aspirava sê-lo contigo;—amaldiçoado e desventurado seja só este amor incensato, que ousei enobrecer e santificar por nobres e santas ambições, quaes as que tive, como o sonhador, que vê surdirem na miseria que o cerca palacios e thronos, e depois ao despertar desapparecerem quaes fantasmas da noite á luz do dia! Estava cêgo, estava; e sou ainda uma criança, pensando que só eu te merecia. . . Não, não te mereci nunca, nem te merecerei jámais! Foi tudo méro brinco de infancia:—quebrão-o, choramos; mas amanhã tu ao menos te rirás talvez destas lagrimas de hoje.

MARIA.

Ah! seria Deos quem o quebrou!?

ANTONIO.

Não, Deos não faz mal, forão os homens, foi este mundo vicioso e brutal, que só vê a nobreza nos avós, e a virtude no oiro, sem se lembrar que ha ladrões e adulteros!—Perdôa, Maria!—isto peço-te que me perdôes. . . Eu não devia esquecer-me de que o amor é a minha má sina. . . que as lagrimas que me insopárão o berço, me innundarião até no tumulo! Fiz-te gemer e chorar,—peço-te que me perdôes, ao

menos pela esperança que nutria de te cercar de delicias, de affogar-te no jubilo.

MARIA.

Queres que te perdôe a minha felicidade, Antonio?!—queres que esqueça as mais doces de minhas recordações? Oh! Deos não permitta que eu as deplore... que o futuro me faça arrepende-me de me haver resignado á vontade de meu pai, e não ter resistido até o delirio á este transe por que vamos ambos passar! Antonio? si soubesses como soffro!...—a viuva que assassinos de seu marido obrigassem a desposar um desconhecido, não padeceria mais nem tanto entre a saudade de um, e o terror do outro. Escuta-me: faze-me este favor... nunca te pedi nada...—Hasde viver, ouviste? hasde viver; sou eu que preciso de tua vida; hasde procurar consolações, Nossa Senhora t'as dará... Promettes-me, Antonio?

ANTONIO.

Oh! viverei, sim, viverei; pois que o ordenas; soffrerei tudo por teu respeito, pois que o queres... embora no deserto, embora mais solitario e desconsolado que o primeiro homem só no meio do paraiso. Minha vida te pertence, podia anniquilal-a com uma só palavra, e com outra me ressuscitas...—Viverei pois, não importa como, nem onde... (*Pausa*). Adeos Maria! adeos para sempre! (*Vai abraçal-a e suspende-se*). Adeos!...

MARIA, *atirando-se nos braços de Antonio.*

Não, ainda não. . . não posso. . . ah!

SCENA IV.

OS MESMOS E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME, *na porta.*

Ainda uma vez os separo! mas não importa, a honra está acima de tudo! (*Antonio e Maria separão-se surprehendidos*).

CAPITÃO LEME, *severamente.*

Antonio! espera-nos aqui; talvez aqui venhão os nossos amigos para acompanhar-nos á Igreja. . . Maria, escuta; tenho que dizer-te. (*Maria e Antonio contemplão-se um momento com indissivel emoção*).

SCENA V.

ANTONIO, *só.*

(*Passeia agitado e commovido ao longo da scena*). Mas perdê-la! deixal-a assim passar-se aos braços de outro, eu que a amo?! . . . (*Resolutamente*). Não, Camargo! nem tu, nem todos os teus. . . não sou Pires, não sei quem sou, sei sómente que sou della e que ella é minha, como o ar que respiro, e a vida que vivo! Ella comigo, e depois. . . o sertão! — é impossivel que nos devorem as onças, ou nos persigão os

bugres!... (*Suspendendo-se com horror*). Mas que digo?—comer o pão caridoso do Capitão Leme, e atraíçal-o e deshonral-o!... Eu engeitado e raptor infame!?... (*Em desespero*). Ah!... Não ser eu um malvado, um assassino, ou um reprobó!...

SCENA VI.

ANTONIO E ABBADE.

ABBADE.

E para que querias ser um malvado, um assassino, ou um reprobó?!

ANTONIO, *com resentimento*.

Para não soffrer, Padre, porque neste mundo sómente soffrem os bons.

ABBADE.

Bemaventurados, Antonio, os que soffrem com paciencia as miserias deste mundo...

ANTONIO, *enternecido*.

Sim; mas é muita dôr só para dois corações, o meu é o della...—Deixai-me chorar, meu Padre!—é o unico desafogo dos desgraçados como eu... (*Em soluços*).

ABBADE.

Feliz aquelle que chora quando soffre, meu

filho!—ditoso aquelle em cujo coração o veneno das paixões não seccou esse orvalho do céo—as lagrimas, que Deos deixou no peito do homem como balsamo suave para apagar o fogo das grandes afflicções da vida. Aqui, meu filho! (*Abraçando-o*) sobre este seio de um amigo e de um sacerdote, é que deves repousar tua cabeça vergada pelo peso da desgraça.

ANTONIO.

Sim, meu amigo!—estou no limiar da eternidade; foi-se-me a vida em poucos annos. . . — em breves horas, a vida do espirito. . . A febre do sentimento mais ardente que a da doença, devorou-me. . . Uma agonia indisivel prostra o meu coração!—Oh! quanto esta morte é horrivel!—Antes a outra, meu Padre! antes a outra! . . . Com os membros paraliticos no fundo de um leito, e immovel, pôde o homem resignar-se e viver. . . Mas com o corpo são e a morte n'alma. . . ah! é horrivel! . . .

ABBADE.

Resta-te Deos! esta idéa para quem nella acreditou verdadeiramente como tu, meu filho! resuscita os mortos, enche de vida a alma, de consolo, de esperança. . . Escuta estas palpitações enfraquecidas. . . Aqui (*Mão no peito*)—aqui tambem veio a idéa de Deos, como a semente fecunda trazida pelos ventos ao campo esterilizado. . . Ouves, filho?—Ninguem sabe o que veio cobrir esta mortalha. . . Si a vida do mundo era extincta, devia começar a do céo. . .

ANTONIO.

Sim, sim, meu amigo,—eu vos comprehendo, ou antes, vós me comprehendestes, sem que eu fallasse, com esses olhos com que sempre lestes em meu pensamento, como em um livro aberto. Quero, sim; devo-o...—quero esconder-me na cella mais escura de vosso mosteiro, até que chegue o derradeiro dia d, minha viagem, e possa descarregar este fardo pesado, que me acabrunha...

ABBADE.

Pois bem, meu filho!—Deos te inspira essa resolução admiravel, e colloca-te mais perto de si para consolar-te. Com effeito, parece-me perdida a tua causa neste mundo... Nem Amador Bueno aqui!—elle só podia tudo conseguir...

ANTONIO.

Não, Padre! já agora de que me serviria a felicidade,—ella!... Não tenho já forças; exaurio-me o soffrimento... Só me resta o silencio, e o ermo de vosso claustro: uma verdadeira morte para o mundo sem commetter o horrivel peccado de tentar contra os meus dias... (*Atirando-se sobre uma cadeira em soluços*).

SCENA VII.

OS MESMOS, CAPITÃO LEME, MARIA E ANNA.

CAPITÃO LEME.

Ora pois, minha filha! é chegado o momento

da nossa despedida.—Bem quizéramos nunca separar-me de ti, mas que hade fazer um pai da sua mais querida filha senão dar-lhe estado... De amanhã em diante, já daqui á pouco, trocarás o socego, e prazeres de filha familia pelos sérios cuidados de mulher casada e dona de casa. Não preciso de dar-te mais conselhos; sempre foste uma boa menina, muito temente á Deos, e amante de teus pais e do proximo. Se te guiares, como espero, pelos exemplos virtuosos de tua mãe serás digna do estado que vais tomar. Quanto ao teu marido debes crêr que eu não lhe daria com tanta satisfação o que mais amo neste mundo,—a minha unica adorada filha, se não estivesse convencido de que fará a sua felicidade. E com effeito, a generosidade com que elle recusou todo o teu dote, dizendo-me que era moço e tinha braços fortes para trabalhar, e ganhar a vida, prova assaz a nobresa do seu character.

MARIA.

Sim, Senhor! eu sei que vós quereis a minha felicidade.

CAPITÃO LEME.

Quero e espero conseguir, filha!

MARIA.

Deos falle pela vossa bocca, meu pai! e me dê animo que me falta.. .

CAPITÃO LEME.

Pois pede a elle que t'o dará, filha! E ale-

gra-te, Maria!—Não arrefeças com tuas lagrimas o entusiasmo de teu marido, e de sua familia, que tanto desejou, e aprecia esta aliança.

MARIA.

Não, meu pai! eu estou tranquilla, e...satisfeita... si choro é por separar-me de vós, e de...minha mãe.

CAPITÃO LEME.

Padre! os nossos amigos de certo nos esperão na Igreja; por isso vamos. Dêstes as minhas ordens?

ABBADE.

Todas.

CAPITÃO LEME.

Vamos com Deos, minha filha. (*Tomando-a pela mão e sahindo*).

MARIA, á parte.

Virgem Santa! valei-me!

ANTONIO.

Oh! (*Dá alguns passos cambaleando e apertando convulsamente o cerebro*). Jesus! Jesus!...

AMADOR BUENO, fóra.

Capitão Leme! dais licença?

TODOS.

Amador Bueno!... (*Emoção geral*).

ANTONIO.

Ah! (*Como evocado a razão e á vida por esta apparição subita*).

SCENA VIII.

OS MESMOS E AMADOR BUENO.

AMADOR BUENO.

E' verdade, chego neste momento, e sem perda de tempo vos venho restituir, e amigo e Sr. Capitão Leme! a vossa palavra...

CAPITÃO LEME, *attonito*..

A minha palavra?...

ANTONIO E MARIA.

Ah!... (*Respirando*).

AMADOR BUENO.

Sim, a palavra que empenhaste para o casamento de vossa filha.

CAPITÃO LEME, *do mesmo modo*.

Senhor! o que é que dizeis!?. . .

ABBADE.

Louvada sejais, meu Deos!

AMADOR BUENO.

Soube por carta de um nosso amigo que havieis contratado este consorcio para vossa filha, e persisteis em cumprir a vossa promessa, contra os votos de vossa familia, e contra vossos proprios desejos. Apressei-me pois, e vim impedir-vos de fazerdes a desgraça de vossa filha, e praticardes uma acção indigna de vossa qualidade. A familia, amigo e Sr. Capitão Leme, é a virtude, e por isso eu considero Antonio tão nobre como a vossa filha.—A palavra, que não tem por base o dever, nada tem com a honra. O Sr. Fernando de Camargo desiste do seu intento, e espera que não lhe leveis á mal os esforços que fez para aliar a sua com a vossa familia. De minha parte accetai parabens pelo feliz consorcio de vossa filha com o nobre Antonio, que desde agora tomo para meu amigo.

MARIA.

Quanto sois bom, Sr. Amador Bueno!

ANTONIO.

Homem que mereceis culto.. *(Amador Bueno abraça a Maria e ergue Antonio, que vai ajoelhar-se).*

CAPITÃO LEME.

Oh! estou louco... estou! Minha cabeça...
Sr. Amador Bueno! (*Indo abraçar-o*).

AMADOR BUENO.

Amigo e Sr. Capitão Leme! (*Abraçando-o*).

SCENA IX.

OS MESMOS E FERNANDO DE CAMARGO.

CAMARGO.

Capitão Leme!—já me perdoastes? Ora pois!
fiquemos amigos como d'antes; Amador Bueno
assim o quer! Dai-me um abraço.

CAPITÃO LEME.

Abraçai-me, abraçai-me todos!—estou con-
tentissimo e feliz... já não sou velho! Alegria,
Senhores! Meus filhos! (*A' Antonio e Maria*).
eis ali teu pai, (*Apontando Amador Bueno*) eis o
pai de todos os bons Paulistas!—Inclito Amador
Bueno! (*Indo abraçar-o*).

AMADOR BUENO.

Meu bom e generoso amigo, é realmente ale-
gre o dia em que nossos filhos se julgão felizes.
Deos os abençõe!—Senhora D. Anna! (*Despren-
dendo-se do Capitão Leme, e abraçando-a*) quan-

to estaveis resignada, como uma matrona virtuosa que sois...

ANNA.

Chorei muito; mas agora, graças a vós, só choro de prazer.

AMADOR BUENO.

Agora dai-me licença, amigo e Sr. Capitão Leme; quero enxugar lagrimas de saudades que também me pungem. Adeos!

CAPITÃO LEME.

Vosso escravo, Sr. Amador Bueno.

CAMARGO.

Até outra vista, Capitão.

CAPITÃO LEME.

Meu amigo!

ANNA.

Vossa serva, meus Senhores.

ANTONIO.

Não sei o que mais admire em vós, si a fama, si a bondade. (*Despedindo-se de Amador Bueno*).

MARIA.

Senhor! (*Com gesto de profundo reconhecimento*).

AMADOR BUENO.

Antonio, sêde paulista; Maria, imitai a vossa mãe. (*Sae com Fernando de Camargo*).

SCENA X.

OS MESMOS, MENOS A. BUENO E F. CAMARGO.

ANTONIO.

Maria! anjo do céu!...

CAPITÃO LEME.

Padre! agora não me importa... quero mesmo que repiquem todos os sinos da villa.

ABBADE.

Em breve os ouvireis.

CAPITÃO LEME.

Saibão todos quanto é grande para mim o de hoje. Senhora! tres dias de festa, nada peis... E vamos, vamos já para a Igreja dre! que hoje mesmo se consumme a de meus filhos.

ANTONIO.

Senhor! (*De joelhos*).

MARIA.

Meu pai! (*O mesmo*).

CAPITÃO LEME.

Amador Bueno! (*Apontando a porta lateral por onde sahio A. Bueno*).

ABBADE.

Deos! Deos!... (*Solemnemente*).

CAPITÃO LEME.

Sim!—Adoremos a misericordia de Deos!... (*Curva-se respeitoso, o Abbade inclina-se, repicão os sinos da villa, e desce o panno*).

FIM DO DRAMA.



NOTA.

(Cópia) — Parecer da Commissão de censura do Conservatorio Dramatico Brasileiro sobre o drama—O CAPITÃO LEME OU A PALAVRA DE HONRA.

Li o drama o — *Capitão Leme ou a Palavra de Honra*, pelo Sr. Paulo Antonio do Valle, e julgo que esta obra é digna de louvor. Acho o primeiro acto um primor dramatico, assim como o terceiro. Não posso deixar de lastimar, ao menos pela impressão que senti, a tibieza que causão no correr do drama essas cantilenas africanas, que, a meu vêr, intercepção o magnifico fio de uma concepção tão bella, e tão primorosamente realisada. O auctor do drama é um homem privilegiado; e muito satisfeito devia ficar ao concluir uma obra tão cheia de bellezas, e de uma fluidez espantosa: louvo-a com sinceridade e enthusiasmo. Rio de Janeiro 2 de Novembro de 1851. — F. — Conforme. — *Luiz Garcia Soares de Bivar.*

DESPACHO.

Vista a censura, com a qual me conformo, pode representar-se em qualquer dos theatros desta Côrte. Dê-se ao auctor, por copia, o relatorio da censura. Rio de Janeiro 31 de Dezembro de 1851. — D. Bivar. — P.

1811

1812

1813

1814

AS FEIRAS DE PILATOS.

1849.

PREFACIO.

FOI esta peça esboçada logo depois da representação do Caetaninho,—sahindo-lhe em quasi tudo semelhante; e jazia na obscuridade dos meus papeis quando por casualidade a vio um amigo e quiz lê-la.

No começo do anno de 1856 tive idéa de corrigil-a, por alto, e assim o fiz, addicionando-lhe mais um acto, por parecer-me que o final do III necessitava de um complemento.

Estou certo de que a correcção empeiorou a obra, porque toquei no plano, tirando o General da scena, e isto trouxe ao pensamento uma tal alteração que demandava outro tecido, e outro colorido.

Guardo porém esta lembrança grata do Conservatorio Dramatico Paulistano, á cujos fundadores, os Srs. Drs. Gabriel José Rodrigues dos Santos, Antonio Joaquim Ribas, e João d'Abeney de Avellar Brotero, dediquei a peça, depois de julgada, em signal de gratidão e reconhecimento.

Parece-me finalmente que fica aqui mais ou menos delineada mais uma das faces do tempo colonial, qual a relação da autoridade com os costumes, em tanto quanto podia soffrer a illuminação da scena.

Ter-me-hei, ainda uma vez, enganado; mas está salva a intenção: isto me basta.

S. Paulo, 25 de Março de 1862.

PERSONAGENS.

TEN.^e FERNANDO FERNANDES.
TEN.^e GONÇALVES—do Batalhão de Mexias.
CAP.^m PASCOAL—do dito.
ALF.^s HORTA—da Legião de S. Paulo.
MAJOR FERNANDES—Miliciano.
C.^{el} FONTES—do Rio de Janeiro.
PADRE TELLES—Presbytero Secular.
GERTRUDES DE MIRANDA.
MARCIA DE MIRANDA.
D. LEONOR FERNANDES.
D. MATHILDE FERNANDES.
—POVO—DAMAS e CAVALLEIROS de um baile—
ORDENANÇAS—SOLDADOS de uma escolta— PA-
GENS.

S. Paulo—Junho de 1800.

NOUTE I.

ANJO CAHIDO.

O abarracamento das Feiras do Campo da Luz, á noite e ao luar:—no fundo a barraca do General, illuminada.

SCENA I.

*Povo no fundo em sussuro, e tropél mal abafado pelo final de uma symphonia militar.
Na frente da scena:*

CAPITÃO PASCOAL, TENENTE GONÇALVES, E
ALFERES HORTA.

CAPITÃO PASCOAL.

Que bella noite, que luar brilhante, que excelente reunião!

ALFERES HORTA.

Foi mesmo uma lembrança de Capitão General!

TENENTE GONÇALVES.

Feira para *tudo*, e para *todos*! (*Maliciosamente*).

CAPITÃO PASCOAL.

Verdadeiras festas reaes, como não vio S. Paulo iguaes, nem semelhantes. Por isso eu gosto de S. Ex. e heide elogial-o sempre. Vêde como elle se interessa pelo bem publico, pelo commercio da praça, e até pelos prazeres de todos. Aquella grande cabeça pôde combinar interesses, aliás diversos, e conseguiu reunir vantajosamente o util com o agradável n'estas Feiras do Campo da Luz. E tudo isto que vêdes, estes mattos derribados, e estas alvas barracas que se alevantão, são o esboço do que hade vir á ser logo este bairro, quando aqui se estender o jardim que S. Ex. projecta e vai fazer. Mas agora o povo affluio para aqui, a cidade fica deserta, principalmente á noite, e esses negociantes, que lá não vendião suas fazendas, aqui as vêem sahir todas. . .

ALFERES HORTA.

E entrar muito oiro e prata.

CAPITÃO PASCOAL.

Sem duvida: o proprio General tem feito grandes despesas. Á pouco se recolheo elle do passeio que dá todas as noites, e em que faz presentes de valor ás familias, que honra com a sua companhia.

ALFERES HORTA.

Eu o vi comprar, á pouco, um rico anel, e

dál-o á D. Leonor Fernandes, que trazia pelo braço.

CAPITÃO PASCOAL.

Á todas!—é um principe a fazer presentes!

TENENTE GONÇALVES, *á parte, e afastando-se.*

Bem te conheço, Capitão Pascoal!

ALFERES HORTA.

E hoje temos saráo na barraca de S. Ex.?

CAPITÃO PASCOAL.

Saráo ha lá todas as noites.

TENENTE GONÇALVES, *de longe.*

Mas em tudo isto só deplóro uma cousa, só fica-me um pezar. . .

CAPITÃO PASCOAL.

Qual é?—pezar! só fica-te um pezar? de que?

ALFERES HORTA.

Sim, Tenente Gonçalves, entendo-te; mas não foi uma imposição, uma violencia. Fecharem-se as lojas á força quasi, sob graves penas, e declarar-se contrabando todo o commercio que lá se fizesse na cidade. . .reter aqui os Mi-

licianos, pobres roceiros, á pretexto de manejos e exercicios: com effeito pôde parecer que...

CAPITÃO PASCOAL, *com impeto.*

Ora sois esquesitos, e incontentaveis, Camaradas! Por ventura aqui se lembra já alguém de que foi só por ordem de S. Ex. que se alevantarão estas barracas, e povoou-se este deserto? Ninguem!—Os mesmos negociantes são hoje os primeiros em bem dizer S. Ex. por esta ordem, que á principio taxarão de arbitraria, e despotica. Desenganemo-nos! não ha vontade no povo, ou antes elle, coitado, jámais sabe o que quer, ou o que deve querer. Aos governos fica o direito de tudo querer por elle e para elle: o mais é erro, ou opinião revolucionaria. E si não, dizei-me: que males proviêrão d'este arbitrio do General? nem um; só bens em todo o sentido. Quanto aos Milicianos, são militares, S. Ex. entendeu dever retel-os, não se pôdem queixar sinão do serviço; de S. Ex. nunca.

TENENTE GONÇALVES.

Confundes tudo, meu Capitão, com essa tua fidelidade á toda a prova! O povo bem sabe o que é, e o que lhe convem; mas resigna-se á tudo, porque a resistencia fôra inutil, e o desespero funesto. Os Milicianos são militares, devem obedecer, está entendido; mas o General não devia retel-os, porque sabe que são os nossos plantadores, que muito sacrificio já fizêrão em se apresentarem na parada da festa de Corpo de Deos.. Ouves? esta é que é a verdade, dura

e amarga embora. . . Os negociantes lucrão ; mas devias provar tambem que esses lucros não importão perdas para outros, e perdas irreparaveis — de gastos custosos e superfluos.

CAPITÃO PASCOAL.

Oh! como estás eloquente, Camarada! como gosto de ouvir-te. Continúa! (*Ironico*).

TENENTE GONÇALVES.

E eu não me importo com os teus sarcasmos, e ironias: continuo a pensar assim.

ALFERES HORTA.

Mas então vamos ao saráo?

TENENTE GONÇALVES.

Eu não sei se irei; talvez volte para a cidade.

ALFERES HORTA.

Ora não sejas desmancha-prazeres!

CAPITÃO PASCOAL.

Não sabes que elle é intimo amigo do Tenente Fernandes, que á esta hora está se dando ao demo na guarda da cadeia? (*Hilaridade*).

UMA VOZ, *na barraca ultima da esquerda.*

Avante, boa gente!
Alegre é a feira.
Vós sois prasenteira;
Vinde pois folgar.

CÓRO DOS OFFICIAES.

Avante, etc.

A VOZ.

Triste e solitario
Que viva o peccado;
Quem não é culpado
Aqui hade estar.

CÓRO.

Triste, etc.

A VOZ.

Aqui tendes sêdas,
Lindos oiros, flôres,
Unicos penhores
De fiel ternura....

CÓRO

Aqui tendes, etc.

A VOZ.

Depressa freguezes!
Feiremos, feiremos.

Cantemos, dansemos,
Que o mais é loucura.

CÔRO.

Depressa, etc.

ALFERES HORTA.

Mas então (*Para o Capitão Pascoal*) o Tenente Fernando está dando-se ao demo?...

CAPITÃO PASCOAL.

De certo!—namorado, com a dama no baile, um Illm. Coronel á requestal-a, e S. Ex. a perseguil-o...para casar-se com a outra...

TENENTE GONÇALVES.

E o Capitão Pascoal a maliciar...

CAPITÃO PASCOAL.

Malicia, não; isto é publico. Todo o mundo sabe que a mãe de Marcia, vendo que não podia resolver o Tenente Fernando, e não tendo ninguem por si, fez o que devia, pôz a sua mantilha, e foi lançar-se aos pés do General, que mandou chamar o Tenente e lhe ordenou...tu-do isto é publico, ninguem ha que ignore.

TENENTE GONÇALVES.

Depois de sabido por certas pessoas...principalmente.

ALFERES HORTA.

Mas então o Fernando que diz? está de pedra e cal pela *priminha*? Ella é nobre e rica...

TENENTE GONÇALVES.

De certo!—seria trocar a fortuna pela miseria! Elle já o dice á S. Ex. muito positivamente.

CAPITÃO PASCOAL.

Sim; o amor da primeira fica suffocado pela ambição que inspira a outra... Mas não sei se já sabes que por tudo isso S. Ex. não anda muito bem com elle?

TENENTE GONÇALVES.

Ao que Fernando parece indifferente, e diz que seja elle um bom Tenente, que o General não lhe fará mal algum!

ALFERES HORTA.

E D. Mathilde levará hoje a filha ao sarão não estando lá o sobrinho?

CAPITÃO PASCOAL.

Leva de certo: eu lá fui á pouco dizer-lhe da parte de S. Ex. que não faltasse.

ALFERES HORTA.

Pobre primo Fernando! vereis que elle acaba por desafiar o Coronel Fontes.

TENENTE GONÇALVES.

Qual! si D. Leonor não o amasse...

CAPITÃO PASCOAL.

Sim, o outro sempre é Coronel... Quando nós mesmos ás vezes fraqueamos, quanto mais ellas, as mulheres, coitadas!

TENENTE GONÇALVES.

Não tenhas cuidado!

ALFERES HORTA.

Indubitavelmente está o Tenente Fernando em uma posição difficil! a Marcia ama-o, a pobre, de véras, e o ingrato anda apóz a priminha. Entra o General no meio. e diz:— Tenente « Fernando! casarás com D. Marcia; tua prima « talvez pertença ao Coronel Fontes». Ah, ah, ah;—ao menos não me hão de succeder destas (*Canta*).

Que importão
Victorias
E glorias
D'amor?
São tristes,
Escuras,
—Torturas
E dôr!

CÔRO.

Que importão etc.

ALFERES HORTA.

Mais vale
 Innocente,
 Contente,
 Viver,
 Que amores
 Gosar,
 Chorar,
 Soffrer!

CÔRO.

Mais vale etc.

(*Apparece o Tenente Fernando rebuçado e occulto*).

ALFERES HORTA.

Quem vem lá, faça alto! (*Para o Tenente Fernando*). E então! como deixaste a guarda da cadêa?

TODOS.

Tenente Fernando! (*Com admiração*).

SCENA II.

OS MESMOS E TENENTE FERNANDO.

TENENTE FERNANDO, *desembuçando-se*.

Quereis perder-me? não bastão-me tantos cui-

dados, e desgostos? Pois bem; sou eu mesmo, o Tenente Fernando, aqui estou. Hoje se decidirá minha sorte: ninguém pôde viver assim por muito tempo sem endoudecer, ou morrer! abandonei o meu posto. . . por um momento. . . Parecia-me que si respirasse este ar. . . um instante ao menos. . .recobriria as forças e a coragem. . . (*Vivamente*). Oh! eis-me na feira! aqui, sim, respiro, vivo, tenho esperança. Dizei-me: já entrou o saráo? . . . (*Comsigo mesmo*) Si eu podesse ir lá também!

TENENTE GONÇALVES.

Queres ir? . . .

TENENTE FERNANDO.

Não, ainda que não estivesse de guarda não poderia lá ir; por tal modo teceo-se o enredo de minha vida, que não sei como desatal-o agora!

CAPITÃO PASCOAL.

Meu caro Tenente, ninguém pôde servir á dous senhores, e nós soldados não podemos obdecer á dous Commandantes ao mesmo tempo.

ALFERES HORTA.

Cada qual o mais rispido, e impertinente.

TENENTE FERNANDO.

Como?—não vos entendo, explicai-vos, que

não estou hoje para meias palavras: a cabeça anda-me a roda, como uma balla! (*Hilaridade*).

CAPITÃO PASCOAL.

Quero dizer que precisas de decidir, quanto antes, esta grande questão, que resume todas as tuas questões, e vem a ser que—ou servirás á Amor, ou á El-Rei! (*Hilaridade*).

TENENTE FERNANDO

Oh! é verdade! (*Esforçando-se por gracejar tambem*) e o amor, eu vol-o affianço, é o peor dos Commandantes: não dá fólga de uma hora, nada perdôa, e tudo pune de morte. Mas... se-rei d'elle, servia-o já quando El-Rei me chamou... essa praça é mais antiga... (*Como lembrando-se*). Dizei-me: já entrou o saráo?—que horas são? sabia quanto sahi da cidade, esqueci-me... Como tenho, meu Deos, esta cabeça!

CAPITÃO PASCOAL.

O que me parece, Camarada, é que tu debes voltar para a tua guarda; S. Ex. não anda muito satisfeito contigo, e esta deserção...

TENENTE FERNANDO, *com força*.

E que me importa á mim a guarda, Pilatos, ou a deserção?... (*Arredando-se*). Não me viste decidido a passar para o batalhão dos amantes?... (*Comsigo mesmo*). E minha prima está aqui, aqui devo eu ficar!

TENENTE GONÇALVES.

O' Fernando! porque não me diceste... eu fôra tomar o teu posto em quanto aqui viésses.

TENENTE FERNANDO.

Oh! não, Gonçalves! privares-te de prazer... sem necessidade...

TENENTE GONÇALVES.

Privar-me de prazer, não; pergunta á estes camaradas si não lhes dice á pouco que voltava para a cidade.

TENENTE FERNANDO.

Pois não queres ir ao saráo?!...

TENENTE GONÇALVES.

Não; com mais prazer vou rondar as sentinellas de tua guarda, e prevenir alguma irregularidade no serviço.

TENENTE FERNANDO.

Agradecido, Gonçalves, obrigado, meu amigo! Bem sei que se de ti dependesse eu seria o mais feliz dos homens.

TENENTE GONÇALVES.

De certo. Até amanhã. (*Indo-se*).

TODOS.

Adeos, Gonçalves!

SCENA III.

OS MESMOS MENOS GONÇALVES.

ALFERES HORTA.

Vamos nós ao saráo, Capitão Pascoal; nós que servimos á El-Rei sómente, e de certo não tentamos fazer voltar o mundo á nossa vontade; e á nossos desejos.

TENENTE FERNANDO.

Cada um cumpre seu destino, este é o meu.

ALFERES HORTA.

Mas toma sentido! Porque Marcia é pobre, e D. Leonor...

CAPITÃO PASCOAL.

Não cáias em ir ao saráo!

TENENTE FERNANDO.

De sangue frio, e em causa alheia todos podem reflectir, e ser philosophos.

ALFERES HORTA, *cantando*.

Nós vamos pressurosos,
E gostosos
Ao saráo :
Entregue a tibieza
Da tristesa
Fique o máo.

ALFERES HORTA E CAPITÃO PASCOAL.

Nós vamos etc.

2.

E já bem perto estamos
▲h! corramos.
Ao prazer,
Que a vida d'outra sorte
E' da morte
Padecer!...

*(Somem-se no fundo: o Tenente Fernando re-
buça-se de novo e passeia agitado).*

SCENA IV.

TENENTE FERNANDO, *só*.

Mas á final que faço eu aqui?—não posso, nem devo ir ao saráo. Perdido entre esta multidão alegre, eu sou como uma sombra do desgosto no meio de tantas alegrias sinceras, um desgraçado entre os felizes, e talvez um reprobado no seio da bemaventurança!... Marcia, Mar-

cia! deves estar bem vingada. e satisfeita; mil golpes com que te ferisse não seriam mais profundos, nem tão pungentes, como estes que se succedem incessantemente em meu coração!...

—Pobre moça! não te odeio, não: tu eras boa, e amavas-me devéras, muito; como ama a mulher em tua idade, como a escrava ao senhor que baixou sobre ella os olhos!—como me amaste sempre!... É eu tão cego, tão deslembrado, ou tão louco, que não via Leonor tão jovem, tão bella, e tão rica!—Direitos, direitos! dizes tu... quem t'os deo? .. Leonor sim... tinha direitos... como eu tenho o dever de engrandecer-me, de elevar-me acima de minha actual posição!... Oh! Marcia! eu te lamento, muito, do fundo d'alma... Choro até tuas deditas; mas não posso ser já teu... sou d'ella, de Leonor!... *(Pausa)*. Oh! si este bilhete não fosse um laço, uma traição para perder-me... *(Tira do peito do sarda um papel, que desdobra, lendo:)* «Sr. Fernando.—Ha tres dias que o não vejo, e sabe Deos como pude viver tanto, eu que á mais de um anno não passei duas horas do dia sem ouvir-lhe á voz, vêr lhe sorrir para mim, e dizer-me que me ama... Oh! como foi tudo isto!... Não pense entretanto que eu tive parte na perseguição que lhe faz o General... eu só queria o seu amor; mas esse... — Bem sei que o General com todo o seu rigor, não pôde dar-me. Pôde ir ao sarão de S. Ex. ... vá, e devirta-se, que eu lá não heide ir aborrecel-o . Basta-me a pobresa, e... » *(Fallando)*. Oh! divertir-me eu, distrahir-me de tudo isto, eu!—e ella que me conhece tanto!... O'

Marcia! que já comesas á ser cruel, muito cruel para comigo!...

SCENA V.

LEONOR, *na ultima barraca á direita.*

Schio!... —Primo Fernando!

TENENTE FERNANDO, *á porta da barraca.*

Oh! prima, sou eu mesmo, e tu és um anjo do céo, que me appareces, um anjo de bondade, e de consolo!

LEONOR, *sempre timidamente.*

E eu que á pezar de estares de guarda te esperava agora... não sei porque!

TENENTE FERNANDO.

O amor, prima! provoca entre os corações uma communicação secreta, e fiel.

LEONOR.

E se soubesses como passei triste hoje, primo...

TENENTE FERNANDO.

De saudades minhas?

LEONOR.

Saudades e... tudo.

TENENTE FERNANDO.

Tudo, ah!—feres-me de novo, e buscas apenas esconder esse punhal, cuja ponta ficou á muito quebrada aqui dentro! (*Mão no peito*).

LEONOR.

Ora... não, não é nada; perdôa-me!

TENENTE FERNANDO.

Sim, nem eu te exprobo, prima... Olha; o que me angustia não é de certo a coléra de Pilatos; o homem vive em toda a parte, aqui como nas florestas, e lá ás vezes mais tranquillo e feliz. A consciencia é que é tudo na vida, e é d'ella que eu mais soffro, prima!

LEONOR, *ingenuamente*.

E eu tambem, primo!

TENENTE FERNANDO.

Tu!... porque, Leonor?—és uma pomba sem fél, a tua existencia deslisa-se como arroyo de cristal por entre flôres; mas eu... Oh! prima! não haver tambem quem cure estas doenças d'alma, tão peiores que as do corpo?!

LEONOR.

Pois ha!...

TENENTE FERNANDO.

Haver? quem? (*Sceptico*).

LEONOR.

Deos! (*Com accento de ingenua crença*).

TENENTE FERNANDO.

Ora, fallas-me em Deos. . .

LEONOR, *vivamente*.

E de quem mais te fallarei eu? Fernando?

TENENTE FERNANDO, *triste*.

Fallares-me em Deos, Leonor! é o mesmo que me citares perante um juiz terrivel!

LEONOR.

Um pai póde ser terrivel, primo?

TENENTE FERNANDO.

A virtude tem sempre n'elle um pai amoroso, mas o peccado e o crime. . . Se eu te dicer que á tres dias não me lembro de minha mãe, não o acreditarás.

LEONOR.

Acredito, porque o dizes.

TENENTE FERNANDO.

Sim! aparto sempre d'ella o pensamento por

que devo estar muito odioso. . . deve ella ter chorado muito por minha causa. . . se ha lagrimas no céo !

LEONOR.

Não é que eu não tenha pedido á D os por ti, Fernando! nestes tres dias com mais fervor.

TENENTE FERNANDO.

Oh ! e só por teu respeito poderei eu merecer do céo, Leonor ! E agora, agora mais que nunca deves orar por mim ; hoje sinto-me capás de tudo, até de grandes crimes para possuir-te, Leonor, para não separ-me de ti, prima ! Si o amor é insufficiente para merecer-te, buscarei no crime a força que me falta. . . Pilatos me arremeça ao desespero !. . . mas não te assustes, prima ! Serei prudente ; calarei tudo para não affligir-te. . . depois virei derramar em teu seio com lagrimas o meu desgosto. Mas se não retrocederem, se tentão levar-me de roje. . . — Leonor !. . . (*Concentradamente*). Esse homem tremendo que nos governa, o terror dos Paulistas, não me aterra á mim, pelo contrario, tenho-lhe asco, e até desejo provocá-lo !

LEONOR, *afflicta*.

Primo ! ? . . . Meu Deos ! que lhe não oução as paredes ; fallemos n'outra cousa, por compaixão, primo !

TENENTE FERNANDO.

Pois bem ; péde, continua á pedir á Deos por mim que nada me acontecerá.

LEONOR.

Sabes?! tenho cantado muito hoje, primo, estou rouca de tanto cantar; mas me aliviava. . .

TENENTE FERNANDO.

Sim! o canto é uma expansão natural, e agradável de nossas mais intimas e profundas emoções. . . — Todo o que vive canta. . . Nós, além d'esta pobre linguagem com que exprimimos os nossos pensamentos mais triviaes, temos a musica, a linguagem dos affectos, d'alma, do amor. . . O gentio do sertão, e o homem civilisado no rir, e no chorar se encontram. O riso e pranto são as primeiras articulações d'essa linguagem universal. . . E quem não gostará de uma boa musica? . . .

LEONOR.

Conforme, primo! por exemplo agora esta que ouço de quando em quando me despedaça o coração.

TENENTE FERNANDO.

Porque estás triste; se andasses alegre, ella te arrebataria de prazer. Ainda é uma qualidade essa pela qual a musica se torna mais preciosa á nossa existencia:—si estamos tristes cada som é um suspiro, se alegres cada nota um jubilo.

LEONOR.

Mas isso será de nós, ou da musica?

TENENTE FERNANDO.

E'...mais um mysterio da natureza. A' proposito de musica, não vais ao saráo?

LEONOR.

Vamos... que remedio? .. minha mãĩ parou um pouco aqui, e já sahe.

TENENTE FERNANDO.

Sim...O' minha cabeça! estava tão cégo que não via o teu trajar de bailarina.

LEONOR.

Eu tinha uma cousa para te dizer, mas tu já estás tão triste...

TENENTE FERNANDO.

O que pois me dirás que me entristeça mais? dize pois o que é?

LEONOR.

Não, não conto.

TENENTE FERNANDO.

E' talvez ainda a historia de palacio...Pois bem... já te dice como foi e o repito. Apresentei-me na sala... Antonio de Mello veio como um Jupiter Tonante, e eu levantei-me e lhe di-

ce... — «Para tudo que for do serviço eis-me prestes; mas quanto ao que dizeis, Senhor, não desposarei essa mulher que já não amo...»

LEONOR.

Coitada! como tenho dó d'ella primo!

TENENTE FERNANDO.

Eu tambem, prima! mas por mais dó que d'ella tenha não posso esquecer-te, não devo sacrificar-me...

LEONOR.

Não era isso, era outra cousa.

TENENTE FERNANDO.

Peior? póde ser; eu tudo temo, e espero, e á tudo estou disposto. Dize, o que ha?

LEONOR.

Em fim... não t'o devo occultar... Fallei hoje á minha mãe,... *nestas cousas*...

TENENTE FERNANDO.

Sim?... que te respondeo ella?

LEONOR.

Oh! ella me dice mil cousas que me desesperarão!...

TENENTE FERNANDO.

A' respeito do Coronel Fontes?

LEONOR.

Qual, não!—á nosso respeito... Faze pois idéa de minha tristeza em todo este dia!

TENENTE FERNANDO, *concentrado*.

Pois bem! minha familia segue o capricho de Pilatos. . .tem razão, o partido de quem governa é sempre o mais seguro. . .Paciencia!

LEONOR.

Mas é de balde! (*Vivamente*).

TENENTE FERNANDO.

Se tu me amas...de certo. E amas-me tu, Leonor?

LEONOR, *envergonhada*.

Ora que pergunta, primo!

TENENTE FERNANDO.

Responde: amas-me devéras?

LEONOR.

E tinha um presente para dar-te.

TENENTE FERNANDO.

Um presente de amor?

LEONOR.

Não... de amizade.

TENENTE FERNANDO.

O que é?

LEONOR.

Admiro que já não o visses; olha. (*Mostrando um anel na mão direita*).

TENENTE FERNANDO.

Oh! que lindo anel! e que mão ainda mais linda! (*Dá-lhe um beijo na mão*).

LEONOR.

Ah! contente-se! (*Escondendo a mão*).

TENENTE FERNANDO.

Mas eu sou incontentavel, prima!

LEONOR.

Creio mesmo que és incontentavel!—Adivinha quem me deu este anel?

TENENTE FERNANDO, *admirado*.

Pois não foi meu tio, ou minha tia? (*Leonor faz um gesto negativo*). Queres me enloquecer, prima?!

LEONOR, *rindo-se*.

Oh! porque? foi o General: deu-m'o á pouco. Eil-o, toma-o para ti, e repára que esteve aqui, e ainda leva o calor de minha mão. (*Dá-lhe o anel*).

TENENTE FERNANDO, *cantando*.

A prenda, que minh'amante
Me offerece com ardor,
Eu a aceito n'este instante,
Como reliquia de amor;
E como um talismã
De sua fidelidade,
E minha felicidade,
Agora, como amanhã,
Com orgulho heide mostrar,
Com fervor heide adorar! . . .

LEONOR, *idem*.

Sim! como prova te dou
Do que fui, e do que sou! . . .

SCENA VI.

OS MESMOS E D. MATHILDE.

D. MATHILDE.

Estás aqui, Fernando! e a tua guarda, filho?

TENENTE FERNANDO.

Boa noite! a benção, minha tia.

D. MATHILDE.

Deos te abençõe, meu filho!

TENENTE FERNANDO.

Deixei outro em meu lugar, minha tia.

D. MATHILDE.

Olha o que fizes! não te desleixes do serviço! S. Ex. nos estima, é verdade; mas Pilatos não é de brinquedo! (*Abaixando a voz*).

TENENTE FERNANDO.

Oh! eu o sei, eu o reconheço... Mas o que? opprimir-me, espesinhar-me, isso nunca!

D. MATHILDE.

Cala-te, Fernando, olha que estamos no meio da rua... Em fim volta para a tua guarda, que só assim ficarei socegada.

TENENTE FERNANDO.

Minha tia não quer que a acompanhe?

D. MATHILDE.

Já, para a guarda, filho! sem perda de tem-

po... Fizeste mal de sahir... Volta já... Leonor, vamos! (*Leonor e Mathilde sahem acompanhadas por um pagem de libré e somem-se no fundo; o Tenente Fernando rebuça-se de novo—pausa*).

SCENA VII.

FERNANDO E MARCIA.

MARCIA.

Fernando! encontro-te emfim!

TENENTE FERNANDO, *constrangido*.

Marcia?!—que mais queres?

MARCIA.

Que mais quero?—oh! tudo, Fernando, tudo, ingrato! com tanto que me ames, que eu te veja sempre ao menos, embora como tua escrava...

TENENTE FERNANDO, *interrompendo-a*

Si váes ao saráo, já começarão as danças!

MARCIA.

Não, que me importa á mim o saráo, e o mundo? perdi-te, tu eras o meu mundo, perdi-me; não sei onde estou, nem sei se vivo ainda!.. Ando atôa como uma folha levada pelo vento!... E quanto soffro á tres dias! mas ago-

ra fiquei impassível, imbecil...—Fernando! si havias de aborrecer-me. . .

TENENTE FERNANDO, *acabrunhado*

E quem te dice, Marcia! que eu já te não quero, e te aborreço?

MARCIA, *triste*.

Estas cousas, Fernando, ninguém precisa dizer-nos: adivinha-as uma desgraçada como eu. . . Mas si havias de aborrecer-me, desprezar-me, e deixar-me assim no mundo. . .

TENENTE FERNANDO.

Marcia! (*Entre commovido e impaciente*).

MARCIA.

Marcia, a tua Marcia de outr'ora morreo! de pezar e de vergonha; eu sou apenas a sua sombra entristecida. . .

TENENTE FERNANDO, *sardonico*.

Não, Marcia vive; Marcia regenerou-se, graças á sua fraqueza, e ao capricho de Pilatos!—Marcia é hoje a feliz protegida do grande Antonio de Mello, e rica, frequenta os bailes de Palacio, e ainda se queixa do Tenente Fernando, que ergueo-a tão alto! (*Colerico*). Essa mulher é má, sempre o foi, eu o asseguro!

MARCIA, *em soluços.*

Oh! meu Deus! . . . Fernando, cruel! — calcaste-me aos pés, e agora cospe-me no rosto a mais hedionda calúnia! mas ah! é justo! — quem como eu encontra um pai que nunca teve, nada mais devia desejar neste mundo! . . . — Sim! Fernando! ha desgraças que repercutem, e ferem todos os corações, e elevão as victimas acima de si mesmas. Quem ha ahí que não lamente esta pobre Marcia, privada por teu respeito d'esse grande destino da mulher sobre a terra? . . . — O General é um demonio, não? mas elle hade mostrar que é homem, alguma vez; comigo ao menos, hade ser bom, bem fazejo, e generoso, como Deus o creou. . . Dizem que os bons são homens, fraqueião; porque não dirão tambem dos máos quando fazem bem: — « São homens devem ser bons! » Os erros, os crimes não pôdem desnaturar. . . seria a mão fragil do homem quebrar a obra solida, e perduravel da providencia! . . . *(Com intimidade e emoção)*. Fernando! esenta: um erro te cega. . . Julgas que tua prima hade amar-te mais do que eu? . . . nobre e rica, seus carinhos serão risonhos, mas o seu amor não será como este — profundo e mortal que te consagro! . . .

TENENTE FERNANDO, *rebuçando-se.*

Marcia! eu volto para minha guarda, adeos.

MARCIA, *abraçando-o freneticamente.*

Não, não irás sem me ouvires tudo! Fer-

nando, o General prometteu-me... mas eu...

TENENTE FERNANDO, *em furia.*

Imbecil! não sabes, Marcia! não te digo eu, não o dice em face de Pilatos que resistiria, como o naufrago ás ondas, que o soçobão? E não sabes tu que assim fazes mais notoria e triste a tua vergonha?

MARCIA.

Vergonha?!—Não, Fernando! é desgraça; se ha vergonha é para ti sómente. Não vês como me acolhem em Palacio essas nobres e soberbas familias? O General deu-te tres dias, pensa bem...

TENENTE FERNANDO, *em brado.*

Nunca, nunca!... (*Volta-se para o fundo, e Marcia vai-se.*)

SCENA VIII.

TENENTE FERNANDO, E DEPOIS-CORONEL FONTES.

TENENTE FERNANDO.

Decididamente este é o meu dia aziágo!... Agora só falta o Coronel Fontes.—Anjos, anjos do céu! cubri com vossas azas o rosto de minha mãe!... (*Musica em tom marcial*). E' o hymno do desespero e do exterminio!... (*Desembaíha a espada allucinadamente*).

CORONEL FONTES.

Oh! Tenente Fernando!—(*Sauidando-o alegremente*).

TENENTE FERNANDO.

Boa noite, Coronel! (*Fazendo uma evolução*).

CORONEL FONTES.

Tamanha continencia!

TENENTE FERNANDO.

Digna, e devida... não sois meu superior,
e...

CORONEL FONTES.

E o que mais? (*Com simplicidade*).

TENENTE FERNANDO, *sarcastico*.

Meu rival, e rival preferido!.. .

CORONEL FONTES.

Não, preferido ainda não, que tu sempre és seu primo. Mas afirmo-te que não fazia ideia do que é S. Paulo: nós que vivemos no Rio de Janeiro pensamos que além d'aquella barra começa o sertão do Brasil... Venhão cá por oito dias, que ficarão um mez. Mas a tua prima, Tenente .. Em fim, como diz a tróva:

«Se já não sou primeiro,
«Não serei derradeiro...»

TENENTE FERNANDO

Amanhã sereis o primeiro !

CORONEL FONTES.

Assim o espero... (*Vaidoso*).

TENENTE FERNANDO.

Oh ! infallivelmente !

CORONEL FONTES.

Escrevi hoje ao Major Fernandes. . .

TENENTE FERNANDO, *impetuoso*.

Escrevestes ao Major Fernandes?!

CORONEL FONTES, *agastado*.

Sim, escrevi... Mas parece que me tomas
contas, Tenente?...

TENENTE FERNANDO.

Deveis-m'as! (*Brandindo a espada*).

CORONEL FONTES.

Ès atrevido, camarada! (*Marcia, que appare-
ce á porta de uma proxima barraca, aproxima-
se*).

TENENTE FERNANDO.

E vós sois. . . (*Marcia colloca-se entre ambos*)
um truão de mão gosto! . . .

SCENA IX.

OS MESMOS E MARCIA.

MARCIA.

Senhor Coronel! quereis brigar com meu marido?

CORONEL FONTES.

Oh! menina! . . . Está bem; associo-me á tua causa. Tenente Fernando! vou pedir a mão de tua prima.

TENENTE FERNANDO, *atirando a espada.*

Maldição! . . .

SCENA XX.

OS MESMOS, MENOS O CORONEL FONTES.

MARCIA, *abraçando-o*

Fernando, meu amigo, ias brigar com um Coronel; eu presenti-o, e vim! (*Com insinuação*) sou a tua providencia!

TENENTE FERNANDO, *desprendendo-se.*

Es a minha condemnação!

MARCIA.

Sou a tua providencia, amo-te!

TENENTE FERNANDO.

Oh! Marcia! não te visse eu nunca!

MARCIA, *resentida*.

Ao menos não me aborrecesses hoje... Mas agora o que esperas?—O Coronel Fontes...

TENENTE FERNANDO, *furioso*.

Nunca, já t'ó dice!

MARCIA, *com esforço*.

Nem agora, perdida a tua prima?

TENENTE FERNANDO, *inexoravel*.

De cima do patibulo te repetirei—nunca!

MARCIA, *aturdida*.

Oh! ouvir isto dos labios de um amante!...

TENENTE FERNANDO, *colerico*.

E este inferno,—demonio! em que me afundas?!...

MARCIA, *fulminada, com inexplicavel decepção.*

Demonio... ah! eu que era o seu anjo!...

TENENTE FERNANDO, *tomando a espada.*

Marcia! és a minha má sina! (*Indo-se*).

MARCIA, *em pranto.*

O Demonio!... tens razão!—o demonio é um anjo cahido!... (*Ouve-se ao longe a canção dos mercadores*).

Avante, boa gente!
Alegre é a feira,
Vós sois prasenteira;
Vinde pois folgar.

Cáhe o panno.

NOUTE II.

AMORES E DORES.

Sala de visitas na casa do Major Fernandes na Luz : portas aos lados ; no fundo um Cravo ; mobilia da epocha,—jacarandá e damasco. Algumas serpentinas de prata com bugias accésas, Marcia ao longe.

SCENA I.

LEONOR só, sentada junto ao Cravo em attitude de meditação e tristesa.

E heide eu ir ainda hoje á um saráo ! como ? se esta musica só já me desespera !—Oh !—não vou, não devo ir... —estou doente ! Impaciente-se embora Antonio de Mello ; elle bem sabe que soffro...do coração e d'alma... —Estimamos muito, (*Com rescentimento*) é intimo amigo de meu pai, e esquece-se de que nos maltrata na pessoa do tenente Fernando ! não heide eu tomar parte... amofinar-me porque *elle* soffre !... Protecção ! proteger-me contra o amor de meu primo... perseguil-o porque me ama... E meu pai ! e o abastado e respeitavel Major Fernandes meu pai, que Deos guarde... que fará por mim?... (*Com odio*). Pilatos, é impostor, e covarde !—sou mulher, elle é um despota ; mas todo o seu despotismo não bastará para contrariar o amor que consagro á meu primo... Sim !

amo-o de véras, e mais do que suppunha... ninguém o sabe, sabel-o-hão todos agora!... Em quanto a virtude estiver comigo, terei a força do céo em meu apoio!—sou livre... só á meu pai devo dar contas e obdecer, e meu pai me ama... Oh! como meu pai me ama! (*Pausa*). Não vou, não vou ao sarão, nem saio mais de casa!... (*Preludiando ligeiramente*) vem, meu amigo! tu, que me comprehendes, que és o écho sentido de meus risos, e prantos... (*Cantando*).

Como a triste e viuva rôla
O seu canto desenrola,
Ameigando as solidões,
Apiedando os corações...

A triste e afflita donzella,
Que já foi risonha e bella,
Nos soluços de seu pranto
Ensaia tambem um canto.

Mas lá os hymnos de amor...
Aqui só neñas de dôr!
A rola nasce a cantar,
Eu nasci para chorar!...

SCENA II.

LEONOR E D. MATHILDE.

D. MATHILDE.

Então, filha!

LEONOR.

Ora... minha mãe...

D. MATHILDE.

Mas, Leonor...

LEONOR.

Estou tão doente, minha mãe! sinto-me tão opprimida que...

D. MATHILDE.

Sim, filha! bem sabes com quanto constrangimento vou sempre á barraca de S. Ex.; mas que fazer?—não ha remedio senão ceder aos caprichos do homem que nos governa.

LEONOR.

E' realmente uma desgraça! e não haverá recurso?

D. MATHILDE.

O recurso é para lá sómente! (*Apontando o céo*) elle aqui, Sua Magestade em Lisboa, e Deos lá ensima... Quanto á nós... elle não admitte desculpas; bem viste o Capitão Pascoal á pouco vir buscar-nos.

LEONOR.

Mas, minha mãe! disse-me uma cousa: se o General é um tiranno...

D. MATHILDE.

Jesus! filha minha! que te não oução as pa-

redes! A respeito d'elle, Leonor, as paredes têm ouvidos, e boccas horribeis que fallão em Palacio o que nós nem temos no pensamento!

LEONOR.

Ora, minha mãe! á nós que póde elle fazer com todas as suas iras? . . . Nada!

D. MATHILDE.

Nada?! . . . em fim, Leonor! quando não seja por mim, nem por ti, por teu pai, e principalmente por meu sobrinho. . .

LEONOR.

Meu pai?! não serve empregos, é um rico negociante, geralmente estimado, e respeitado. . . O primo Fernando. . . cumpre seus deveres. . .

D. MATHILDE, *vivamente*.

Isso é o que elle devia fazer, e não faz!

LEONOR.

Como, minha mãe! o que queres que elle faça mais?

D. MATHILDE.

Eu não, o General é que quer. . .

LEONOR.

Sim. . . que elle case-se com uma mulher que já não ama! . . .

D. MATHILDE.

Oh! mas porque já não a ama elle?—Em que desmereceo-lhe ella o amor antigo?—Honestamente viveo sempre e sa pobre moça até então... e depois sua mãe, que é uma mulher de boa vida e devota, jurou á Antonio de Mello, quando foi pedir-lhe protecção...

LEONOR.

E julgais que ella fez bem!

D. MATHILDE.

Quem, a mãe?—Leonor! uma mãe sempre faz bem á respeito de seus filhos ainda que pareça errar ás vezes. Ella é pobre; sem marido, sem apoio, e desvallida de todo; achou o unico recurso que havia para salvar sua filha...

LEONOR.

Mas o General pôde obrigar Fernando?

D. MATHILDE.

O que não poderá o General!

LEONOR.

Sim...se meu primo ainda a amasse!...

D. MATHILDE.

Embora!—deve restituir-lhe a honra e a fe-

licidade, e só o casamento pôde trazer esses bens, sem qualquer dos quaes a mulher. . .

LEONOR, *enternecida*.

Oh! minha mãe! vós tão boa. . . sempre benevola para tudo desculpar. . .

D. MATHILDE, *severamente*.

Más acções nunca, Leonor! Tu sabes quanto estimo meu sobrinho Fernando. Entregue á mim por seu pai o Capitão Fernando que Deos tenha em gloria, creseu contigo, — como nosso filho; esta casa é a sua; por elle em fim temos feito quanto por ti fariamos se fosses homem. Graças á amisade que nos consagra Antonio de Mello, com poucos annos de praça já é Tenente, e breve hade ser Capitão, antes de outros mais antigos. (*Com firmesa*). E fosse meu filho, filho das minhas entranhas, que o obrigaria do mesmo modo á remediar o mal, que sua loucura fez á pobre Marcia.

LEONOR, *em pranto*.

Mas não sabeis, minha Mãe! não vêdes a fatalidade em tudo isto?!

D. MATHILDE.

Não ha fatalidade. . . tudo neste mundo succede por vontade de Deos sómente.

LEONOR.

Pois bem! nós cumprimos em tudo isto os

designios da Providencia. Sim, minha mãe! Fernando nasceu comigo, á meu lado cresceu, e vivemos sempre debaixo do mesmo tecto, sem que eu sentisse que o amava. Agora só, e já depois de tudo isto... é que eu soube que não podia vê-lo desposar outra mulher...

D. MATHILDE.

Pois é preciso que o vejas, Leonor!

LEONOR.

Mas, minha mãe!—se eu o amo devéras, como não sei dizer-vos.

D. MATHILDE.

Embora!—esse amor é uma tentação má, que deves combater e suffocar.

LEONOR.

Se eu tivesse forças...

D. MATHILDE.

Pede á Deos, que t'as dará, filha; teu primo Fernando já pertence á outra á face do céo, cumpre-te ser indifferente, se não concorrer tambem de tua parte para que elle conclua esse casamento, em que tanto se interessa nossa honra de familia, e até nosso sexo.

LEONOR.

Emfim, minha mãe! dissertaes á meu respeito como se fallasseis de vós que sois uma matrona de nimia bondade, e inabalavel bom senso. Vossa filha, porém, é uma pobre menina fragil como uma assucena, que não resiste ás vezes nem á brisa que a afaga, e pende, e cáhe. Escutáe o que vou dizer-vos: eu sinto que estes successos passão por mim com um impeto que me aballa e faz vacillar. . .Morrerei antes de sacrificar a virtude que me inspiráes, e que me grangêa a protecção do céo; mas sei que de um momento para outro este soffrimento que sinto aqui dentro (*Mão no peito*) pôde tornar-se grave e mortal. . .A' tudo me resigno. . .de que me serviria viver infeliz? . . Amo meu primo, o Tenente Fernando Fernandes, e diz-me o coração que posso e devo amal-o, porque não é um crime; o crime repelle o sentimento, desgosta, e atormenta, e o que siato me torna feliz á despeito de quantos males, e perigos o acompanhão. Não desposarei o Coronel Fontes, ouvi-o bem, minha Mãe!—não o desposarei. Mesmo depois de morta talvez o aborrecesse.

D. MATHILDE.

Pois bem! não queres o Coronel Fontes, não te obrigamos. . .és rica, nossa familia é nobre; casarás vantajosamente, d'isto estou bem certa. E fallemos n'outra cousa: vamos ao saráo que é tarde.

LEONOR.

Não, não, minha mãe! agora estou muito indisposta, mais desgostosa de saráos, de tudo... da vida! Não vou lá, nem vades vós; que irieis lá fazer?...

D. MATHILDE.

Oh! eu devo ir, preciso... quem sabe o que elle pretende á respeito de Fernando! não quero dar-lhe motivos...

LEONOR.

Sim! ide pois, que eu vou deitar-me, estou doente. Dizei que estou doente... oh! como estou doente! (*Levantando-se*).

D. MATHILDE.

E o Sr. Major Fernandes! logo agora estar em Parnahiba tão cercado de negocios. Deos o traga em paz, e breve: Leonor! eu já volto; fecha a porta. Desculpo-te e retiro-me. (*Chamando a porta*) Telmo! (*Abrindo a porta e vendo o pagem*). Estás ahí? vamos. Até já, minha filha!

LEONOR.

Deos vos siga, minha mãe! e nos guarde. (*Feichando a porta*). Deos, Deos, que tudo vê, e tudo pode!

SCENA III.

LEONOR, E LOGO O TENENTE FERNANDO.

LEONOR, *sentando-se como d'antes.*

Oh! quero cantar!—bem que só tenha vontade de chorar, de prantear esta minha triste vida!—mas farei de cada gemido uma nota e sahirá talvez este peso que me opprime o coração. Eia, meu Cravo; os teus mais sentidos tons menores, essas notas abmoladas que traduzem as angustias todas d'alma... (*Preludiando compagada, emelancolicamente: Fernando apparece na porta do interior, pé ante pé, rebugado, e mysterioso*). O que seria de mim se tu não fosses, instrumento cáro?!... (*Levanta-se, e voltando-se vê o Tenente Fernando*) Ah! (*Reconhecendo-o*) Fernando, meu primo! como saíste, como viéste?!

TENENTE FERNANDO, *descobrimdo-se.*

Não posso viver longe de ti, Leenor! ainda que entre nós se abrisse o abysmo eu o transpozéra para aproximar-me de ti, para unir-me a ti que eu amo, e heide amar, á despeito de tudo, ainda que para proval-o deva lutar com os elementos!

LEONOR.

Mas não estavas de serviço hoje?...

TENENTE FERNANDO.

Sim, hontem de guarda, hoje de estado...

amanhã preso de certo...rolando de escolho em escolho...(*Tranquilisando-se*) Mas tu que és meu anjo, hasde remir-me e reerguer-me em teus braços.

LEONOR.

Mas não temes? eu receio. . .

TENENTE FERNANDO.

Não, nada receies!—não estou eu contigo? olha: á teu lado sinto-me capaz de domar os ventos desenfreados. A minha espada para defender-te fulminaria como o raio, á que tudo cêde sem resistencia. Tranquilisa-te, assente-mo-nos, e vamos cantar um hymno de amor.

LEONOR.

Tenho um susto. . .estou tão sobresaltada. . .

TENENTE FERNANDO.

Pois eu, pelo contrario, nada temo; sinto-me até feliz aqui. . .Oh! Leonor! se o paraizo terrestre ainda existe é de certo na chacara do Major Fernandes, no campo da Luz, aqui onde estás. Mas dize-me: não tinhas saudades de mim? se soubesses como passei hoje. . .parece-me que te amo mais do que hontem, do que nunca. (*Reparando em Leonor*). Não te tranquilisarás por compaixão, Leonor?

LEONOR.

Se te virem aqui. . .

TENENTE FERNANDO.

Ninguém me viu desde o quartel; vim rebuçado, e ninguém encontrei que pudesse reconhecer-me.

LEONOR.

Sim, porque eu estou só...

TENENTE FERNANDO, *com estranheza.*

Como? pois eu não moro aqui?!

LEONOR,

Mas escuta: quero pedir-te um favor...

TENENTE FERNANDO.

Sei o que é... Ainda que quizesse ir... pesão-me os pés... não me arrastaria d'aqui! (*Deitando-se no sophá*). Oh! seria loucura, mesmo á risco de tratos de condemnado, deixar este sophá pela tarimba!—sem duvida, não havia maior, nem igual soffrimento!... (*Batem de fóra*).

LEONOR.

Meu Deos! quem será?

TENENTE FERNANDO, *levantando-se.*

Seja quem fór...

LEONOR, *afflicta*.

Não abras ahi...

TENENTE GONÇALVES.

Quem está ahi! (*Tomando a espada, e abrindo a porta*) quem é? (*Contrariado*). És tu, Marcia!

SCENA IV.

OS MESMOS E MARCIA.

MARCIA.

Sempre eu! (*Entrando*). Esqueceste de que te amo, e por isso te sigo como a tua sombra! Eia, volta para o quartel, vim buscar-te; Antonio de Mello te espreita: não zombes de Pilatos.

TENENTE FERNANDO, *concentrado*.

E que me importa á mim que tu me sigas, e Pilatos se enfureça? . . . Eu já te disse tudo, Marcia!—Sim! vai-te; tudo está já dito entre nós para sempre! . . . (*Tenta fechar a porta sobre Marcia, que a abre mais*).

LEONOR, *supplicante*.

Fernando!—cu te peço. . . volta para o quartel!

TENENTE FERNANDO.

Tambem tu, Leonor?!

MARCIA, *em scena.*

Escolhe...—para o quartel, ou para a prisão...

LEONOR, *atemorizada.*

Ah! Senhora!...

MARCIA.

Enganais-vos, Dona! eu não sou Senhora; sou a Marcia, mulher da plébe... Não vêdes como aqui vim sosinha, e sem pagens?... O que porém admira é que vés que sois nobre, e por tanto, honrada, fiqueis assim á sós com vosso amante...

LEONOR, *fulminada.*

Oh! meu Deos! ella tem razão!

TENENTE FERNANDO.

Marcia! insultar-me podes tu impunemente...mas á ella...

MARCIA, *friamente.*

Ameaças-me?—tambem já te dice que não me aterrão tuas ameaças...era favor que me esmagasses agora debaixo de teus pés!...Que mais fôra isso?...

TENENTE FERNANDO, *subjugado.*

Pois bem; deixa-nos, retira-te...

MARCIA.

Com uma condição...

TENENTE FERNANDO.

Condições!—e qual? ..

MARCIA.

Contar eu o que vejo agora aqui na muito honrada casa do muito honrado Sr. Major Fernandes.

TENENTE FERNANDO, *em furor.*

Mulher! que me perdes!

MARCIA.

Fôra uma justa reprezalia.

LEONOR, *afflicta.*

Mas Senhora! o que é que vêdes aqui?!

MARCIA, *com ironia.*

Oh! nada!—sómente a Senhora D. Leonor em muito innocente confidencia com seu primo o Sr. Tenente Fernando que é probo, e cavalheiro, como só eu sei...

LEONOR, *afflictissima.*

Oh! por favor! Senhora!...assentai-vos! as-

sentamo-nos. . . e fazei o favor de ouvir-me. . .

MARCIA.

Eu?! (*Assentando-se sentimentalmente*). o que porém direis que o justifique, e me console.

LEONOR.

Sim. . . não. . . (*Assentando-se*) ouvi-me. (*O Tenente Fernando passeia agitado ao longo da scena—pausa*). Julgaes que vos odeio, que sou vossa inimiga?

MARCIA.

E' natural, Senhora! que aborreçaes um obstaculo. . . .

LEONOR, *mais animada*.

Mas acreditai-me: se ha obstaculos, se vós me obstaes. . . eu comtudo não vos aborreço; não direi que vos amo, julgal-o hieis extraordinario apesar de ser verdade. . . nem penseis que vivo contente, e alegre. . . que sou feliz. Não! no meio de todo este aparato de alegria, e felicidade eu gemo e choro afflicta, sobressaltada. . . e mais triste, e desconsolada do que vós nem ousa pensar no futuro. Quantas vezes. . . agora mesmo, que pareço dever estar tranquilla, estou a tremer, e perturbada, que nem me atrevo a olhar-vos, como se fosseis um juiz, e eu uma criminosa. Ah! quereis saber mais. . . quereis que chore lagrimas de sangue para provar-vos que sou desgraçada? . . .

MARCIA.

E eu, Senhora! que devia soffrer ainda o supplicio de procurar consolar-vos com o meu desespero. . .—Sim! porque me condão de vós. . . —Não sei se de tanto soffrer fiquei assim compadecida? . . . Soffrer, soffrer! ah! Senhora! toda a significação desta palavra completou-se em mim!

TENENTE FERNANDO.

Basta, Marcia! aqui ninguem te ouve, e perdes o teu tempo. . .

MARCIA.

Peço eu porventura que me oução!—Perdes teu tempo, me dizes. Ha porventura lagrimas inuteis?—para ti certamente; mas é para o céo que elevo os olhos lagrimosos! (*Para Leonor*). Vós, Senhora! ignoraes a historia de meu coração. . . revelar-vos-hia a minha vida intima. . . Ninguem jámais cahiu de tão alto! o revez que me deixou orphã, e pobre, não me levára tudo; minha velha mamã, o velho escravo de meu pai não erão nada, mas restava-me sobre tudo a mais terna e a mais santa das mãis. Resignadas á nossa situação, sem dilatarmos o desejo além do que possuíamos, satisfeitas na pobreza, e orgulhosas, talvez, de nossa virtuosa independencia, a vida para nós era um goso inefavel. . . Eu, comparando-me com vós outras, Senhoras de alta nobresa, na isenção, na segurança que a virtude me dava contra os perigos, e as illusões do mundo, não me trocava por nin-

guem, julgava-me mesmo superior á todas. Mas á final sem pai, sem parentes, sem riqueza, eu era só como a arvore isolada para resistir ao furor das tempestades... Cedi!... A luta fôra além de minhas forças .. quando pensava fugir, me entregava; quando quiz salvar-me estava perdida, como agora, perdida para sempre!... Antonio de Mello estende-me sua mão poderosa, ergue-me até a sala do seu Palacio, iguala-me á vós outras, mas o que sou eu no meio dos saráos do General?...

LEONOR, *interrompendo-a.*

Oh! Sois uma desgraçada, e tanto que eu choro, comvosco, e fizera a vossa felicidade á custa de metade da minha... Mas podeis vós deixar de amal-o?... (*Batem de fôra*). Meu Deos! quem será? (*A' Fernando que vai abrir a porta*) Oh! primo, não abras!

TENENTE FERNANDO.

Seja Pilatos, ou o proprio Satanáz! (*Abrindo a porta*).

SCENA V.

OS MESMOS, e um ORDENANÇA, que perfila-se, e entrega a Fernando uma carta.

TENENTE FERNANDO, lendo o subscripto.

«Illm. Sr... Auzente á... Senhora D. Mathilde...» (*Abrindo a carta*). Está entregue. (*Fecha a porta sobre o ordenança*).

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS O ORDENANÇA.

LEONOR.

Que fazes, Fernando!

TENENTE FERNANDO.

O meu dever; d'aquella porta para dentro governa só o Major Fernandes, e na ausencia d'elle, eu! (*Lendo a carta, e suspendendo-se com furor*) Meu rival?—eu rival de Pilatos!...

LEONOR, E MARCIA.

Seu rival!?...

TENENTE FERNANDO.

Mas não! o despota diverte-se comigo por todos os modos... Leonor! S. Ex. o Sr. Governador Pilatos te pede em casamento. (*Rasgando a carta*). Imbecil! esquece-se de que eu teria coragem para disputar-te ao proprio Rei de Portugal!... (*Batem de fóra*). Entrae! (*Tomando a espada, e desembainhando-a*).

SCENA VII.

OS MESMOS, E O ALFERES HORTA, *com soldados.*

ALFERES HORTA.

Tenente Fernando Fernandes! estás preso á ordem de S. Ex. o Sr. General!

TENENTE FERNANDO.

Ás mil maravilhas. Alferes Horta, meu amigo! (*Leonor assenta-se com desanimo*). Mas estou disposto... á tudo, ouves?... resisto, e resistirei, faze o teu dever! (*Em attitude de defeza, espada em punho*).

LEONOR.

Ah!... (*Afflictiissima:—Marcia tira do seio um papel e entrega-o ao Alferes Horta*).

MARCIA.

Lêde.

ALFERES HORTA, *depois de lêr.*

Está conforme; dai-me as vossas ordens, Senhora.

MARCIA, *tomando o papel.*

Podeis retirar-vos.

TENENTE FERNANDO

Não, esperai!—que papel é esse? O que é que dizes, Marcia?

MARCIA.

Mando que te deixe em paz, e se retire.

TENENTE FERNANDO.

Sim! entendo agora tudo; uma carta branca... a espada do Capitão General de S. Paulo nas mãos imbeles de uma mulher; a arma terrível da justiça publica reduzida á um brinco de criança!... Tempos, tempos calamitosos! desgraçado povo!... (*Com impetuosidade*).—Alferes Horta! podes ficar certo...—dize-o ao teu infame Senhor... Se Pilatos houver por bem assignalar seu Governo execrando em S. Paulo pelo sacrificio de meus direitos, e de meu sangue, estou prompto a lutar braço á braço, golpe contra golpe!... Não heide succumbir como o pobre Caetaninho!—não, nem ha prisões assás fortes que me detenhão! Dize-lhe isto, Alferes Horta! e mais: dize-lhe que o odeio, que provooco as suas iras, e que soffrerei tranquillo, e indifferente todos os tratos!... E vamos! cavarão já um subterraneo?... (*Transição*) Sim, Leonor! não te allijas; os tyrannos são covardes, aliás não serião tyrannos. Nada me acontecerá... (*Desanimado*) o teu amor me collocará sobranceiro á tudo, e me fará feliz no poste do martyrio?...

SCENA VIII.

OS MESMOS E D. MATHILDE.

D. MATHILDE.

Fernando, meu filho! que fizeste?

TENENTE FERNANDO.

Eu?... soccegáe, minha tia! não é nada, vou preso. Pilatos quer divertir seus amigos por todos os modos... feiras á uns, bailes á outros, á mim—prisões, e carceres! Contento-me com a parte que me coube... (*Indecisamente*). Nasce-mos para alguma cousa neste mundo; sabemos nós para que nascemos?

MAJOR FERNANDO, *fóra*.

Que é isto? minha casa cercada de soldados!

Todos, *menos Marcia*.

O Major Fernandes?

LEONOR.

Meu pai! (*Como evocada á existencia*).

SCENA IX.

OS MESMOS, E O MAJOR FERNANDES.

MAJOR FERNANDES.

O que há pois? Oh! Sr. Alferes! o que quereis?

ALFERES HORTA.

Bem á meu pezar, Senhor, cumpro uma ordem superior.

TENENTE FERNANDO.

Sim, Senhor! vou preso, e como podesse resistir ahí estão soldados...

LEONOR.

Meu pai! ? (*Supplicante*).

D. MATHILDE *ao Major Fernandes.*

Graças á Deos que estais em vossa casa!

MAJOR FERNANDES, *com calma.*

Fernando! debes obedecer: resistir é sempre justificar excessos...

TENENTE FERNANDO.

Sim! queria resistir, mas agora vou... quero ir...

MAJOR FERNANDES.

Só te lembro o nome que tens!

TENENTE FERNANDO, *com orgulho.*

Chamo-me Fernando Fernandes! Sr. Alferes Horta, vamos! (*Sahe com o Alferes Horta e os soldados*).

LEONOR.

Ah! (*Cahe sobre uma cadeira*).

SCENA X.

MARCIA, LEONOR, O MAJOR FERNANDES, E D.
MATHILDE.

MAJOR FERNANDES.

Se o General tem o direito de governar, nós temos temos tambem o de ser bem governados. (*A' D. Mathilde*). Senhora: a minha farda?

D. MATHILDE.

Meu Deos! onde ides, Senhor?

MAJOR FERNANDES, *com resolução*.

Desaggravar-me, Senhora, restabelecer a honra de um Paulista ultrajado! (*Entra com D. Mathilde para o interior. Leonor levanta-se, cahe o panno*).

NOUVE III.

A MULHER.

Uma sala do pavilhão de Pilatos nas Feiras da Luz — portas dos lados para o interior, no fundo para fóra. Cadeiras de jacarandá com almofadas de damasco; luzes e flores; aspecto de esplendido sarão. Musica marcial ao longe.

SCENA I.

CORONEL FONTES, TENENTE GONÇALVES, ALFERES HORTA, D. LEONOR, D. MATHILDE, MARCIA, damas e cavalheiros. Ao levantar-se o panno alguns cavalheiros e damas dançam ao som de orchestra.

CORONEL FONTES, *fazendo sentar-se o seu par.*

Que momentos tão curtos, minha Senhora! — como os da ventura, rapidos e poucos! (Aos circumstantes) Realmente, não ha melhor no Rio de Janeiro. . . (D. Leonor com o Alferes Horta, e Marcia com o Tenente Gonçalves, passeião de braço em diversos sentidos ao longo da scena, e os outros cavalheiros fazem grupos em torno das damas).

TENENTE GONÇALVES.

Devéras, não posso crêr, D. Marcia! estou maravilhado. . .

MARCIA.

E' porque nunca amaste!

TENENTE GONÇALVES.

Oxalá que não. . .

MARCIA.

Ou será porque os homens são diferentes. . . Nós mulheres quando amamos, temos esta abnegação, ou. . . resignação. Todas a tem: eu por ser pobre não poderei possuir essa riqueza natural? . . .

TENENTE GONÇALVES.

Não, D. Marcia! sabeis que é minha opinião, e dil-o-hei sempre:—toda a riqueza da mulher está, ou deve estar em seu coração; de balde a cubrirão de ouro, e diamantes se ella não fôr boa, terna, compassiva . . .

MARCIA.

E dirão essas damas nobres, essas Senhoras do grande tom... não D. Leonor Fernandes, que é uma bôa moça. . .

TENENTE GONÇALVES, *sorrindo-se.*

Eis ahí outra singularidade!—não odiais vossa rival!

MARCIA.

Rival... quem sabe! amamos, é verdade, o mesmo homem, mas ella tem contra si a má vontade do Major Fernandes, como eu a ingratidão do vosso amigo... Mas como ia dizendo, e me intorrompestes:—Dirão agora essas muito nobres Senhoras que uma mulher perdida, como nós chamão, é incapaz de uma acção que indique pureza si não virtude em quem a pratica? Oh! (*Com magoa e resentimento*) nós polluimos o corpo... e quantas d'ellas devástão a alma?! Talvez entre nós se encontre mais facilmente a felicidade conjugal, e a mãe de familia, do que entre essas, cuja alma prostituio-se ás paixões (*Com rapidez*)— Porque cahi, sou má, perdida... e quem me arremeçou ao abysmo hade triumphar; a minha perdição será para elle antes uma aureola de gloria do que um justo motivo de publico desprezo... .

TENENTE GONÇALVES, *tentando mudar de assumpto.*

Estais eloquente, D. Marcia... .

MARCIA, *continuando.*

Eloquencia, dizeis!—é a eloquencia do sentimento, a linguagem despedaçadora da angustia, que me desvaira! em vez de gemer fallo, e, em vez de atrahir a compaixão, provoco o odio contra mim; não é assim?

TENENTE GONÇALVES.

Não! ao menos quanto á mim tendes direito

de queixar-vos, como quem quando é ferido, tem direito de gemer, e pedir soccorro.

MARCIA.

Oh! obrigada! agradecida, e fazeis-me justiça, Tenente Gonçalves! assim pensassem todos que eu não soffreria tanto.

TENENTE GONÇALVES.

Mas em fim, o que pretendes agora?!

MARCIA.

Eu... eu não pretendo nada; mas como vos dizia, se Fernando não se enternecer, se não tiver mais... dó de mim... que poderei eu fazer?—Antonio de Metlo o violentaria, é certo; mas o que lucro eu em desposar um homem... Fernando, que não me ama, que me aborrece, que ama outra? Tenente Gonçalves! o lar domestico deve ser um paraizo, porque aliás parecerá o inferno. Si não acreditaes, imaginai qual a vida que vivêra a pobre Marcia entre quatro paredes sob todos estes crueis despresos de Fernando que haveis testemunhado... Oh! não, nunca, antes a morte!...

TENENTE GONÇALVES.

Sim... mas...

MARCIA.

Não sei se o amor é a vida da mulher, o que

sei com tudo é que é o unico balsamo propicio á esta dôr do meu coração... Assim, em todo o caso a morte virá. . . porque pois apressal-a com essa união, que só nos uniria na apparencia? . . .

TENENTE GONÇALVES.

Mas para o publico . . .

MARCIA, *com desespero.*

O publico, o publico!—pérfido, ou ignorante, mente ou illude-se! Deos só, á quem nada é occulto, sabe o que vai por este mundo de enganados, e de lagrimas, e póde condemnar, ou perdoar!—O publico... (*Animando-se*),—o publico! que pensa elle, e que diz de mim agora?! Oh! mas eu não heide arrostar seu escarneo... não!... (*Como respondendo aos proprios pensamentos*). Heide resignar-me, que remedio tenho? fôra mal ainda maior o desespero! (*Com expansão*). Mereço o meu destino...—cahi! a vida será pois para mim de ora em diante um tumulto, ao qual descerei serena e muda, como se realmente estivesse morta. . . Morra eu. viva elle... para que quereria eu arrastal-o comigo? . . .

TENENTE GONÇALVES, *commovido.*

Marcia! como sois boa! . . .

MARCIA.

Como— amais, devieis dizer!—e que amor este, que me suffoca! devia abraçar-me de ze-

los, consumir-me de desespero, e estou calma. . . sómente o meu coração se afoga em lagrimas. . . (*Occulta o rosto no lenço*).

TENENTE GONÇALVES.

Oh! não desanimeis comtudo. . .

MARCIA.

Não desanimar eu! . . . — Tenente Gonçalves! a alma não morre, mas morrem as esperanças, os desejos, e as illusões; e essas flôres da vida murcharão para mim á muito. . . Desanimo?! — é decepção, Gonçalves! esta decepção profunda, que aleija a alma, paralisa o sentimento, e estende sobre os olhos um funebre sudario! . . . (*Pausa*). Quem hade acreditar-o! — eu que sem esta catastrophe não podia almejar um futuro. . . resigno-me a ficar assim tão peior do que d'antes! — E' como ter na mão um brilhante, e abril-a, e deixar cahir a joia no abysmo! mas que fazer não perdel-a! . . . (*Encontrando-se com D. Leonor, e Alferes Horta*). Eis aqui porém quem tudo ganha-me! (*Disfarçando, e olhando com doçura para Leonor*).

LEONOR.

Ganhar eu o que, Senhora?

MARCIA.

O amor. . . a felicidade. . . — a vida! não é assim? (*Gonçalves, e Horta, se afastão*).

LEONOR.

Oh! por compaixão não zombeis de mim! somos iguaes, Senhora! nem talvez iguaes.. Vós tendes o General á vosso favor, e eu meu pai contra mim...

MARCIA.

Vosso pai... é vosso pai! e o General não manda nos corações, ou se manda, bem vêdes que não é obedecido...

LEONOR.

Meu pai é paulista, Senhora! e o General é um Pilatos!

MARCIA.

Mas o amor é omnipotente!... E por quem é o amor?

LEONOR.

O amor de um preso... de que me vale?

MARCIA.

Fos-e de um condemnado!... Ah! deixai para mim só a tristeza, e o desconsólo?...

LEONOR, *consternada.*

Oh! meu Deos!... Senhora! (*Abraçando-a*) que triste fatalidade separou-nos!—tinha necessidade de ser vossa amiga.

MARCIA.

Tambem á mim eustar-me-hia aborrecer-vos. . . (*Desprendendo-se de Leonor*) Agora. . . estamos separadas!

LEONOR.

E será possível que assim vivamos sempre! vós não me quereis mal, e eu vos estimo, sim, estimo-vos, como si fosse vossa irmã; acreditai-me.

MARCIA.

Obrigada, Senhora, agradecida! preciso de ser amada. . . ainda mesmo por aquelles que fazem o meu tormento! Mas a felicidade jámais hade alliar-se á desgraça: olhar-se-hão sempre, a segunda com inveja, a outra talvez compadecida.

LEONOR, *tornando a abraçal-a.*

Oh! não. . . já vos disse; somos iguaes na dôr, no desconsôlo. . . (*Em grupo*). Si vós o perdeis, porque elle me ama, eu perco-o tambem, porque meu pai oppõe-se á nossa união, e eu não posso nem devo jámais desobedece-lo. Que differença ha pois entre nós?

CORONEL FONTES, *aproximando-se.*

As amigas rivaes!

LEONOR, *baixo a Marcia.*

Que homem aborrecido e insupportavel este Coronel Fontes!

MARCIA, *o mesmo.*

Não, porque?—Não ha homem aborrecido... para nós so menos: ha sim, homens máos, mal fazejos, dos quaes deviamos fugir sempre, e á todo o custo. Mas esses...—quem diria que vosso primo faria mal á alguém?...

CORONEL FONTES.

Então, ainda estão muito tristes? (*Silencio*) a Senhora D. Marcia pôde ter razão; mas a Senhora D. Leonor, que é, sem preterir outras bellas que aqui estão, a rainha do baile...

MAJOR FERNANDES, *á porta da direita.*

Muito bem, meu Coronel! muito bem! asseguro-vos que me custa reconhecer em vós um dos nossos bravos soldados da campanha do Sul, o heróe de Batovy, que tão demudado estaes agora!

CORONEL FONTES, *com fatuidade.*

Posso dizer-vos com o poeta soldado:

«Para cantar-te mente ás musas dada,
«Para defender-te braço ás armas feito!»

SCENA II.

OS MESMOS, MAJOR FERNANDES, E CAPITÃO PASCOAL.

MAJOR FERNANDES.

Oh! sei que nada adianto comvosco; pelo contrario, vosso espirito me confunde.

CAPITÃO PASCOAL, *maliciosamente*.

E o mais é que tem elle razão, muita razão!

CORONEL FONTES.

Graças á S. Ex., o Sr. General...

CAPITÃO PASCOAL.

Graças á S. Ex. ? dai graças á natureza, Coronel! que fez de cada paulista uma bellesa, como em certas paizagens transforma cada planta em uma flôr. (*Encontrando-se com Leonor, e Marcia*) Não é assim, minhas Senhoras?... (*Leonor e Marcia baixão os olhos; o Major Fernandes com o Coronel Fontes voltão ao fundo da scena*). E vós, D. Leonor! vós principalmente, que fostes a unica paulista á quem o grande General Antonio de Mello offerreco a mão de esposo.

LEONOR, *com dignidade*.

Ainda que assim fosse não teria de que enso-

berbecer-me, e vós bem sabeis que esse acto do General era pelo contrario uma afronta aos meus sentimentos.

CAPITÃO PASCOAL.

Asseguro que não, minha Senhora.

LEONOR, *sorrindo.*

Vós deveis ser suspeito, porque... deveis dizer que não servís a um tyranno.

MARCIA.

E para mim elle é bom como um pai!

LEONOR.

Não; não penseis (*À Marcia*) que elle opprime agora o Tenente Fernando, porque se compadeceo de vós... é porque teve um pretexto para perseguil-o, e espinhál-o.

MARCIA, *com magua.*

Oh! não me digáes isso, Senhora!

CAPITÃO PASCOAL.

Eis quanto é cruel a situação de quem governa!—Hontem mal comprehendido, e mal tratado por vosso pai, e hoje na vossa opinião como um verdadeiro Pilatos!—felizmente porém vosso pai reconheceu que o Sr. General é seu

amigo, sabe respeitar sua casa, e que entretanto deve promover o bem estar de todos.

LEONOR.

Oh! que bem estar! (*Com resentimento*).

CAPITÃO PASCOAL.

São demasiadamente austéras e feias estas cousas para prenderem a dedicada atenção de uma Senhora. Entretanto se fosseis D. Marcia...

CORONEL FONTES, *batendo palmas*.

Uma valsa, meus senhores!—Se o Sr. Capitão Ajudante d'Ordens dá licença...

CAPITÃO PASCOAL.

Oh! pois não, Coronel!—que estas Senhoras não se arrependão de honrarem mais uma vez o pavilhão do General! (*Á Leonor*). Uma valsa, minha Senhora! um só vôo de valsa...voemos á alguns d'esses mundos luminosos do Céu...

LEONOR, *gentilmente*.

Minha aza está ferida, Senhor.

TENENTE GONÇALVES.

D. Leonor? (*Aproximando-se*).

ALFERES HORTA.

D. Marcia? (*O mesmo*).

MARCIA.

Não. devo assentar-me, não posso.

ALFERES HORTA.

Bem ! o meu dever é obedecer.

CAPITÃO PASCOAL.

Eis-me pois só, como sou, e heide ser, minhas Senhoras. (*Marcia senta-se á esquerda, Leonor toma posição para valsar com o Tenente Gonçalves, e o Major Fernandes desce e encontra-se com o Capitão Pascoal*).

MAJOR FERNANDES.

Já tarda o General; são oito horas e meia. . .

CAPITÃO PASCOAL.

Anda talvez ahí já pelas barracas, ou quem sabe? . . . detido ainda talvez em casa do Sr. Thomaz José. . .

MAJOR FERNANDES.

Thomaz José, o celebre Ajudante d'Ordens de Antonio de Mello, que tanto lhe tem arruinado o governo e o nome!

CAPITÃO PASCOAL, *alegremente.*

Está bem! ao menos reconheceis hoje que S. Ex. não é o que dizem os seus gratuitos inimigos.

MAJOR FERNANDES.

Mas esperai: não tomeis uma palavra por outra. Antonio de Mello não é um máo homem, o seu genio impetuoso podia encontrar uma barreira salutar nos que o servem, afim de que elle não abusasse de tantos meios, e de tanta força; mas para isso fôra mister que estivesse á seu lado outro homem...—Quanto ao que houve entre nós...estou de accordo com o General: —o crime do Tenente Fernando é desses que demandão prompto e severo castigo. Ao assassino das ruas dá-se a morte: o que se fará do seductor?... Capitão Pascoal, eu heide approvar tudo que fizer Antonio de Mello para compellir meu sobriaho á remediar o mal que não devêra ter causado.

CAPITÃO PASCOAL.

Vós o vêdes: está preso e vocifera contra tudo, e contra todos, abusa em todo o sentido da condescendencia do General, e provoca-o douadamente. Hoje indo eu intimar-lhe a ordem de S. Ex. pela qual amanhã elle devia recaber-se no oratorio do quartel com D. Marcia de Miranda, respondeu que não queria, que ninguem á isso o violentaria, e que quanto aos seus crimes esperava responder por elles, porque S. Ex. era

apenas o Capitão General da Capitania, e não El-Rei para perdoál-os.

MAJOR FERNANDES.

Pois bem ; tratem-n'ò com justiça, embora sevéramente, que teráõ o meu apoio.

CORONEL FONTES, *batendo palmas.*

Começa a valsa !

CAPITÃO PASCOAL.

Certamente, S. Ex. hade fazer justiça, e diz que de hora em diante não o tratará mais como amigo, e sim como seu superior. (*Vão-se pela direita*).

SCENA III.

OS MESMOS, MENOS O CAPITÃO PASCOAL, E MAJOR FERNANDES.

Durante esta scena continúa a valsa, finda a qual os pares tomão assento, ficando — Leonor á direita junto de D. Mathilde; Gonçalves, Horta, Fontes, e outros cavalheiros em pé. O Tenente Fernando apparece então na porta do fundo, de farda e espada, pallido e concentrado.

SCENA IV.

OS MESMOS, E TENENTE FERNANDO.

LEONOR, *aparte*.

Ah! . . .

MARGIA, *aparte*.

Decidida está pois a minha sorte! agora, meu Deus! só vos peço resolução. e coragem! . . .
(*Em pranto ; a musica ao longe continia em tom menor*).

TENENTE GONÇALVES.

Fernando! meu amigo! tu aqui! como e para que vieste?! . . .

TENENTE FERNANDO.

Como e para que vim? Sabes tu, Gonçalves, o que é amar e viver encarcerado?

TENENTE GONÇALVES.

Mas não vês que . . .

TENENTE FERNANDO, *contendo-se*.

Cégo e surdo á muito, meu amigo, eu ladeio entre o amor e a perdição. . . (*Concentradamente*) neste jogo fatal da sorte lanço a ultima carta. . . a minha vida á sanha do tyranno! E tranquilisa-te, Gonçalves, de nada valem mais al-

guns dias de vida abysmados no carcere, ou consumidos no desconsôlo!...

TENENTE GONÇALVES.

Oh! volta para o quartel...o General não tarda!

TENENTE FERNANDO.

O que? sahir eu d'aqui?!...Dize ao tyranno que se quizer fuzilar-me mande formar o quadrado, e avançar a escolta, que estou prompto: o que não posso é perder agora um instante. (*Cahindo de joelhos junto de Leonor*) Leonor!..

LEONOR.

Fernando?!...(*Contemplação e extasi*).

TENENTE GONÇALVES, *à parte*.

Oh! será destino ou loucura?

MARCIA, *à parte*.

Ah! como elle a ama! e esta vista não me mata!...

TENENTE FERNANDO.

Leonor, minha Leonor! agora posso morrer!

LEONOR, *arreatada*.

Morrer porque?—pois eu não te amo, primo?!

TENENTE FERNANDO.

Sim, porque vivo um seculo n'este momento!...

CAPITÃO PASCOAL, *dentro*.

Quem? o Tenente Fernando ali?—é impossivel!...

SCENA V.

OS MESMOS, CAPITÃO PASCOAL
E MAJOR FERNANDES.

CAPITÃO PASCOAL.

Onde está elle? (*Movimento geral de terror; sussurro. Fernando ergue se tonto e recuando para traz, com a mão direita sobre o punho da espada*).

MARCIA, *collocando-se entre Pascoal e Fernando*.

Capitão Pascoal! basta de irrisão. . . eu tenho coragem para soffrer o castigo de meus erros! Não se prolongue mais este supplicio inutil! . . . Felizmente para as mulheres como eu, ali (*Apon-tando do lado do Recolhimento da Luz*), se abre um asilo propicio.—Ali vou occultar as minhas dôres! E quanto ao Tenente Fernando, não soffra elle por uma acção que é tão commum e indifferente.—Eu lhe perdôo!

CAPITÃO PASCOAL.

Mas o General, Senhora...

MARCIA.

Sim! elle tentou erguer-me do lodo, mas já nódoas indeleveis salpicávão meu vestido...

CAPITÃO PASCOAL.

E quanto o homem pôde, fará elle por vós, por felicitar-vos.

MARCIA, *solemne e tristemente.*

Mas o homem nada pôde!—si o amar e aborrecer dependessem da vontade humana, não haverião lagrimas, infortunios e desespêros!... Dizei-o de minha parte ao General...dizei lhe que amanhã as portas do Recolhimento da Luz se fecharão sobre mim, como as do sepulchro! (*A' Leonor*). Agora... Senhora, eu vo-lo restituo!—ambas o amavamos...e vosso devia elle ser!...

MAJOR FERNANDES, *com severidade.*

Não, D. Marcia! ella o perdeu no dia em que elle amou-vos.

CORONEL FONTES, *n'um grupo de damas.*

Ha na vida da mulher, minhas senhoras, uma estranha fatalidade...

MARCIA, *interrompendo-o com exaltação.*

Não, senhor!—ha somente o homem na terra, e Deos no céo! (*Vae-se*).

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS MARCIA.

TENENTE FERNANDO, *até então petrificado, e reanimando-se agora com profunda commoção.*

Consciencia ! consciencia ! . . .

CAPITÃO PASCOAL.

Silencio ! (*Imperioso*) nem mais uma palavra ! Tenente Gonçalves ! reconduzi-o ao quartel, e ponde-o com sentinella á vista na prisão até segunda ordem.

TENENTE FERNANDO, *humilhado.*

Eu vou, sim ! mas depois . . . (*Ouve-se a corneta, e a musica da guarda em continencia*).

CORONEL FONTES, *como concluindo a phrase, ou envenenando-lhe o sentido.*

S. Ex.^a que chega ! . . . (*Tumulto e confusão, em que desaparecem as impressões das scenas precedentes: vozerias e gargalhadas. As damas tomão assentos, os cavalheiros se dispõem, e o Capitão Pascoal, Coronel Fontes e Major Fernandes vão á porta do fundo, por onde com o Tenente Fernando sahe o Tenente Gonçalves—cabisbaixo, triste e cambaleando. . . Leonor, que os acompanhára timidamente com os olhos, contida pela presença do pai, deixa então escapar um soluço comprimido. O panno desce lentamente*).

NOUTE IV.

DEUS!

Sala da casa de Marcia no campo da Luz; portas lateraes mobilia rica, e no centro meza com roupas sobre uma bandeja. Muzica ao longe durante o acto.

SCENA I.

MARCIA só.

Sentada junto á meza, cosendo ou agorentando uma tunica da Ordem da Conceição em attitude triste, mas placida. Momento de silencio.

Sempre esta muzica!... E esta carta... (*Abre uma carta que tem sobre a meza*). Que me importa a felicidade, si por meus erros fui condemnada á desgraça!... (*Lendo*). « D. Marcia.—
« Meu pai protege a sua causa, e minha mãe
« tambem me admoesta. Que devo eu fazer agora?
« póde uma filha contrariar a vontade de seu
« pai?—quem me governa? á quem pertence o
« dever de assegurar o meu futuro? E não tem
« sido elle um pai exemplar e incomparavel? Já
« vê que devo resignar-me. Como lutaria eu? com
« que forças e para que? Para morrer ou desgostar
« meu pai, o que é o mesmo. Accredite que
« si o dever de filha, que me constrange a obede-

« cer sem murmurar, por si só não me consolasse; a certeza que tenho de que a faço feliz me asseguraria o bem estar e o soccego. Eu a abraço pois como a sua verdadeira amiga.. — Leonor Fernandes». (*Representando*). Candida, e bella alma!—quanta severidade para comsigo, e quanta bondade para com os outros! Ah! mas para mim tudo está acabado... Assim Deos permittisse que este papel me dicesse a verdade, que D. Leonor é minha amiga; porque não quero deixar resentimentos e odios sobre a minha memoria... Basta-me haver supportado á face do mundo o desprezo que envergonha!... (*Pauza longa.—Batem na porta da esquerda*). Ah!... (*Ouvindo e levantando-se para vêr quem é*). Que mais quererá de mim o mundo?

SCENA II.

MARCIA E O CAPITÃO PASCOAL.

MARCIA.

Podeis entrar Sr. Capitão Pascoal.

CAPITÃO PASCOAL.

Sempre serena e calma! (*Docemente*). S.Ex. solicito sempre em vosso beneficio...

MARCIA.

Sim, bemfazejo como de certo eu não merecia.

CAPITÃO PASCOAL, *continuando.*

Acaba de pôr em plena liberdade o Tenente Fernando, e manda-me dizer-vos que depois de terdes vós perdoado ninguém mais devia castigá-lo.

MARCIA.

Eu bem sabia que S. Ex. lhe faria justiça.

CAPITÃO PASCOAL.

Não, S. Ex. dice que executou a sentença que vós mesma destes.

MARCIA, *pensativa.*

Devicis dizer;—o decreto do céo. . .

CAPITÃO PASCOAL.

Pensais assim ?

MARCIA.

Diz-m'ó a consciencia.

CAPITÃO PASCOAL, *depois de alguma pausa.*

Eis aqui algumas moedas que S. Ex. reservava para vosso enxoval, e agora manda entregar-vos, como vossas que já erão. (*Dá-lhe uma pequena bolça*).

MARCIA, *commovida.*

Oh! dissei á S. Ex. que...lhe beijo as mãos como faria á meu pai, e que me deixastes em lagrimas...

CAPITÃO PASCOAL, *depois de pausa.*

S. Ex. talvez ainda hoje venha vêr-vos ; mas quer saber si é com effeito amanhã o dia, em que ainda viva deixareis o mundo ?

MARCIA, *com tristeza.*

A's matinas!—o sol de amanhã já raiará para mim por entre as rotulas immoveis de minha nova e perpetua morada. (*Pausa—concentração de ambos*).

CAPITÃO PASCOAL.

Agora quizéra dizer tambem duas palavras á Senhora D. Gertrudes de Miranda.

MARCIA.

Minha mãe...eu vou chamal-a...(*Levanta-se*).
Mas ella ahi vem.

SCENA III.

OS MESMOS, E GERTRUDES DE MIRANDA.

CAPITÃO PASCOAL.

Minha senhora...

GERTRUDES.

Sr. Capitão !

CAPITÃO PASCOAL.

S. Ex. manda-me dizer-vos que não deixeis de pensar sempre nelle, que está habituado a lembrar-se de vós como amigo.

GERTRUDES.

Obrigada...agradecida. Dizei á S. Ex. que... sua bondade me confunde ; mas eu vou para perto de minha filha, e... Nossa Senhora da Luz fará o resto. Eu deixarei na portaria do Recolhimento para ser-vos entregue a chave desta casa, que S. Ex. quiz que viéssemos habitar durante as Feiras.

CAPITÃO PASCOAL.

Bem ; estou ás vossas ordens.

MARCIA.

Boa noite, agradecida. (*O Capitão Pascoal vai-se*).

SCENA IV.

MARCIA E GERTRUDES DE MIRANDA.

MARCIA, *com doçura*.

Vêde, minha mãe ; (*Dando-lhe a bolça*) o General previo que teríamos precisão de dinheiro.

GERTRUDES.

Sim ? . . somos tão pobres. . .

MARCIA, *com alegria affectada.*

Pois agora estamos ricas, minha mãe, no Recolhimento nada me faltará, e metade de minha razão será vossa. Este dinheiro. . .

GERTRUDES, *vivamente.*

É teu, guarda-o.

MARCIA.

Vamos contar. . . (*Despeja a bolsa, e conta as moedas: pausa*). Oito doblas . . . seráõ? . . .

GERTRUDES.

Deixa-me vêr. . . (*Recontando*). Seis, e duas. oito; não ha duvida. (*Com admiração*).

MARCIA, *enternecida.*

Realmente, minha mãe o General é bom e paternal para comigo!

GERTRUDES.

Deos não desampára á ninguem, filha!

MARCIA, *dissimulando.*

Por isso heide chamar-me *Marcia da Providencia*. . . Agora guardemos nosso thesouro,

oito doblas; o meu dote, que eu renuncio em favor de minha mãe, e lh'o dou de muito boa vontade á ella, que fica neste mundo, onde o dinheiro é... tudo! (*Entregando á mãe a bolça— Gertrudes a recusa*).

GERTRUDES.

Oito doblas! que faria eu de tanto dinheiro?!

MARCIA.

O que quizerdes: dai-o aos pobres, si de todo não precisardes, mas guardai-o, é vosso; vós sois a minha herdeira, vosso seria tudo que eu deixasse no mundo.

GERTRUDES, *em soluços*.

Eu tua herdeira! eu arrastando os pés, opprimida de doenças, de miseria, e de desgosto... ainda sobreviver-te para herdar o que possúes!...

MARCIA.

Sim, porque eu... (*Graciosamente*) morro amanhã.

GERTRUDES.

Morres... eis ahí!

MARCIA.

Para o mundo, não para vós...

GERTRUDES, *aos seus proprios pensamentos.*

Com a morte que é natural e inevitavel ninguem se conforma sem grande dôr. . . heide eu vêr-te deixáres a vida aos dezoito annos. . .

MARCIA, *queixosamente.*

Eis-vos ahí triste outra vez, minha mãe! O que é esta vida? Não tive eu sempre desejos de acceitar o convite de minha tia a irmã Josepha da Soledade? Não era tempo ainda. . .

GERTRUDES.

Os prazeres que na tua idade. . .

MARCIA.

Prazeres em um desterro?!

GERTRUDES.

Sim, sim, filha! não quero affligir-te, nem desanimar-te: meu coração maternal custa porém, como te dice, á conformar-se.

MARCIA.

E' minha sina, minha mãe! já vivi bastante, já tenho muito que contar da vida. . . Não podia ter morrido quando era criança? . . . Tranquillisaí-vos, minha mãe! eu vôl-o peço: vêde como eu estou tranquilla, e alegre.

GERTRUDES, *com soçobro.*

Oh! que alegria cruel, Marcia! que tremenda satisfação a tua, minha pobre filha! . . . Seja feita a vontade de Deos! (*Indo-se*).

SCENA V.

MARCIA, E LOGO O PADRE TELLES.

MARCIA.

O meu soffrimento é supportavel. . . (*Sentando-se de novo*) mas vêr minha mãi chorar por minha causa sem poder consolal-a. . .

PADRE TELLES, *fôra.*

Esteja Deos n'esta casa!

MARCIA.

Bem vindo, Sr. Padre Telles! (*Abre a porta*).

PADRE TELLES.

Cada vez mais tranquillã, minha filha! assim te quero sempre.

MARCIA, *com expansiva sensibilidade.*

Ah! Sr. Padre! fizestes bem de vir: não me custa a morrer. . . no meu estado fôra a morte um bem. Eu queria envolver-me no sudario de minhas intimas dôres e deitar-me sobre a lagea

da sepultura! Que remedio tenho?... Quando ainda me restava essa fragil esperanza, que hontem desvaneceu-se, eu podia lutar como o naufrago, que se apêga ás ramas da praia para salvar-se... Agora que me cumpre fazer, sinão cruzar os braços, e elevar ao céo os olhos e a alma?... Mas custa-me a vêr minha mãi chorar, suas lagrimas me pésão com todas as angustias do remorso, com todo o cruôr do desespero!...

PADRE TELLES.

Jesus Christo, Arbitro da Misericordia Divina, já tudo perdoou-te, pela bocca de seu sacerdote.

MARCIA.

A voz da religião é a mesma que acalma as tempestades, e apazigua os elementos;—mas o perdão tranquillisa o temor, sem desabafar o sentimento.

PADRE TELLES.

A fé, minha filha!—a fé...

MARCIA.

Oh! que seria de mim neste momento supremo, sem esse conforto ultimo e derradeiro dos desgraçados e peccadores! Sr. Padre! acredite-me, a fé é a unica luz que ainda bruxuleia no cáhos de minhas ideias, de minhas affeições, de minha vida!

PADRE TELLES.

Descança—pois na fé... reclina-te n'esse regaço maternal, onde a alma encontra sempre o conforto da esperança.

MARCIA.

Erguer-me-hei sobre essa nuvem, si os ventos da terra não a dilacerarem antes que eu bata as aureas portas da eternidade.

PADRE TELLES.

Comprehendo os teus intimos combates, minha filha... é natural tua hesitação ao dáres os primeiros passos nesse caminho difficil da bem-aventurança, em cujo termo terás por gloria uma corôa de espinhos, e por abrigo os braços nús, e descarnados de uma Cruz!... Na tua idade, belleza, e paixão, a vida é tão cára, tem o mundo tantos attrativos...

MARCIA, *interrompendo-o.*

Não para mim... deixo-os sem pezar, attrativos da vergonha e da loucura! E mesmo porque sou joven, e desgraçada. devo pôr-me ao abrigo, e quanto antes, de novas decepções!

PADRE TELLES.

Pensas bem, minha filha! sem o apoio do nascimento, da fortuna, ou da importancia social, a belleza é um dom fatal, a mocidade um risco

eminente, e a paixão um abysmo inevitavel! Os prazeres mundanos vêem sempre saturados de fêl: rir agora para chorar logo e sempre... tomar amigos e amantes para ser depois trahido por uns e esquecido por outros... Viver trinta, quarenta annos, e depois palpar o coração, e sentil-o vazio ou dolorido!...—Chorar, carpir-se a mulher desgraçada, e o mundo rir, um rir de escarneo e indifferença!...

MARCIA, *pressurosa.*

Não, Padre, nunca!... Quem não lastimar-me não hade escarnecer de mim:—fui fraca e cabi... desapareço para sempre nesse escondrijo sagrado, em cuja entrada a oração e a penitencia impõe silencio á murmuração, e respeito á todo o mundo.

PADRE TELLES.

Sim, filha!—e debaixo dessas abobodas mudas para as vozes da terra, com estes véus purificadores (*Apontando a tunica sobre a meza*) facilmente acalmarás o tumulto de tua alma; a paz dessa morada angelica, a serenidade de tuas santas irmãs acabarão de tranquillisar-te. Então nem mais ouvirás o murmurar do vento, nem os queixumes das vagas do mundo sobre as muralhas que de nós te separarem... A tua corôa de espinhos se transformará em leve e candida grinalda; e a Cruz, em que te houveres reclinado no affogo das penas da vida, tomará azas, e te levará, anjo da resignação, á bemaventurança!...

MARCIA, *commovida.*

Sim! meu pai! (*Em pranto*), eu tinha o coração repleto de ternura, e era Deos, que eu devia amar sobre tudo... porque só elle sabe pagar um amor, como o meu!... Tarde o reconhecimento!...

PADRE TELLES.

Tarde, não filha! é tempo ainda; para Deos todo o tempo é propicio.

MARCIA, *contemplativa, depois de uma pausa.*

Sim, sim... fallai, meu Padre! fallai do céo, fallai-me sempre!—não vos digo eu que a voz da religião é a mesma que acalma a tempestade, e apazigua os elementos?...

PADRE TELLES.

E' a voz do Creador! ella resôa mais alto em teu coração: eu te deixo escutál-a. Amanhã aqui virei buscar-te. Agora... (*Olhando no relógio*) são oito horas; preciso de apresentar-me ao General. Si elle não demorar-me, ainda aqui partirei. Adeos, filha! até logo, ou até amanhã.

MARCIA.

Adeos, Sr. Padre Telles! (*Beija-lhe a mão*).

SCENA VI.

MARCIA, *depois o* TENENTE FERNANDO.

(*Marcia senta-se no seu lugar, e continúa seu trabalho em silencio.—Batem de fóra.*)

MARCIA, *sobresaltada.*

Oh! meu Deos! dir-se-hia que baterão... — e quem!... (*Batem de novo*). Não ha duvida, é elle mesmo! Santa Virgem! que mais o trará aqui!... (*Levanta-se tremula e vai abrir a porta: ao vêr o Tenente Fernando recúa, e dissimula seus transportes. O Tenente Fernando entra, e vem sentar-se junto a meza, sobre a qual depõe a barretina. Sua attitude, e gestos parecem contestar quanto até agora se tem passado. Marcia, com visível embaraco, vem então sentar-se, e cozer, sempre cabisbaixa*).

TENENTE FERNANDO, *depois de longo silencio.*

Que estás fazendo? que é isto? (*Com ingenua intimidade*).

MARCIA, *sempre hesitando.*

E... a mortalha de um cadaver.

TENENTE FERNANDO.

Mortalha!... (*Sem comprehender*).

MARCIA.

Ou a tunica de um anjo, — si Deos se compadecer dessa alma!

TENENTE FERNANDO, *commovido*.

Fallas de ti, Marcia?

MARCIA.

Ah!... (*Suspiro longo e desoppressor*).

TENENTE FERNANDO, *com intimidade*.

Marcia! são neste momento de minha prisão. (*Animando-se*). Honra e gloria á quem neste mundo levantou o primeiro carcere, forjou a primeira cadeia, e castigou o primeiro culpado! — mas dó tambem, dó ao menos d'aquelle que, depois de incorrer no odio dos homens, sob o braço fulminador da justiça, — espiou seus crimes, e sahio purificado, como o metal d'entre as chammas da fornalha...

MARCIA, *queixosamente*.

Ah! Senhor! para que vindes dizer-me essas cousas, que não posso mais ouvir?

TENENTE FERNANDO, *o mesmo*.

Para que?... nem pódes mais ouvir?... E em que seio sobre a terra derramarei eu este diluvio de lagrimas, que me affógão, sinão no teu,

ó Marcia!?!—Oh! não fôrão as angustias das cadeias, nem os terrores do carcere que me livrãrão de mim mesmo... Tu, tu foste... só tu...

MARCIA, *tentando mudar de assumpto.*

Chamáveis Antonio de Mello de tyranno, e elle deu-vos a liberdade, e perdoou-vos. Deveis confessar que não é um tyranno, deveis ser seu amigo.

TENENTE FERNANDO.

Tive-lhe odio, sim! fiz mal...sou seu amigo. . .e de ninguem mais tenho resentimento. . .

MARCIA.

Fazeis bem; Antonio de Mello queria apenas elevar-me acima de mim mesma. para vêr se assim podia eu conjurar a desgraça! (*Com expansão*). Coitado! esquecia-se de que o amor é caprichoso, e a sina irrevogavel! . .

TENENTE FERNANDO, *rasgando a tunica.*

Não te estou a dizer que o cadaver se reanima? . .

MARCIA, *queixosamente.*

Ah! Senhor! com que direito vindes arrancar-me o derradeiro refugio? . .

TENENTE FERNANDO, *levantando-se.*

Com que direito?—um direito immenso,—sinistro e diabolico talvez, mas igualmente irrecuzavel,—o passado!

MARCIA, *em desespero.*

E vindes lançar-m'o em rosto?!

TENENTE FERNANDO, *emmendando-se.*

Maldição sobre mim, si estragado pelos vicios, e pervertido pelos crimes, surgisse do abysmo para vir insultar á desgraça na magestade do seu asylo e recolhimento!... Não! si aqui vim é para... é por ti. Já t'o dice, debes crêr: nem penses que te falla aquelle Fernando descuidado e leviano... o soffrimento trouxe-me a prudencia e o bom senso...

MARCIA, *interrompendo-o.*

Não mais, não mais! hontem tinheis direito de dizer-me ultrajes ou consolações... hoje é tarde!—já me não pertenço!... O Padre Telles ouviu minhas culpas, perdoou-me...

TENENTE FERNANDO

Como si não fosse Deos quem me arroja á teus pés!... Escuta: hasde ouvir-me tudo, tudo!...

MARCIA, *à parte.*

Meu Deus ! que mais quer este homem ? Dai-me forças para repelil-o !

TENENTE FERNANDO, *mostrando um frasquinho.*

Olha : sabes o que é isto ?

MARCIA, *com horror.*

Veneno ! . . .

TENENTE FERNANDO, *com placidez.*

Si d'ora em diante não pudesse dormir, com isto dormiria eternamente !

MARCIA, *com afflicção.*

O suicidio ! . . . Oh ! não vos lembrais de Deus ! Não tendes paciencia, não supportais males tão passageiros, e tentais contra vossa vida que é um deposito sagrado do Creador, em vez de pedir-lhe resignação e forças ! . . . Porque não abjuráes antes vossos erros, e não abraçáes a virtude, que é tão doce e consoladora ? . . .

TENENTE FERNANDO.

Abjurar meus erros, e abraçar a virtude !—(*Em tom communicativo*). Escuta ! era esse baile fatal . . . não direi fatal, ahi me resgataste á preço de tua resignação ! . . . Lançado da guarda no quartel, e do quartel no carcere, meu cerebro se

confrangia á essa hora, meu coração saltava a suffocar-me, eu todo me debatia em convulsões... Era doença ou paixão?... —O demonio do tempo murmurára-me aos ouvidos não sei que palavras sarcasticas contra ti, não sei que insolitas provocações contra os nossos amores. O que então se passou em mim não me deixou lembranças; mas tuas lagrimas e exprobrações, de mistura com as iras de Pilatos se aglomerávão em meu coração, como em um calix de fêl e angustias. Nesta noite longa e quasi eterna de minha prisão eu vascillei de continuo, como possesso entre o céo e o inferno, como um condemnado entre o remorso, e a paz da reconciliação!... —Dormi... não era somno, era horrivel pezadêlo... Via-te desaparecendo n'esse tumulto de vivos, e conjurava teus algozes, dizia o teu nome, sem que ninguem me ouvisse, nem tu sequer me lançasses um olhar de compaixão ou de desprezo! —Quiz então atirar-me á esse grupo de frios assassinos, e arrancar-lhes a victima innocente... N'este esforço accordei! Olhei em torno, e vi—pallida a luz do sol, sombrio o céo, e tudo o mais extranho e desagradavel! Alguma cousa morria em mim, ou a natureza passava por uma consternação inexplicavel!...

MARCIA.

Ah!... (*Com grande oppressão ;—cobre o rosto com as mãos*).

TENENTE FERNANDO, *continuando*.

Chorei!... nessas lagrimas tão puras e copio-

zas se deluirião todas as máculas da minha vida. . .

MARCIA, *com grande esforço sobre si mesma.*

Pois bem, senhor! vossas palavras me consó-lão, mas basta. . .

TENENTE FERNANDO, *inflexivel.*

Marcia! já t'o dice: não te fallo por mim. . . aqui está o descanso e o somno! (*Mostrando o frasquinho que tem na mão*).

MARCIA, *com impelo.*

Louco, além de máo!. . . (*Dá-lhe com a mão, e faz cahir o frasquinho que se espedaça no pavimento*).

TENENTE FERNANDO *com assentimento.*

Sim, Marcia! nem eu devo morrer, nem tu ainda tão joven debes sepultar-te viva. Encontramo-nos na vida, e o amor trocou nossas almas, de modo que nem eu posso esquecer-te, nem tu deixarás de te lembrares de mim, com pesar ou odio, saudade ou complacencia. Embora separados, a presença de um recordará sempre o outro: eu serei pois sempre teu, e tu serás para sempre minha!

MARCIA, *em desatino.*

Não, não! vossa ingratidão me abriu os olhos, e

no horror de minha posição corri para Deos que me chamava... Meus votos estão feitos, e tudo acabado e extinto entre nós... Antonio de Mello approva minha resolução...

TENENTE FERNANDO.

Antonio de Mello foi por ti... não será talvez por mim agora... Enfim, Marcia! que é do teu amor? era pois uma mentira?!

MARCIA, *tristemente*.

Era um peccado... contra o qual a natureza protestava...

TENENTE FERNANDO, *attonito*.

Deos e a natureza!... tu não queres ouvir a natureza! Pois bem, Deos fallará! (*Levantando-se*). Deos mandará!... (*Indo-se*).

MARCIA, *indo até a porta*.

Não, não! por favor não volteis mais... sede feliz... deixai-me! (*Vem sentar-se*).

SCENA VII.

MARCIA, *só*.

Eis ao que fiquei reduzida!—antes de vê-lo tinha coragem, agora vascillo, e tremo!... Minha tunica, meu recurso extremo, rôta, inutil! Não, este golpe não partio só o butel... despedaçou-me

a alma!... (*Pausa*). O que me resta das minhas illusões douradas? das tão floridas esperanças que inebriávão meu coração de menina?... —As illusões desfeitas, apagadas... as flôres murchas... —e no meu coração sómente espinhos!... De tudo que eu queria, e dezejava resta-me o que eu nuena quiz, nem podia dezejar,—um amor amargurado pelo peccado, e comprimido pela vergonha!—e quem sabe si verdadeiro e duradouro!... E tudo isto apoz tão publicas, tão dolorozas provações!—alardeadas as minhas fraquezas e desditas; ludibriadas e escarnecidas por todos, desde os saráos de Antonio de Mello até as tarimbadas do quartel!... Ninguem terá compaixão de mim!—nas casas honestas meu nome não será pronunciado, e aqui fóra provocará o rizo!... (*Em soluços*). O' meu Deos! (*Cahindo de joelhos*) não fostes vós que chamastes a Magdalena!—ella era culpada, e muito... mas a minha fé, Senhor! e o meu arrependimento tambem são reaes!... (*Suffocada*).

SCENA VIII.

MARCIA E PADRE TELLES.

PADRE TELLES, á porta.

Já sei que tiveste uma má visita: quando daqui sahi encontrei...

MARCIA, interrompendo-o.

Sim, meu Padre! aqui veio esse homem que eu não devia tornar a vér... e dice-me palavras...

PADRE TELLES.

Como as que te enlouquecerão!

MARCIA.

Como as que me perderão... Ah! Padre! vós não sabeis, não comprehendéis quanto sou desgraçada!...

PADRE TELLES.

Pois bem, minha filha!—nos afanavamos de balde: a hora de descaço ainda para ti não havia soado!... Deus quer experimentar mais tua paciência!

MARCIA.

Sim, sim, Padre! e haveis de ajudar-me... agora mais que nunca preciso de soccorro, de vós... Quero esconder-me... devo fugir quanto antes... de mim mesma!

PADRE TELLES, *paternalmente.*

Como porém o conseguirás, minha filha! com o coração ainda tão repleto dessa paixão desgraçada?! No retiro e silencio do claustro teu amor váe crescer, como a sombra á quem foga da luz que a projecta... Entre ti e Deusse erguerá o espectro do passado collossal e inexoravel, e o remanço de paz, que buscas, se transformará n'uma prisão insoffrivel...

MARCIA, *com horror e desespero.*

Que! heide eu arrastar ainda esta vida cruel de remorsos e vilipendio entre o escarneo da terra, e o anathema do céo?!... —E sois vós que m'ó dizeis, vós sacerdote de Jesus Christo?!...

PADRE TELLES.

Não, filha! eu só te digo que não vás perder a tua alma! (*Ouve-se musica militar á porta*).

MARCIA, *em sobresalto*.

O General! é elle que vem!

PADRE TELLES.

Bem vindo seja!

SCENA IX.

OS MESMOS, TENENTE FERNANDO, CAPITÃO PASCOAL, MAJOR FERNANDES, E LEONOR FERNANDES.

LEONOR, *com expansão*.

Vós o amastes mais que eu... antes e depois de mim... Deos vol-o deo... (*Lanca-se nos braços de Marcia. e chorão ambas. A musica então se torna mais branda e terna*).

CAPITÃO PASCOAL, *á Marcia*.

S. Ex., não querendo por mais tempo demorar vosso tão almejado consorcio, nos manda aqui para vos acompanharmos ao pavilhão, onde o Sr. Padre Telles vós dará immediatamente a benção nupcial.

MAJOR FERNANDES, *á mesma*.

E eu, minha segunda filha..

MARCIA, *prorompendo em soluços.*

Não, hoje não, é impossível!... Amanhã, sim? —expiraria de certo antes de lá chegar... as minhas forças me abandonão... meu coração estalla entre tantas e tão diversas emoções... (*Respirando*). Amanhã... não é muito, Fernando! (*Dando-lhe a mão*). somente algumas horas de repouso!... (*As emoções e as lagrimas a suffocão*).

TENENTE FERNANDO, *de joelhos, beijando a mão de Marcia.*

Sim, divina Marcia! e que desse momento em diante reconheça o mundo em nós—que o amor, abençoado pela Religião, é a unica, a verdadeira felicidade sobre a terra.

PADRE TELEES.

A bemaventurança!...

Cáhe o panno

FIM DO DRAMA.

NOTA.

Por não retardar mais esta publicação, já tão serodia, e não avolumal-o de mais, omitto o parecer do Conservatorio dramatico paulistano, approvando este drama, e igualmente o extracto da discussão que excitou o 4.º acto. No fim do 2.º volume, em que termina esta 1.ª serie, os darei fielmente.

Tambem omitto, e pelo mesmo motivo, a lista dos senhores subscriptores, a todos os quaes agradeço o espontaneo auxilio que me prestaram, dêvido sem duvida unicamente ao seu patriotismo e amor ás letras.

ERRATA.

PAG. LINH.	ERROS.	CORRECÇÕES.
15--19	—E outro	—E o outro
, --29	—Separamoso	—Separamos ;
17--12	—bocçai	—bocca
19--15	—de á muito	—á muito
21-- 2	—compensão	—resumem
25--15	—pela	—bella
42-- 8	—Cala-ta	—Cala-te
48--15	—feria	—ferira
46--11	—deveis	—devieis
61-- 8	—sim,	—Sim.
63--20	—os nossos	—a expressão dos seus
78-- 6	—fuado	—fundo
141-- 4	—republica	—republica
168--22	—suspirar,	—suspirar
179--16	—com amor	—com o amor
191--10	—restituir e amigo	—restituir, amigo
» --17	—empenhaste	—empenhastes
192-- 2	—Louvada	—Louvado
217--12	—Ah! corramos,	—Ah! corramos
239-- 6	—Marcia	—Musica militar
255-- 9	—e perdes	—perdes

Alguns erros menos consideraveis o leitor corrigirá facilmente.

INDICE.

Dedicatória.	V
Prefacio.	VII
Caetaninho ou o Tempo Colonial.	1
Capitão Leme	115
Nota.	197
As Feiras de Pilatos	199
Nota.	308
Errata geral.	309

